









Valério Romão *O da Joana*

Uma novela

Ilustrações de ALEX GOZBLAU

Volume II
da trilogia
Paternidades falhadas



O mundo é tudo que é o caso

LUDWIG WITTGENSTEIN

À minha mãe, à Teresa, à Ralina, à Aliette

Era uma festa caseira e as pessoas cirandavam pelo apartamento em São Domingos de Rana, um rés-do-chão espaçoso, com duas marquises amplas, onde os convivas se aglutinavam, trocando, no vão das portas de correr, palpites sobre o Benfica-Sporting que se avizinhava e isqueiros. Naquelas bolsas de espaço intersticial cresciam generosas colunas de fumo, dentro das quais a civilização e o cancro avançavam, *paso doble*, prédio acima, dispersando-se pela roupa enforcada nos estendais. Era uma festa familiar, cada um dos casais convidados trouxera, dentro de *tupperwares* ou agasalhados por mortalhas de alumínio, bolos levantados em esforços maratonianos para conjugar trabalho, filhos, compras e cozinha, salgados não menos cansativos, sumos de marca branca com laranjas de sorriso asséptico estampadas, vinhos sortidos, a maior parte deles alentejanos, baratos e bebíveis, vinhos que não embucham o ego nem o destronam, garrafas que se podiam trazer debaixo do braço sem um saco-cama de plástico à volta, e batatas fritas e amendoins torrados, acepipes de toda a espécie polvilhados de canela, sal, picante ou açúcar, miniaturas em forma de estrela ou de *duomo* milanês, uma incrível variedade de coisas

que ia compondo a mesa de pinho maciço, comprada numa ida a Paços de Ferreira, numa promoção de mobiliário de linhas em desuso, que surpreendia pela aparente actualidade das formas e pela robustez de construção, e, em chegando a casa com a mesa, que entrara por uma das janelas da marquise por não caber pela porta principal, a mulher deu com uma moessa num dos cantos, inobservável na penumbra do salão de exposições, e entristeceu.

As crianças, um zurzir de moscardos anões, carambolavam um frenesim incontrolável que terminava mais ou menos na linha da cintura e, do fosso intransitável a que se chama infância, irrompiam, num salpicar de fogo-de-artifício, a variedade infindável de gritos pelos quais a energia se ia esvaindo, muito devagar, como o tempo eriçado sobre a corda do funâmbulo. Às vezes alguém tropeçava num catraio e, no mesmo passo, desmultiplicava-se em desculpas e beijinhos, ambos repudiados com a mesma convicção, lauta e audível, cujo efeito era o de acercar da fonte sonora a progenitora, atraída pelo timbre daquela choradeira concreta, num magnetismo tão primário quanto passível de ser documentado em vídeo, e, num *discovery channel* qualquer, poderia surgir o Zequinha em primeiro plano, a berrar de fúria por lhe terem calçado o mindinho e, com outra câmara e noutro plano, apareceria a Josefa, primeiro divertida, esganiçada das anedotas e, logo, alerta, focar-se-iam algumas expressões de *notável recorte primitivo*, como sublinharia o locutor, um antropólogo de Cambridge doutorado em programação neurolinguística, com carreira feita do lado de cá e de lá do Atlântico, consultor nas horas vagas, viciado em errepegês *online* e dono de uma cadela chamada *Brandy*, com a qual passeava pelos diversos jardins de Londres para meter

conversa com tantas mulheres quanto lhe fosse possível, não combinando nada com nenhuma, por se achar feio ou por respeito freudiano e retroactivo para com a mãe, nunca se saberá, guardando todas as caras, mamãs e perfumes num laboratório imaginário, onde ensaiava combinações das quais brotavam, em erecções muito aceitáveis, o palimpsesto dum desejo infundável, e Josefa, voltando a ela antes que o antropólogo acabe de terminar, seguia o rasto do choro com uma câmara como lastro, pela qual entrava um plano, transformado, à boca da tela, numa tese académica, cujo corolário era a admissão de que todos os primatas se equivaliam, pelo menos nas pulsões mais profundas e genuínas, e que tudo o resto, poesia e música inclusas, era o revestimento frágil de um corpo que não se sabia decidir a viver por dentro ou por fora, e o Zequinha, roxo da espera, que a mãe não dava com o quarto certo, soluçava, dependurado na ranhoca, o final de festa, e, do adulto descuidado, desse, nem ver.

Quem ouvisse bem e não quisesse suster a curiosidade, a pretexto de não se preocupar, podia perceber, passando por um dos poucos quartos interditos à gaiatada, que, ainda assim, respeitava algumas regras – satisfaziam-se os adultos em dizê-lo, baixinho e em conjunto –, um som, um choro, um choro abafado e contorcido, em baixo registo, e quem por ali passasse munido de um coração, no geral, e de um coração feminino devidamente calibrado, em particular, não poderia deixar de rodar a maçaneta e aventurar-se pelo quarto apenumbado, onde luziam, espalhando a claridade que se acumulara na ombreira da porta, objectos de plástico, dos quais se adivinharia, à falta de melhor hipótese, intencionalidade lúdica, carrinhos e réplicas de armas, extensões de espaço e plástico com apliques prateados

e bocados em falta e, dentro do quarto, a Joana, numa orientação de sonar, ia encurtando o espaço entre ela e o choro, sacudindo com as biqueiras dos sapatos as coisas que desconhecida-mente se interpunham entre um passo e o outro e, chegada ao berço de onde provinha o som, apartava com a ponta dos dedos os cobertores, para de lá emergir, vociferante, o choro que reclamava o aparecer da audiência renitente.

Joana, com redobrado cuidado, tacteando o bebé, que se meneava num contorcionismo de molusco, ia afastando a roupa da cama até descobrir inteiramente o corpo revestido a algodão azul, do qual eclodia, em vagas sucessivas, o choro inquieto pelo qual a gravidade afectiva se contraía numa expansão de buraco, chamando, em primeiro lugar, mulheres e, em última instância, algum homem que não ficasse indiferente à enorme desproporcionalidade entre o corpo que gritava e o grito.

Joana cria que fosse suficiente o colo para que o bebé amainasse o choro, mas este, agora na vertical e ainda necessitando de generoso apoio para sustentar o pescoço, mostrava, a plenos pulmões, que não precisava de calor humano, mas de outra coisa completamente diversa, ou porventura complementar, qualquer coisa entre o afecto e o sono, na escala de Richter dos desejos, e Joana foi capaz, dando sequência de movimento à coisa pensada, mais naturalmente do que previra, de desapertar o sutiã, para fazer assomar, na meia-luz mortiça do quarto, um mamilo de onde despontavam já (acaso a visão natural fosse munida de um generoso *zoom* passível de activação voluntária) bolsas microscópicas de leite, que Joana, com as pontas dos dedos, fazia efluir do pináculo róseo, numa erupção alva. O bebé, fosse por intuição ou pela coincidência dos actos, deixou de chorar assim que Joana pensou em dar-lhe mama.

O contacto com o leite deu-se já em relativa paz, o pequeno apenas rabeava a sofreguidão natural de um desejo ainda cego para a posteridade de si próprio, porque a identidade das coisas nestas idades, e às vezes até bem mais tarde, é como uma dor de dentes que, no momento de se dar, eclipsa tudo o resto, de tal modo que o corpo, na fome, é só boca, e, no cagar, só ânus, validando num só processo, tão primevo quanto difícil de verbalizar, Deleuze, sado-masiquismo e metade de um Freud, e Joana, sentada no rebordo da cama com o filho ao colo, na expressão máxima do afecto maternal, fazia as vezes de *pietà* doméstica para quem quisesse rodar a maçaneta e expor o quarto à luz.

A lenta mas contínua sucção que a boca do bebé aplicava no alvéolo do mamilo fazia Joana descer o reposteiro das pestanas, cansada que estava de um dia ocupado pelo espaço de dois, cansada das noites lancetadas por intervalos de choro e de fome, cansada e dorida das gretas nos mamilos, um ramal de sulcos a provar a existência da criança, se dúvidas houvesse, quando, muito raramente, acorda em silêncio, cansada das provas de afecto pelas quais cabe penitenciar-se das horas rapinadas à economia familiar entre pedidos de desculpa e de compreensão, cada parte da boca a articular um chamamento diferente numa dissonância de avecê, e o bebé, no colo, sequioso por se saciar, esperneia de contentamento, enquanto Joana, sorrindo na penumbra, lhe mexe na cabeça, mesmo junto ao atlas, numa pequena cova entre dois tendões tenros que sustêm a pele numa tensão de ponte suspensa.

Joana, de momento convertida numa ordenha fácil e disponível, recosta-se aos poucos à cabeceira da cama e os dedos da mão esquerda rodam, com cuidado, por causa da aliança

de ouro com a inscrição interior *para sempre*, que ela agora nunca tira, porque se envergonha da puberdade indisfarçável do escrito, não a tira porque lhe causa alergia ao nervo cínico aquele dizer, não a tira porque não estando preparada para a eternidade, ainda o está menos para reconhecer o erro, e, numa audácia súbita, mandar apagar aquilo para sossegar a molécula, já de si cansada do trabalho, das crianças, da vida áspera que reclama portagem a cada lance em que a imaginação tente levantar a saia às coisas, como elas, aborrecidamente, se apresentam, e, com a cabeça a crepitar de pensamentos desgarrados, numa explosão de pipocas, Joana começa a ficar excitada, primeiro sem perceber bem porquê e, logo depois, sem se importar em demasia e, com os olhos fechados, aquela zona, na nuca do bebé, que os dedos da mão esquerda alcançam é de repente um púbis invertido, um declive imberbe, onde, na concavidade mais profunda do vale, se refugia, num abandono de arbusto depenado, um clítoris vistoso a que os dedos não chegam, ou por vergonha ou por inépcia, e Joana cruza as pernas sem interromper a sucção, para, de súbito, o seu próprio monte de Vénus ser um reflexo especular e invertido daquele declive na cabeça do menino onde a mão cava círculos que o prazer vai enchendo e de onde vai sumindo, como a neve a cair num poço, e, com as coxas contraindo-se uma contra a outra, Joana vai conseguindo provocar réplicas cujo epicentro vai alternando, primeiro é aquele vale imberbe tapado pelo nevoeiro de algodão que o recobre e, logo de seguida, é um ponto no interior das coxas, uma imprecisão definida, um prazer heisenbergiano, ilocalizável, mas, decerto, mais ou menos ali, e Joana, nos raros momentos em que interrompe a apneia do prazer, pensa que aquilo tudo, uma mãe e um filho, o prazer

dúbio dos sentidos que se confundem, deve ser normal, pensa, se calhar é só um inconsciente mais a ser resgatado das profundezas da ignorância e da obscuridade, talvez de cem em cem anos tenha de aparecer alguém cuja honestidade radical deponha a nudez interior de todos os homens no sofá da terapia, e se Joana não tem pretensões científicas ou terapêuticas, não deixa por isso de ter cérebro e alguns instintos apreciáveis, convertidos neste momento à conservação da sanidade e à manutenção do ritmo de prazer, mesmo que tudo isso assente em lodo, pensa Joana, o prazer já ninguém mo tira, e o bebé chupa cada vez com mais força o leite que vai rareando dos ductos mamários, enquanto Joana meneia ligeira mas intensamente a bacia para conjugar num futuro próximo a possibilidade de um orgasmo, que poderá advir do seu púbis ou daquele loutro invertido que encontrou, numa distração de dedos, na base da cabeça do filho, homem que, um dia, não se lembrará daquilo que nunca chegou a compreender, afinal ele é só fome e choro e enquanto a linguagem não lhe cair da boca, não passará disso, de uma criatura para a qual a posteridade dos desejos não existe, é o tempo a executar-se num presente perfeito, sem rememoração do passado e sem tensão para o futuro, um único ponto que mais tarde se distenderá, em primeiro lugar, num círculo traçado pela quotidianidade e pela repetição e, posteriormente, num horizonte plano, sobre o qual Baudelaire disse serem necessários unicamente dez quilómetros quadrados de mar para sublimar a sensação de infinito.

No corpo de Joana, atordoado pela roupagem nova das sensações que já conhece, sucedem-se os tremores íntimos e toda ela ressoa numa emergência de sino, a sua respiração converge aos poucos para o ritmo que rege a respiração do bebé e nem

os gritos dos miúdos no corredor ou a voz arrastada de quem tenha bebido umas mínis a mais são suficientes para arrancá-la daquele estado, o prazer emergente gatinha-lhe pelo perímetro do corpo, e, como uma Coca-Cola transportada aos abanões, ela rebenta, primeiro pela boca, o fio ininterrupto de um gemido que vai preenchendo o quarto, e logo depois são as coxas a receberem a tepidez de uma eclosão líquida, e toda ela se contrai e se distende, várias vezes, até sobrar por cima da cadeira e por debaixo do bebé, simplesmente, um cansaço feliz. Se a vida tivesse banda sonora, pensa Joana, era agora Antony and the Johnsons, o vibrato da voz de Antony a percorrer, numa deflagração contida, os nenúfares das notas do piano, pena que o Jorge não goste do Antony ou sequer de piano, pena o Jorge preferir um pastiche de ritmos africanos em cadência sincopada de microondas, músicas de onde a própria voz humana foge por não encontrar calor onde habitar a sua presença, músicas, se o termo se pode aplicar, sem um vestígio de tragédia, ritmos desenhados na serrania monótona de um teclado, para satisfazer, e, mesmo assim, só parcialmente, a fome de agitação de umas glândulas supra-renais hipoestimuladas, e música não é aquilo, farto-me de dizer-lhe, música é história, anúncio de morte, de amor ou de culpa por expiar, um poema, talvez, a música, sobretudo a música que um poema possui ou pela qual se deixa possuir, é um excerto da vida onde a vida não chegou a pôr pé rente.

Joana esforça-se por não se deixar dormir, como o bebé, que, de olhos perfeitamente cerrados, dá sinal de despertar só quando Joana pretende afastá-lo do mamilo, cuja função alimentar se converte, sem interrupção, num apaziguamento de chucha. Joana não tem como sair dali sem lhe provocar de

novo a irrupção do choro, e ela é só isso, um vaso onde lavar a fome e o tédio, e talvez todas as mães sejam só e sempre isso, pensa Joana, pontos de aplicação da vontade dos filhos, que lhes galgam o corpo até criarem asas nos pés e passem, num repente impreciso no qual aparecem, concomitantemente, barba, tesão e esperma, a olhá-las de cima para baixo, como se mirassem uma paisagem familiar, talvez a casa onde auscultam a saudade desde o topo do mundo que habitam, e nem os sinais que as mães lavradeiras cavam no chão, seguindo as indicações dos pais arquitectos, que, sob luz miúda e difusa planeiam, noites a fio, Stonehenges e outros mistérios, inventados por quem se desabitou, por estar possuído pelo gene da transcendência, a olhar para os sapatos e para o chão, nem os sinais os fazem descer das cúpulas estelares, de onde só acabam por cair quando se deixam prender pela âncora afectiva de um amor que lhes devolva o peso, e, quando geram descendência, acabam por perder o rumo à porta de casa, deitam-se a fazer planos no verso das contas que engasgam a caixa do correio, coisas magníficas que raras vezes passam do papel, símbolos que, por ouvir dizer, confiam que lhes restituirão uma masculinidade cujo paradeiro perderam, entre outras coisas, na queda que não puderam antecipar ou evitar.

Joana?

A porta entreabre-se e é uma voz feminina que ausculta o quarto

Joana? És tu?

E de repente é a claridade que invade o espaço, a mulher, no entrar, convida também a luz, com a ponta dos dedos toca no interruptor e, ajustando a visão ao visto,

Joana, que fazes com o Martim?

E nisto, Joana mantém-se quieta, excepto pelo indicador que leva à boca, silêncio, faz ela com o gesto, o bebé acabou de comer, pensa, agora mesmo são três ou quatro horas mais de sossego ininterrupto, e isto não é de graça, se ele acordar agora vem a birra de sono atrás e nunca mais o consigo adormecer, salta uma sesta e eu uma oportunidade de mergulhar neste mar de gente, sinto-me como se eles fossem a água de quem não se lava há semanas, sequiosa de conversa, de saber das diferenças de temperatura entre o quarto e o sétimo andar, entre a Bobadela e Pirescoxe,

Joana, dá-me já o meu filho e explica-me o que se passa, e Joana, sentada na cama, não percebe o que se passa, o que tem de explicar para sanar o diferendo cuja origem desconhece, abre os olhos com a dificuldade de quem se habituou à penumbra e fita a mulher defronte dela, e esta devolve-lhe um olhar no qual mescla, em proporções indiscerníveis, surpresa, medo e zanga, e Joana não compreende o porquê de ser visada assim, como um ladrão que se atrevesse a roubar uma casa ocupada e fosse surpreendido com a mão no pote, e só paulatinamente lhe chega o sentido veiculado pela expressão *o meu filho*, e logo a seguir entra o *dá-me já*, numa sequência de moedas cujo total valesse um maço de cigarros ou um refrigerante, sendo que neste caso as moedas caem e caem sem que produzam efeito de câmbio, são somente combustível para a desordem, e mesmo sem perceber o que pretende a mulher que a interpela num tom seco, Joana sente a necessidade de se justificar, de exprimir o indizível, isto é, a sua certeza vital de ser mãe da criança que amamenta,

Olhe, não estou a ver de onde a conheço, diz Joana, mas não percebo o que quer de mim, deve estar enganada

no quarto, este é o quarto do Francisco e este é o Francisco, sorri, apontando com os olhos para o bebé que dorme no colo, embrulhado no seu sono de crisálida, veja no quarto ao lado, o pequeno que procura deve estar lá, a casa nestes dias de festa transforma-se num berçário, os nossos amigos, das nossas idades, desataram a ter filhos e naturalmente trazem-nos, e trazem também amigos seus com bebés, deve ser o seu caso, por isso a confusão, mas diga-me lá, veio com quem?

A mulher leva as mãos à boca e sustém com dificuldade um grito, mas não as lágrimas, que lhe correm pelas bochechas, tingidas do vinho ou do calor, de súbito toda a zanga é absorvida em proporções desiguais pela surpresa e pelo medo, e, a balbuciar, tenta exprimir-se, verter adequadamente e em palavras o tumulto,

Ó Joana, eu não sei o que se passa e que brincadeira é esta, mas dá-me já o Martim e a gente conversa depois, porque tu não pareces bem, e estás a deixar-me cheia de medo, se calhar devia chamar o Jorge, ou o meu marido, se calhar é melhor chamar os dois, ai meu Deus que bem me disseram que tu às vezes variavas, eu é que nunca liguei muito, ó Joana, dá-me o Martim, a gente já conversa melhor, eu ajudo-te no que puder, vais ver que tudo se resolve, agora há muita medicação e apoios e terapias, não é como antigamente, vais ver, dá-me só o Martim, por favor,

Joana tentava encontrar o fecho do sutiã com a mão esquerda, disponibilizando a dextra para amparar o bebé, procurando uma posição na qual conseguisse agarrar o pequeno com mais segurança, porque a mulher, aos poucos, avançava para ela, sem tirar os olhos da criança, e Joana, cada vez mais intranquila, sentada, as pernas dormentes da posição que haviam

assumido, lembrava-se de diversas cenas de filmes onde aconteciam coisas semelhantes, mulheres ou homens momentaneamente ofuscados de razão a empreenderem ousadias que despertavam no espectador vergonha, e de todas essas cenas retivera como substrato, unicamente, que a calma é o melhor aliado, e isso sossegava-a de algum modo, enquanto Joana não se lembrava das pistolas escondidas ou das ajudas inesperadas que essa gente tinha, daí a calma, daí a confiança num desfecho positivo.

Joana, diz a mulher, meio a medo, enquanto avança passo a passo, dá-me o miúdo, dá-me o Martim, e depõe a mão esquerda, tremelicante, sobre a boca, assim que acaba de falar, enquanto a mão direita sonda, é a ponta de um fio que entra pela artéria femural para chegar, pacientemente e sem repelões, ao coração onde habita um mal desconhecido, é o tacto transmutado em olhar a inquirir cada centímetro que queda por percorrer até chegar a Joana, e esta mantém ou aumenta o intervalo que a separa da mão suplicante dando pequenos passos amblíopes para trás, contornando a cama, ao mesmo tempo que vai dizendo: pare, afaste-se de mim, não percebo a brincadeira, nem gosto dela, já chega, chame o seu marido, ou o meu, ou alguém lúcido, que para mim isto já basta, a criança daqui a pouco acorda e assusta-se, a senhora não quer pôr um bebé aos berros, a senhora vai apanhar uma vergonha tremenda, mesmo que isto seja só uma brincadeira, uma brincadeira de mau gosto, sobretudo se for uma brincadeira, porque já deixou de ter graça, recue minha senhora, recue antes que ele acorde, saia do quarto e talvez a gente consiga evitar uma situação para todos desagradável. A mulher não recua, a mulher avança numa paciência de glaciador, a mão direita à frente, como se alumiasse o caminho com

os faróis dos dedos e a mão esquerda a fazer de tampo para a boca, uma cúpula de falanges a lembrar o topo de um vulcão por irromper, os olhos postos na criança, os olhos, tão fixos e vazios como os de um peixe a feder uma morte horizontal na bancada da praça, e a mulher avançando, apoiada numas pernas altíssimas, como juncos de rio, a ameaçarem, a qualquer momento, desabar, por causa da tremedeira que lhe sacode todo o corpo, e Joana, recuando, sem ousar exprimir-se num grito, o bebé cada vez mais enroscado no colo, a mão esquerda tacteando o colchão, como iria depois explicar aos seus convidados, pensa Joana, que lhe aparecera em casa uma mulher que confunde quartos e maternidades, porque a verdade é por vezes como o amor, necessária mas não suficiente, e sobre esse melhor pano de São Domingos de Rana, onde decorre uma festa caseira e onde as pessoas cirandam pelo apartamento, um rés-do-chão espaçoso com duas marquises amplas onde os convivas se aglutinam, trocando, no vão das portas de correr, palpites sobre o Benfica-Sporting que se avizinha e isqueiros, pode subitamente cair a nódoa da desconfiança, da diplomacia equivocada, e lavar isso implica, para além da desmultiplicação em explicações tão desnecessárias como insuficientes, uma fé que as pessoas guardem dos outros e para si, daquilo por que passam em conjunto, mais bem do que mal, uma fé que Joana, por carácter ou pelo entulho que acumulou na ravina do passado, desafortunadamente, não possui.

Cruzam a porta três homens a passear na pinça dos dedos umas cervejas, e um deles calha a olhar para dentro do quarto, onde aquela disputa salomónica decorre, em segredo, as quatro paredes a abraçarem-se num compadrio de silêncio, e o homem, não achando nada de verdadeiramente digno de

prender o passo, à primeira vista, continua a marcha, ladeado pelos outros dois, e os três riem de uma piada ou das pernas disléxicas de alguém inexperiente com a bebida, mas a imagem daquelas duas mulheres não sai da cabeça do homem, ora porque as conhece, a ambas, ora porque há qualquer coisa na cena presenciada que lhe causa confusão, uma espécie de arritmia da normalidade, e não consegue não voltar com os passos atrás, como se rebobinasse a vida com os calcanhares, primeiro sozinho, mas logo seguido dos outros dois, que lhe recuperam a presença mal se apercebem de que lhes falta um para serem três, a conta que deus terá feito quando decidiu complicar o mundo, a metafísica e o princípio da identidade, e os três homens ficam à porta, em silêncio.

Joana, virada para a porta, reconhece o seu marido, em primeiro lugar, um amigo dele a ladeá-lo e uma terceira pessoa da qual não recorda os traços, e apressa-se a fazer-lhe sinal com as sobrancelhas, com uma expressão do olhar que gatinha pelo quarto à procura de um colo seguro onde possa poisar, sem ousar desfazer o silêncio, não vá a mulher tentar uma loucura que não possa ser atempadamente impedida, é metro e meio que a separa dela, enquanto são três metros, pelo menos, a distância que a separa da cavalaria masculina estacionada na ombreira da porta, e nestas coisas das probabilidades a Joana sempre preferiu a cautela às contas e, no caso em apreço, no qual não se equaciona somente a vida e a segurança dela, mas antes a do filho, que protege numa redoma de abraço, Joana não tem dúvidas em preferir uma abordagem cautelosa, e, talvez por uma semiótica de gestos que pela urgência encontrem um fundo de sentido comum, pensa poder trazer os três homens, ou pelo menos o marido, pelo grampo do olhar, para dentro do

quarto, e estes sejam os agentes de travagem da mulher, a qual, na aproximação, mantém a distância, só e somente até a parede acabar por travar Joana e tornar inevitável o confronto.

Como os olhos dizem mais do que a boca, mesmo que esta fale sempre mais alto, a mulher, advertida pelo repentino desvio do olhar de Joana, vira-se para os homens, que continuam à porta, cada qual munido da sua expressão espontânea de espanto, e deixa cair o braço para junto do corpo, desfazendo o arsenal de poses predadoras pelas quais se acercava de Joana, e, quando vê o marido entre os três homens de cujas bocas não sai um som, mesmo que desarticulado, não logra sustentar as lágrimas, e estas acompanham o texto do qual se vê livre numa urgência de confessorário,

Fernando, tu não vais crer, esta Joana não regula de todo, eu que não emprenhava pelos ouvidos quando me diziam dela cobras e lagartos nos aniversários dos miúdos, afinal é tudo verdade, ela não regula e ninguém lhe mete a mão, é até acontecer uma desgraça, e pode ser já hoje, meu Deus, faz com que ela nos devolva o Martim, depois o marido que a leve ou o diabo que a carregue, que eu não quero saber mais disto, percebes, a mim tanto se me dá,

E enquanto acelera o compasso descritivo, pontuado pelos soluços e acentuado pelas lágrimas, que estão para o discurso oral como o *bold* para o texto escrito, sublinhando aqui e ali a frustração, a impotência, e talvez até uma inesperada inclinação para o mal, o marido de Joana, a recuperar do pasmo num vagar de coma, tenta balbuciar umas palavras, qualquer coisa que começa, inevitavelmente, por Joana, mas que não chega a findar-se em propósito, e os três homens, no beiral da porta, postos em sentido pela urgência do comunicado, ainda que

este lhes chegue abafado pela conversão em murmúrio, seguram pelo pescoço as cervejas, caídas dos dedos como fantasmas de coelhos mortos, agarram-se à sensação de terem pés e de haver um chão, porque a realidade, essa magana de piro-lito frágil e humor incerto, cabriola pelo quarto, fazendo estremecer as fundações daquilo a que chamamos, comumente, mundo, e que mais não é do que a versão comercial, baratucha e estripada de rigor de uma coisa muito mais pesada e inestética, da qual só vemos a feição, em contrapicado, quando está prestes a esmagar-nos num *remake* de *godzilla*, e todo o quarto é um barco submetido aos vagalhões da surpresa, e aquelas pessoas da terra média, de um T2 em Benfica ou de uma vivenda no bairro dos telefones, não estão preparadas para o alto-mar existencial no qual tudo quanto há se desnuda na inexistência de terra firme.

Joana, principia novamente o marido, que fazes com esse miúdo ao colo, o que se passa?

É o Francisco, balbucia Joana a medo, o nosso filho, como podes não reconhecê-lo, tem vestida aquela roupa que a tua mãe lhe deu há mês e meio, e Joana levanta o bebé para que o marido o veja, para que todos atestem a adequação do que está a ser dito, mostra-o como se apresentasse uma prova, tremelicando dos braços, à espera de que uma boca verta um veredicto pelo qual se desfaça o engano, e, enquanto Joana se expõe ao critério do júri, sente que a mancha líquida a que correspondia, ainda há pouco, o apogeu de um prazer pontual, se alastra pelo tecido das calças como uma onda que nasce de uma contracção na barriga do mar da Índia e que sobe até se parecer com um prédio de sete andares sem janelas, sorvendo, à sua passagem, barcos, casas, gente e algum animal moribundo

ou apeado por mãos humanas, até derramar os proveitos da sua pilhagem no mar infinito, que regurgita tudo quanto não lhe apraz numa praia de Moçambique, onde as crianças acorrem para vasculhar os escombros, numa fome de tesouros.

Joana, querida, o que dizes, responde o marido, que Francisco, Joana, não temos filhos, lembrás-te, meu amor? Não há Francisco nenhum, esse miúdo é filho deles, olha para eles, estamos a assustá-los, querida, dá-lhes o miúdo e a gente vai para casa falar disto, estás cansada, ela está cansada, tem trabalhado muito e não tem dormido, e faz o relato olhando para a audiência, que segue a conversa em registo de ténis, dá-lhes o miúdo e vamos embora, que eu trato de ti, estás cansada, precisas de dormir e eu trato de ti, anda, se faz favor, anda, e enquanto fala vai entrando no quarto, saindo do conforto do espectador para tomar um lugar no palco, assim forçado pelo amor ou pela vergonha, nunca terá coragem de dizer qual dos dois o impele a resgatá-la, a sua Joana, cada vez mais assustada, encurralada entre a parede e o desconforto de uma verdade impartilhável, tremendo, num registo de sismógrafo, Joana perde a força nos braços como lhe mirra igualmente o músculo da certeza e, escorando as costas na parede, desata num choro, fitando o bebé que lhe calhou nos braços numa vindima de natalidade, o pequeno Francisco convertendo-se, até para ela, num Martim desconhecido, um Martim muito mais pesado do que um Francisco, muito mais difícil de sustentar na alcofa dos braços, e Joana quer avisar que está quase a perder o miúdo para a gravidade, mas não chega a conseguir falar porque a voz embate numa parede de lágrimas e volta para trás, Joana tenta conquistar tempo agarrando cada braço com a mão oposta, mas é inútil, o chumbinho do Martim desliza-lhe

pelo colo com uma força proporcional à sua massa e inversamente proporcional ao quadrado da distância que o separa da terra, essa mãe informe que tudo reclama num abraço universal, e Joana deixa cair o miúdo, não se ouve nenhum grito, ao contrário do que esperava (diz-se nos corredores da neurologia que uma pessoa normal tarda duzentos milissegundos a reagir, e talvez não se tenha passado tanto tempo ou talvez o silêncio afogado seja uma reacção) o bebé tomba pesadamente e Joana percebe que as suas pernas, que sentia cada vez mais molhadas, estão afinal cobertas de sangue, e não consegue conter um grito.

*

Joana acorda a gritar, é tudo quanto alcança trazer do sonho. Ergue-se até ficar sentada na cama, destapando grande parte do corpo de Jorge, que continua a dormir, como se há pouco não estivesse a fazer o esforço de convencê-la de que a sua maternidade era tão incorpórea quanto o sonho no qual fundeava as suas raízes, o Jorge tem o sono pesado, pensa Joana, ainda bem, repete para si própria, ou teria acordado com este lastro de histeria que trago em mim tal como o frio que se importa para dentro de casa, e ele tem andado cansado, tem trabalhado tantas horas por dia, não merece que o inquiete com um sonho fantasioso de grávida, é tudo quanto isto é, o bebé encontrou decerto forma de trepar a sua presença para dentro do inconsciente, que acaba por o digerir assim, tropeçadamente e aos repelões, e dou por mim com uma casinha em São Domingos de Rana, eu que nunca lá fui, que nem sei se fica na margem sul ou na margem norte do Tejo, a braços com

um filho que não é meu e a fazer coisas, no escuro, próprias do escuro, mas que me envergonham, porque não são próprias de mim, e não tenho dúvidas de que haverá, em mim, um bocado tão escuro como o do sonho, que eu não conheço pessoalmente e que se diverte a fazer de mim, assim que eu viro costas à luz e abro mão da consciência.

Sentada na cama, Joana afrouxa os dedos, cravados nos lençóis, como se os lençóis fossem o chão e o chão fosse o substrato mínimo da realidade, e ajeita o cobertor para cobrir, de novo e por inteiro, o corpo de Jorge, que está frio, pensa Joana, é um Dezembro triste este que passa por nós sorvendo uns grãos de areia ocasionais da ampulheta do tempo que nos resta. De todos os meses, Dezembro é o que a Joana menos gosta, por causa do Natal, foi no Natal que perdeu os pais numa contracurva da estrada antiga que liga Lisboa ao Algarve e, enquanto Joana reclamava o sempiterno par de meias que, um dia, figurará como imagem da palavra prenda num qualquer dicionário ilustrado, os pais, engarrafados num rebanho de camiões, serpenteavam as faixas da estrada no encalço de um tempo de que não chegariam a sentir a presença. Dezembro é mau e frio, nele não viceja nada senão a dor que se repete em erupções de reumatismo, Janeiro é longo e pluvioso de contas e de correcções económicas, são os transportes, o IVA, a gasolina, o preço da bica, da farmácia, do seguro do carro sistematicamente pago no dia em que a apólice vence com um adiantamento madrugador do subsídio de férias, em Fevereiro o Jorge faz anos, e é nesse dia que comemoramos também o anúncio do fim da hibernação forçada, é o dia em que a marmota sai da toca, como no *Bambi 2*, e, não vendo a sua sombra, anuncia a chegada da Primavera, da bonança, da charneira

que no calendário opera a transformação pela qual a leveza volta a ganhar presença nas coisas e ousamos esboçar um sorriso incontagiado pelo medo, e Março é o mês mais doce, em Março nasce o meu filho, que, no seu advir ao mundo, pressagia, a eclosão, universal e feliz, de uma epidemia de flores de amendoeira.

Já se sabe que, no acordar de um sonho, seja ele qual for, a primeira coisa a bater à porta da consciência intencional são os pensamentos, a que logo se segue, assim que a tormenta das imagens amaina, o corpo, no seu processo de recuperação; e é no corpo que Joana começa a entrar, sem pressas, escorregando para dentro de si como quem veste um pijama, tomando posse das regiões de si deixadas ao acaso da sua ausência, cada qual reclamada com a naturalidade de uma invasão pacífica, é o nosso senhor que aí vem, dir-se-ia em cada posto fronteiro, acaso o corpo pudesse ser a metáfora de um campo de batalha medieval, e o primeiro registo tonal que obtém, depois de se sentir inteiramente habitada de si, é o do frio, ela que se expõe da cintura para cima à humidade nocturna e inclemente de um Dezembro que coalha a respiração diáfana em grossos pingos de água etérea, e a segunda notificação que lhe chega, no processo de desalfandegamento do corpo, é o de um espaço molhado, nas coxas e na zona do colchão que as coxas ocupam, e Joana, ainda parcialmente povoada do sonho, treme, por pensar que pode ter trazido, do outro lado do sono, mais do que a incorporeidade de um grito.

Aos poucos e a medo, Joana destapa-se, para descobrir, algo reconfortada, que não é sangue o que ocupa o espaço correspondente à delimitação de um charco unipessoal, mas, outrossim, um líquido transparente, água, conceber-se-ia,

mas a água não cheira assim, pensa Joana enquanto submete, pela ponta dos dedos, o odor ao critério do nariz, e à memória olfactiva ocorre algo, uma identificação imprecisa, Joana conhece conhecer o cheiro, sem saber, por ora, precisar-lhe a identidade, é um aroma agridoce, um aroma que a remete para o espaço íntimo dos lençóis e para a ausência selectiva de luz, e Joana não somente já experimentou o cheiro como já provou aquilo do qual ele emana, disso está certa, e quando, por final, num esgar incontido de surpresa, se apercebe de que é esperma o odor que lhe ocupa a cama, sorri, sozinha, na penumbra, a pensar no enquadramento lógico que pode dar à sua recente descoberta, e a memória, em feição de bonança, concede-lhe a reminiscência de uma consulta de obstetrícia na qual a doutora, do pináculo dos seus setenta anos, descrevera – para inesperado pudor alérgico de Jorge – o rebentamento das águas como um acontecimento olfactivamente semelhante à ocorrência de um esguicho de esperma, e Joana percebe, de repente, que lhe rebentaram, no sono, no sonho e agora, as águas.

Jorge, resume Joana a voz, Jorge, e, enquanto lhe suspira ao ouvido o nome, abana-o, Jorge, acorda, e Joana começa a destapá-lo, tentando multiplicar os meios pelos quais o pode despertar, Jorge, diz já mais alto, acorda, Jorge, rebentaram-me as águas, temos de ir para a maternidade, mas o bom do Jorge, cansado que está, faz os possíveis para não ter de sair do casulo do sono e disputa para si o agasalho do cobertor, cerrando as pálpebras, no esforço de não deixar entrar pelo reposteiro da consciência a semiluz que normalmente chega para o trazer à tona, às seis da manhã, despassarado, tacteando pelo quarto a presença da roupa que largou, ao acaso, na noite anterior,

antes de sair para tomar as rédeas do furgão frigorífico que o espera na praceta sobrelotada de carros.

Jorge, persiste Joana, enquanto procura com os dedos o interruptor do candeeiro da mesa de cabeceira, Jorge, meu amor, acorda, temos de ir para a maternidade, a criança quer nascer, Jorge, e na altura precisa em que diz *nascer* sente a barriga a empinar-se como se lhe aflorassem uns eléctrodos, a passarem corrente, num espasmo que dura menos de trinta segundos mas que a alerta para a possibilidade de lhe estarem a chegar as primeiras contracções, e Joana começa a enervar-se, não foi assim que planeou, pensa, estou no sétimo mês, é de noite, calha-me somente em sorte a previdência de ter tudo preparado, até a roupa de prematuro que toda a gente achara, na altura, uma preciosidade neurótica de alguém obcecada pela imprevisibilidade do mundo, e Joana continua, Jorge, sem a meiguice de há momentos, acorda e levanta-te que temos de ir para a maternidade, acorda, Jorge, grita já Joana, enquanto o marido, cada vez mais desconfortável, insiste em fechar-se ao mundo pela implosão selectiva dos buracos pelos quais o mundo tende a meter o bedelho, mas Joana não desiste e finalmente consegue que Jorge corra a cortina do olho, onde recebe a versão pré-matinal de uma Joana inquieta, a fitá-lo numa urgência que ele, sacudido assim do sono, não percebe de todo.

Jorge, retoma Joana, anda, meu querido, veste-te e ajuda-me a preparar-me, que as águas rebentaram, o Francisco quer nascer, temos de ir para a maternidade, promete-me que vais com calma, sabes que estatisticamente noventa por cento das pessoas se apressam em demasia na viagem para a maternidade, e que desses noventa por cento uns doze por cento, como

já te disse, acabam por ter acidentes tão desnecessários quanto improdutivos, lembra-te, Jorge, de vermos isso juntos na televisão? Anda meu amor, anda e ajuda-me, temos tempo se fizermos as coisas como deve ser, o teu filho está apressadito, e quer conhecer-nos.

Jorge, finalmente acordado, sorri para Joana e estende-lhe os lábios para um bom-dia, a que Joana corresponde com o tempero de um sorriso, e ambos se levantam, Joana mais devagar, e com mais dificuldade, e Jorge, com a presença de espírito de procurar, no quarto, as malas de viagem que Joana tem preparadas já há meses – praticamente desde que soube estar grávida – Joana é assim, pensa Jorge, uma criatura cujo *habitat* natural é um *outlook* crivado de compromissos e lembretes, desmultiplicado por dezenas de categorias coloridas a que correspondem, sectorialmente, regiões balcanizadas da vida a que Joana atende com a minúcia de lapidador de diamantes, não há como mudá-la e talvez nem haja porquê, para ele, acostumado a ter sob as mãos um volante e não a cordilheira de um teclado, é tão misterioso como o acontecimento de luz ocorrendo pela queda de água numa barragem distante.

Achas que falta pouco, pergunta Jorge, enquanto carrega duas pesadas malas e as depõe à porta, olhando para Joana, que se prepara, aparentemente, para tomar um banho, despedindo a pergunta com um beicinho de desconhecimento, e Jorge, inquieto, futuro pai inaugural, naturalmente assustadíssimo, não consegue conter a formulação de perguntas adicionais, e no tempo que Joana leva a corrigir, a seu gosto, a temperatura da água, Jorge retoma o inquérito: Joana, vais tomar banho, tens a certeza de que dá tempo, calma, sossega-o Joana, calma, e lembra-lhe que se recusa a dar entrada num hospital

a feder a esperma, como uma labrega suburbana, e que ser pobre ou remediado, afinal de contas, não constitui uma desculpa válida para comportamentos ligados, sobretudo, à educação que as pessoas aparentemente receberam na infância com a mesma parcimônia com a qual se distribuiu o bom senso, e segue para a banheira sob o olhar embeijado de Jorge, que nunca deixa de lhe gabar a generosa amplitude das curvas ou a forma como a barriga lhe cresce debaixo dos seios, como se nascesse para os amparar enquanto eles se avolumam numa generosa reorientação primordial de sentido.

À espera de que Joana acabe de tomar o banho, Jorge veste-se, ocupando-se de não transviar em demasia nas cores da camisola ou das calças, um hábito que tem origem nos tempos em que a mãe, ainda viva, se aperaltava a rigor quando ia ao médico, comprando inclusivamente cuecas novas para o efeito, que lavava de véspera, nem que fosse para ir ao clínico geral, que nunca lhas teria visto, ou previsto ver, e, como todas as aquisições de infância, insidiosas pela terrível naturalidade com que se obtêm, este hábito, longamente criticado, em vida da mãe, por corresponder, no entendimento tendencialmente marxista de Jorge, a uma espécie de subserviência pré-revolucionária, acabou por lhe ser legado, à falta de melhor e mais abundante herança, para que Jorge, sem pensar, se converta à tirania da indumentária, de cada vez que lhe calha em sorte uma consulta de rotina ou mesmo de urgência.

Joana, atira Jorge para a casa de banho, lembrei-me agora, o bebé não era para nascer só em finais de Fevereiro ou inícios de Março?

Sim, replica Joana, aparentemente sem dar importância a recém-expressa preocupação.

Então, e achas que estará tudo bem? O que quererá isto dizer?

Quer dizer que é prematuro, Jorge, mas um bebé com trinta e uma semanas de idade já sobrevive perfeitamente, as estatísticas apontam para noventa e dois por cento de taxa de sobrevivência a partir da vigésima oitava semana, e afinal ele não podia ficar aqui para sempre, não é, e, enquanto fala, Joana vai secando o corpo com a toalha turca, e as suas mãos, para quem tenha oportunidade de conviver intimamente com a mulher de quem falamos, são um acontecimento com direito a palco próprio, têm tanta certeza dos sítios das coisas que se movimentam sem que os olhos as tenham de levar pela coleira, agarrando uma escova no interior da primeira gaveta, do lado direito, por cima de uma caixa de sombras, para de seguida encontrarem o secador de cabelo a sessenta centímetros do tronco de Joana, num ângulo que perfaz trinta graus – a contar do meridiano imaginário que divide o corpo em duas metades simétricas –, e toda esta coreografia, que implica uma irrestrita confiança no espaço, acontece enquanto Joana, aparentemente sem esforço, procura, no espelho, a forma de encontrar o melhor reflexo de si própria.

Enquanto espera, Jorge deambula pela casa, dá comida ao gato, abre a porta da despensa e, acto contínuo, volta a surpreender-se com a quantidade de traquitanas empilhadas umas sobre as outras, é como se a despensa não fosse uma divisão daquela casa, ordeira como um espaço cartesiano, mas outra casa por inteiro, uma espécie de estaleiro para a fancaria que Joana recolhe, na vinda de um compromisso qualquer, um berço que encontra encostado a um ecoponto, pernetas e gasto do sol, bonecas várias a que faltam olhos, braços e pernas e roupa em

geral, e que ela leva tardes a remendar para que elas voltem a luzir sorrisos humildes de órfãos adoptados, triciclos mancos, que cham mais do que andam, uns pares de galochas de várias cores, desbotadas do uso e crivadas de buracos, uma colecção inteira de chuchas que ela vai sonhando aos filhos dos amigos, biberões e latas de leite, que se amontoam parede acima como se fossem um alvo numa feira, boiões de comida, que lhe dão sempre que vai à ajuda de mãe, em Campolide, falar do filho que não tem mas que espera e das dificuldades pelas quais tem passado para o obter a uma psicóloga estagiária que lhe mete coisas na mão, à laia do vai precisar disto, para a despedir tão depressa quanto possível e voltar para o Facebook arar uma quinta imaginária, um grande saco de plástico preto a regurgitar, pela boca, sapatinhos de bebé e, nas prateleiras, termómetros, tetinas, aquecedores, arrefecedores e desumidificadores de toda a espécie, maquinas para ouvir remotamente o choro da criança, para ver remotamente a criança, objectos ainda novos e selados à espera da oportunidade do uso, coisas por estrear no meio de coisas velhas, lixo, bugigangas, um espaço inteiro de caos em relação ao qual Jorge não ousa reclamar a ordem que reina no resto da casa, porque imagina que alguém como Joana, naturalmente organizada no limite da pentelhive, necessite de um espaço onde as coisas possam fazer num sub-mundo impermeável às regras.

Quando compraram a casa, já lá vão oitos anos, pensa Jorge, a primeira coisa que Joana mobilou foi o quarto da criança que queriam ter e, como não lhe sabia o sexo, optou pelo branco neutro, que confere ao espaço – e ao inquilino por chegar – uma aura angelical nada despienda. De há oito anos para cá, o quarto tem sido limpo todos os dias, como se estivesse a

ser ocupado por um recém-nascido alérgico, já foi remodelado quatro vezes, pintado é-o todos os anos, e trocaram, há ano e meio, a alcatifa pelos modernos soalhos flutuantes, muito mais fáceis de limpar e hipoalergénicos, e a Joana anda há meses a tentar convencer o Jorge a pôr um tecto falso, com luzes de halogéneo ou *leds*, mais condizentes com o espectro da luz natural de que o bebé, aparentemente, necessita, para não definhavar numa depressão de sueco.

Jorge, ouve-se do corredor, acorda, se quiseses, meu amor, e ajuda-me a carregar estas coisas para o carro, porque mesmo sem pressa, não quero demorar mais do que o necessário.

Jorge pega nas malas, afastando-as da voluntariosa Joana, que se preparava para arcar com a do bebé, e abre a porta para ambos saírem, descem as escadas, onde nascem ao acaso vasos decrépitos que vomitam a vegetação possível na mungua de água e de fotossíntese, Jorge à frente de Joana para poder ampará-la, acaso ela tropece, e quando chegam à porta de casa e a abrem, lá fora o frio da noite acolhe-os, as estrelas mirradas pela asma dos carros, o chão torto que nunca conseguiram arranjar apesar das deliberações da assembleia de condóminos e das visitas ao departamento urbanístico da câmara, onde foram quase sempre atendidos por um engenheiro com o corpo nos seus quarenta e picos e a cabeça no dia imediatamente anterior à notícia da aposentação, muito simpático, muito simples, nunca o trataram por senhor engenheiro ou coisa que o valha, era Manuel João para aqui e Manuel João para acolá, até nos *mails* oficiosos em que a tendência é carregar no título, e o Manuel João, simpático *ad nauseam*, fazia sempre a mesma cara de cada vez que se via forçado a responder a uma qualquer pergunta que não conseguisse circunvalar

com a sua magna gentileza, baixando os olhos e assumindo para si toda a culpa do mundo, numa pose treinada até ao tântrico, dizia, desfeito: se eu pudesse tratar disso era já amanhã, e normalmente as reuniões acabavam assim, porque, de facto, o departamento, a ter alguma função, não era a de criar, destruir ou manter espaços públicos, mas a de fazer felizes e ineficientes as pessoas que lá trabalhavam.

Ao entrar no carro, Jorge tem de afastar a tralha que acumula no banco do passageiro, as contas da luz, que abre por descargo de consciência, ou os extractos, anémicos, do banco onde têm conta conjunta, pratas de chocolate e uma dúzia de molas, apanhadas quando calha sair, de madrugada, e as encontra, jazendo, no passeio, e Joana senta-se, devagar, porque as contracções começam a ser acompanhadas por uma dor que se confunde, à primeira, com uma cólica qualquer provocada por comida chinesa excessivamente sulfatada, e Joana pensa, enquanto se dobra para entrar no carro, que deve começar, já, já, a medir o tempo que medeia as contracções, porque é nesse intervalo que reside o *jackpot* da predição do parto, e enquanto procura no telemóvel a função cronómetro com voltas em série, aproveita para relembrar a Jorge a necessidade de ligar o GPS, onde a maternidade está inserida no marcador “casa”, e a rota está pronta a ser traçada e seguida desde que Joana o ofereceu a Jorge, num aniversário qualquer.

Dentro do carro – um Nissan branco com vinte anos, arrebatado por quinhentos euros ao filho de um velhote que muito o estimara, dando-lhe bom óleo e um abrigo de garagem sem merda de pombo à vista, até uma trombose confinar o velho a uma cadeira de rodas e a uma dieta semilíquida – Jorge segue, intimamente contrariado, as directivas da menestrel

informática, cuja voz debita monocordicamente as coordenadas geográficas que sossegam Joana, enfiada na cadeira, que reclina ligeiramente por causa das costas e da barriga, ela que respira como viu num vídeo do Youtube onde tudo parece tão fácil como cortar um ovo cozido ao meio, e se nos mandassem parar agora, pensa Joana, só por estarmos a conduzir a esta hora da noite, um controlo aleatório, quem acreditaria que trago cá dentro um Francisco enjoado de hidroginástica e de alimentação endovenosa, numa pressa de sair, já aos sete meses, nem tempo tive para que a barriga me crescesse num exagero tal que não conseguisse circundá-la com as mãos e não encontrasse posição para dormir ou para fazer amor, podia ser a altura certa para experimentarmos sexo anal, como Jorge vê nos filmes nos quais as mulheres, aparentemente, gostam de tudo na cama, e não frequentei um supermercado onde usufruísse das caixas para grávidas, um autocarro com um assento para onde as pessoas me empurrassem numa delicadeza incommum, não tirei fotografias onde aparecesse um barrigão montanhoso de onde eu nascesse acoplada, não passeei despertando a inveja ou a saudade das mulheres, e, enquanto se mantém concentrada na respiração, Joana não consegue evitar a ocorrência de um pequeno conjunto de lágrimas, pelas quais faz o luto de um tempo que só existe na memória e no desejo, e, no fundo, sente-se parva por misturar o nascimento com a morte, mesmo que a morte da possibilidade, mas as coisas não doem menos por não chegarem a ser e, às vezes, até sucede o inverso, pensa, e agarra-se a cada ideia como a lianas que a sustivessem por cima de um abismo e quando acaba de sentir vergonha, pena e alegria, passa as mãos pela barriga, sorridente, e admite para si própria um pensamento que não confessará nunca, nem a Jorge

na intimidade da partilha de almofadas, que não se pode prever tudo, pensa, que não se pode prever tudo, e sorri.

Jorge conduz cuidadosamente, recriminando-se em silêncio de cada vez que calca um dos múltiplos buracos pelos quais Lisboa vai desaparecendo num vagar de ampulheta, e não evita morder o lábio à procura de um sossego que lhe fogue das mãos, suadas e intranquilas, depostas sobre o volante macerado pelo sol, e, por baixo da melhor roupa de consulta, todo ele sofre da síndrome da abstinência de certeza, Joana é que fez as contas, Joana é que comprou as coisas, Joana é que estudou todo o processo, e Jorge devia simplesmente deixar-se ir, municiar-se da confiança da mulher e esquecer a comichão interior da dúvida, céus, pensa, deve ser tão pequenino, se calhar não é maior do que um telemóvel ou um *hamster*, e de certeza que vai para a incubadora, a minha prima, continua, teve um miúdo com sete meses, muito enfezado e muito feio, que cresceu sem mudar grande coisa para arranjar emprego e mulher com relativa facilidade, e se Joana garante que vai correr tudo bem é porque vai, nem que Deus tenha de fazer ajustamentos aos planos que nos tem reservados, para coincidirem com os que Joana já tem traçados.

Sentes-te bem, Joana? Queres que aumente o calor cá dentro? Mas Joana não responde, limita-se a deixar que o silêncio faça de porta-voz de uma preocupação mais premente do que a temperatura dentro do carro, e o cronómetro do relógio marca 12 minutos e não se avista contracção, o bebé está com trinta e uma semanas, e, apesar de muito provavelmente sobreviver, poderá no futuro ostentar as medalhas inglórias da sua vinda precipitada ao mundo, seja por ser mais baixo, mais leve ou mais parvo do que os outros, seja porque adoece

mais facilmente e toda a sua vida se converte num intervalo entre atestados, e tudo isso porque eu devo ter falhado em alguma coisa, na introdução dos suplementos ou no controlo da tensão arterial, afinal sempre era uma gravidez complexa, e, mesmo com toda a terapia que recebemos, foi difícil conceber este miúdo, gastámos dezenas de testes de gravidez, até eu desconfiar dos testes, do corpo e da própria noção de gravidez (à noite, antes de dormir, pensam-se coisas estranhíssimas) e agora estamos na recta final

eu sempre disse ao Jorge que queria ter filhos, sempre lhe fiz vez claramente que a vida só tinha sentido, para mim, a três ou mais, e que nunca iria envelhecer num apartamento minado pelo isolamento a mimar um gato numa substituição oblíqua da concepção de uma criança nossa, nunca lhe menti e ele aceitou esse traçado que passámos a chamar nosso

e não sabemos como lixámos isso, como eu lixei irremediavelmente isto, devia ter tido mais cuidado com a comida, ou com as horas da comida, com os exames, com a amniocentese, que nunca me foi recomendada e não quis fazer pelo risco de aborto que comporta, com os pequenos pormenores que não consigo memorizar ou enfiar nos intervalos de uma agenda partida em blocos de cinco minutos, se calhar foi nos segundos que me espalhei, eu que andei exibindo pela gravidez fora o maior pecado a seguir ao tédio, o orgulho intelectual de ter tudo quadriculado, milimetricamente, não fazendo caso dos pequeníssimos pormenores que lentamente engordaram um monte de entulho onde o meu ego tropeçou, deixando-me sozinha a amparar a queda e a esfolar os cotovelos enquanto ele se refugia numa greta do córtex frontal, algures entre a álgebra que deixei a meio e uma receita de caramelos (que nunca

cheguei a fazer, por não saber a que equivalia, precisamente, uma *cup*, na nossa escala), para voltar outra vez, assim que eu for suficientemente estúpida para me enforçar na mesma corda da vaidade outra vez.

Quando Jorge, finalmente, entra na estrada do hospital, passaram largos minutos em silêncio sem que a barriga da Joana desse sinal de contracção e, não fora o dilúvio nocturno e a Joana necessitar de um abrigo qualquer, àquela hora, longe de casa, e podiam os dois pensar que a vinda à maternidade seria um rotundo fiasco, coroadado pela típica amabilidade dos triadores hospitalares, que se entretêm a carimbar qualquer preocupação sem desenlace mortal como precipitada e gastadora de tempo e recursos. Joana, familiarizada com a vista área da maternidade pelo Google Maps, deu as instruções de estacionamento que nenhum querubim de silício poderia debitar e não foi difícil arranjar um lugar.

Jorge acompanha Joana, trata de lhe abrir a porta do carro e, no hospital, mete-se à frente do sensor da porta corrediça, para ter a certeza de que esta não sofre de uma miopia selectiva quando a sua mulher e filho entram, ela carregando-o a ele sob a supervisão minuciosa do pai, que se desdobra nos cuidados de verificar o chão que a mulher pisa, à cata de uma imprecisão traiçoeira ou de um degrau camuflado, segurando-lhe o braço pela ponta dos dedos numa orientação de Braille, ajudando-a a acercar-se do guichê de atendimento, onde um par de olhos poisa nuns papéis por assinar ou numa revista de culinária que jaz numa gaveta aberta, e Joana, acabando de se encostar à saliência de madeira que delimita a parte de baixo do postigo, onde aparece aquele olhar transviado da realidade: desculpe, principia Joana, peço desculpa, mas a mulher não

parece ter a atenção ou a audição calibradas para a formalidade ou para o brio, e é somente quando Joana bate à janelinha do guichê que a mulher desperta do limbo onde se enfiara por sua alta recreação e alça o giroscópio da vista, em que Joana, ainda assim, não consegue adivinhar expressão humana, apenas um mutismo inquiridor que pode corresponder ao olhar de um bicho vergado pelo espanto da descoberta, contranatura, de a comida ser um granizo infinito que cai sobre a gamela de alumínio à vontade do dono, e Joana, sem tempo para sondar o comportamento humano na medida da sua curiosidade, dirige-se à mulher, educadamente: desculpe, diz, estou grávida e acho que em trabalho de parto, rebentaram-me as águas, ao que a mulher olha para ela, desta vez com propriedade, com substância, e atira, do outro lado do vidro (onde devem embater as doenças como os mosquitos no carro, ao final da tarde, quando se regressa da praia), mas isso é barriga de quantos meses, ao que Joana responde, sete, sete meses, trinta e uma semanas e dois dias, conclui Joana, com igual autoridade, e a mulher aponta-lhe uma sala, para onde Joana adivinha ter de se dirigir, pois ela não lhe diz mais nada e os seus olhos voltam a poisar nos papéis ou na revista.

A custo e apoiada no marido, que compensa a natural falta de lucidez com a disponibilidade incessante, Joana vai andando, sem dores, mas incomodada por uma estranha sensação de enfartamento, cuja origem atribui ao cansaço ou ao ar condicionado excessivamente quente, e, temendo a ocorrência de uma tontura à qual Jorge não consiga responder a tempo, vai apoiando a mão direita na parede que ladeia a sala onde deve esperar, sozinha, que lhe comuniquem os procedimentos pelos quais terá de passar para que o filho nasça, e entra,

despedindo-se, à porta, de Jorge, que lhe pergunta se vai correr tudo bem, ao que ela responde com um beijo e com um sorriso.

*

Dentro da sala está uma mulher, no canto oposto ao que Joana escolhe para se sentar, agarrada, tremelicando, à barriga, uma mulher muito nova, uma miúda, talvez, agora que Joana recalibrou os olhos à escuridão, uma gaiata esperando outro gaiato, como se diz na praça ou no autocarro, quando estas miúdas inchadas entram, exorbitantes de alegria e imunes ao vírus do cinismo que os restantes adultos fissurados expelem, entre risadas cúmplices e piadolas, e sentam-se ou ficam de pé com a mesma alegria, rodopiando as mãos pela barriga como quem descobre, emocionado, no globo giratório do mundo, a sua aldeia, a sua capital, o seu país, o seu mundo, e é isso que calha a estas miúdas carregar em longas esferas que delas emergem em linha recta, firmes como um meridiano, um mundo que promete habitar outro mundo e todos os restantes, sem lhes roubar ou invejar o espaço, e tal só é possível porque estas miúdas ainda transportam em si o misterioso gene da esperança, cujo efeito mais visível é o de ver derrotada a gravidade e que, entre fazê-las pular muito, e muito alto, também faz os seus queixos tenderem a querer chegar ao céu e não ao chão, e que os seus olhos se entretenham com as nuvens, e não com a merda de cão que também lhes calha pisar, sem tragédia.

460 DA JOANA

Joana, sem dores, sem contracções, sem certezas, acerca-se da miúda, que abraça a barriga numa espécie de casulo onde deixa repousar a cabeça e o choro, e Joana, com cuidado: sentes-te bem, precisas de alguma coisa, estás aqui há muito tempo,

perguntas ignoradas ou talvez incapazes de ultrapassar aquele abraço fetal com que a miúda se defende do mundo, e Joana fica sentada ao pé dela, tomando o lugar que deveria pertencer à mãe e, enquanto a miúda se vai liquefazendo na cadeira, Joana põe-lhe a mão na perna para lhe dizer, num entretexto gestual, que está ali, também para ela, e que vai correr tudo bem. Na salinha escura, onde as duas mulheres se amparam mutuamente, jazem umas revistas sociais, com meses de desfazamento entre os acontecimentos da capa e o interesse que se possa ter por eles, plantas sinistras de uma variedade plástica de qualidade estética discutível, uns ramos anémicos de onde morrem perpetuamente uns pendericalhos em forma de folhas, cadeiras garatujadas da espera e das falhas nas páginas do *sudoku*, cadeiras sem almofadas de protecção nas patas, a chia-rem um cio de gata quando se deslocam pela mão de um velho ou de uma grávida, rente ao chão, cadeiras de tampos e costas de fórmica verde – onde um estudante primário, macio e generoso de ossos, podia passar desconfortavelmente um par de horas –, usadas para grávidas, que podem passar um dia e uma noite inteiros sentadas, à espera de ter o gaiato ou de perder a sensibilidade da cervical para baixo, o que, acontecendo, seria um milagre epidural, passível de ser atribuído ao desconforto da fórmica, mas o que acontece, outrossim, é deixarem de conseguir precisar os múltiplos pontos de onde a dor emana e irradia, e entre o corpo e a dor desabam as fronteiras que permitem que o primeiro localize e contenha a última.

Dói-te muito, pergunta Joana à miúda, que, desencaracolando-se, devagar, lhe responde, entre lágrimas, que sim, que às vezes lhe dói muito, especialmente quando vêm as contracções, malditas, que nunca teve dores destas, e que sobretudo

tem muito medo, porque não tem ninguém que a espere quando sair com o miúdo na alcofa, já que os pais, desde que souberam da notícia, a emanciparam, tens idade para fazê-los tens idade para criá-los, e só a mãe lhe tem metido umas notas de vinte euros no meio da roupa interior para que ela passe um pouco melhor da fome e das vontades de doce que, a meio da noite, a perturbam tanto que só ao fim de comer uma pequena porção de um pacote de açúcar, surripiado à bica matinal, consegue finalmente dormir um sono em competição com a fome. Joana não se coíbe de fazer festas no corpo da jovem e sente-se responsável por ela, porque todos participámos, de algum modo, em capítulos da história onde concorreram as reivindicações que deram origem a isto, à possibilidade de uma menina de 17 ou 18 anos, não mais, vir ter sozinha um bebé ao hospital como se tivesse trinta e uma estrutura mental capaz de suportar a dor do parto e a tragédia da perda, indelével, da identidade dupla que carrega. Ao mesmo tempo, e porque vem equipada, de série, com muitas lentes, Joana sente por aquela rapariga, que se entrega sem recusas a mastigação hospitalar, uma inveja, uma inveja da sua barriga curvilínea, que em Joana corresponde, e eufemisticamente, ao promontório de onde se adivinharia a acumulação de meses de cerveja e tédio, inveja das próprias contracções com as quais Joana seria a mais feliz das mulheres, acaso acabassem por vir, umas dores santas que são a escadaria pela qual o bebé vai gatinhando até chegar ao postigo por onde será expelido, numa versão precoce de homem bala, inveja da atenção que ela terá tido, com aquela barriga e com aquela idade, na rua, a passear o caniche deslavado que antes fazia as delícias das velhotas, obrigando-a a parar para que, uma a uma, as velhas lhes dessem a

costumeira cachaporra no toutiço, a pretexto de que os cães só sentem o carinho se for másculo, e agora o cão refugia-se por detrás dela enquanto as velhas, mal a vêem – não é a filha do Esteves, aquela menina que está para ter menino –, se levantam do lagartário em que se transforma rapidamente uma esplanada nos dias de Inverno com muito sol e a circundam, sem qualquer tipo de educação, enquanto se entretêm a meter as mãos onde os olhos há muito não despoisam, e só saem, satisfeitas, quando é o próprio inquilino a reclamar, pelo pontapé, a tranquilidade de uma fotossíntese regeneradora: mexeu-se, dona Alípia, mexeu-se, acho que já me conhece, este menino.

A menina, aparece uma enfermeira por detrás do que parece ser uma cortina de duche, a menina venha comigo, e a menina, ao ouvir estas palavras, crava os dedos, reactivamente, em Joana, aflita por protecção, ela que ainda está mais perto de ser filha do que de ser mãe, malgrado a barriga gigantesca que carrega, e Joana pensa, num momento de que não guardará memória nem confissão: gostaria de ter uma faca para poder fazer uma incisura no corpo frágil e plástico desta miúda confusa e, entrando nela aos poucos, pelas costas, magicamente, como no espelho de Alice, até lhe ocupar o espaço todo do corpo, numa invasão de parasita, carregá-la como uma segunda pele, sorridente, para a sala de partos e impressionar (pelo tamanho do meu ventre, impado de vontade de desovar) os médicos, que, entre a condescendência e a brutalidade (os registos mais naturais que exibem), não conseguissem tirar de mim mais do que o exagero de um sorriso de que nunca me desfaria, nem mesmo quando, no último *push*, me saíssem o miúdo e a miúda: são gémeos, perguntariam, não, é o meu e o dela, responderia eu, sem desfazer o silêncio ou o sorriso,

e é esta a última imagem que levo quando a miúda sai dos escombros do meu abraço, mão estendida como se a puxassem para a inauguração do jardim-de-infância: mãe, quase que ouço, não conheço os meninos, ninguém gosta de mim, e sinto-me tentada a responder-lhe, enquanto os seus dedos acabam finalmente por escorregar dos meus, que vai correr tudo bem, e que não pode não gostar do que não conhece, mesmo que admita, intimamente, que estou a mentir.

Joana fica sozinha quando a miúda desaparece pela cortina de duche e, de repente, no quarto, não há nada mais para fazer senão esperar, contemplando longamente a barriga que não cresce, uma barriguinha de sete meses e, ainda assim, envergonhada, e Joana imagina-se numa fila de grávidas nuas, numa fila onde o propósito eugénico fosse atestado por um oficial-médico de serviço, que vai apalpando as barrigas como se aferisse a calibragem de bons pêssegos, e, chegado à minha, pensa Joana, o homem recusa-se a apalpá-la e olha-me como se fosse um fruto fora de tempo ou qualquer coisa tocada do bicho, e faz sinal com os dedos para que dois soldados ajudantes me levem, eu que nem ofereço resistência, afinal estou a envergonhar o Estado, a envergonhar-me a mim, e eles carregam-me dali para fora enquanto uma ou outra grávida não evita o acontecer de um choro, contido a custo pelas mãos que recobrem a cara, porque um fruto bom não chora, como se sabe, um fruto bom não chora, e eu sou atirada para dentro de uma câmara de combustão, o meu cabelo vaporiza-se, imediatamente, e a minha pele sobrevive o tempo de vê-la carbonizar e cair, num desabar de carvão, e só os meus olhos resistem, estendidos no tapete rolante que percorre todo o forno, e os meus olhos carambolam um no outro e, quando tudo pára,

por um dos olhos vejo a ponta de uma pá a recolher a cinza do que terei sido e, pelo outro, as mãos de um oficial a colherem-me como se fosse um berlinde de gaiato, antigo, descoberto num pico de nostalgia.

Cerca de meia hora depois de a miúda se ter ido embora, fazem entrar Joana. Neste período de tempo, Joana já pensou que deverá voltar para casa em breve, dado estar sem contracções e haver a possibilidade de ter confundido o rebentar das águas com outro fenómeno fisiológico, igual e abruptamente líquido, e ela, que esmorecia um pouco ali, sentada na cadeira a folhear o passado, levanta-se e entra num pequeno gabinete, onde um médico jovem revolve, entre dentadas, uma sandes enrolada em papel de alumínio, e algumas palavras chegam a Joana, também elas mastigadas, e Joana tem a dupla função de reconstituir e de ouvir a reconstituição, e vai respondendo, malgrado a dificuldade e a inesperada tarefa suplementar, que sim, que estou grávida, de trinta e uma semanas e dois dias, que tenho tudo em ordem, os papéis, a caderneta de mãe, os exames, e se devia estar em casa, interroga-se, na sequência de uma pergunta do médico, se calhar devia, mas rebentaram-me as águas esta noite, enquanto dormia, e tive algumas contracções e decidi vir para cá, devagar, que as estatísticas sobre acidentes de carro com mulheres no final da gravidez são alarmantes, e agora não me dói, não senhor, nem sinto qualquer contracção, pelo que imagino que terá sido um falso alarme, e que ainda vou a tempo de o ter mais dois meses para mim, para que em mim ele se robusteça, e vemo-nos daqui a umas semanas, correcto?

O médico, finalmente recomposto, acede a sair do conforto do seu cadeirão em semipele e vem examinar Joana, que se

despe como se conhecesse intimamente a rotina do diagnóstico, pondo à mostra a barriga, que parece um daqueles pães-de-ló extraordinários, que mirram imediatamente assim que apanham uma corrente de ar, e o médico, de estetoscópio em punho, assenta o cone frio do instrumento na barriga da Joana (uma coisa que nem parece um estetoscópio a sério, antes um pré-histórico aparelho auditivo, do tempo das fotografias a sépia) enquanto tenta manter uma descontração hiper-realista, decorrente do hábito de lidar com as fronteiras da vida, um ar de quem fosse acordar agora, sem sobressalto, e antes de tomar o pequeno-almoço continental fizesse o jeito de reconstruir o desarranjo de uma perna mutilada pelo ferro de um acidente de carro, e vai mudando de sítio a boca do estetoscópio, num ajeitar de antena de rádio, à procura da melhor forma de apanhar aquela frequência específica, um tum-tum agachado e rápido, mascarado pelo acontecimento de um tum-tum adulto e grave, e destes só obtém, aparentemente, o segundo, um tum-tum alto e grave, que recusa desaparecer, e que aumenta de frequência à medida que o exame continua e o sorriso do médico vai ganhando um peso flácido que lhe atira os cantos da boca para baixo, nivelando horizontalmente a linha da boca, cujo único propósito é, finalmente, separar os lábios.

Traga-me o CTG, atira bruscamente o médico para a enfermeira, que se entretinha a fazer pontas num canto da sala, e enquanto ela vai e não vem, ele continua a auscultar-me o balão flácido, mais nervoso, menos capaz da tirada de circunstância, e eu própria começo a tremer ligeiramente das pernas, porque o médico já terá passado pelo menos duas vezes por cima de cada ponto de auscultação possível, sem qualquer sinal que o obrigue a uma paragem, que lhe detenha a fúria de

sonda, e de repente entra a enfermeira empurrando um carro encimado pelo CTG, o cardiotocógrafo, que mede as contrações da mãe e os batimentos cardíacos do bebê, rapidamente me acoplam a cinta do CTG, através da qual são traduzidas as vozes das entranhas em gráficos delicados, com que os médicos se entretêm a recuperar a pouca álgebra do segundo ano de curso, e logo que estou calçada com aquela banda elástica, o médico liga o monitor para constatar que ambas as linhas não chegam sequer a Richter um, e o médico opta por dar um chapadão calibrador à máquina, da qual sai um arrepio de estalactites grafadas, logo seguido de um microclima de silêncios e planícies, nunca desfeito pela manipulação que a enfermeira faz da cinta, ajeitando-a para a direita ou para esquerda, à cata de uma vibração tímida, porém, nada, só um silêncio enorme, na máquina, na sala, no médico, que leva a mão ao cabelo como se acabasse de acordar e lhe tremessem às mãos diante de uma artéria com volume de barragem infradimensionada.

A senhora, resume o médico, deite-se na marquesa que tenho de lhe fazer uma apalpação, e a enfermeira traga-me um ultra-som portátil e gel, rápido, para que cá esteja quando eu acabar de ver esta senhora, e a enfermeira sai, lesta dos pés, há velocidade no ar, o tom do médico imprime urgência.

A senhora, quando é que diz terem-lhe rebentado as águas?

E Joana responde que foi às quatro da manhã, mais coisa menos coisa, ela estava a sonhar e de repente acorda, no sonho tinha toda esta zona coberta de sangue, diz, apontado para o púbis, e foi muito, pergunta o médico, foi, doutor, muito mesmo, parece que tinha feito chichi na cama, e tinha um cheiro estranho, assim, o doutor sabe, a... a maresia, completa

o médico, não, não era exactamente a maresia, mas pode ser, no fundo são cheiros que podem nutrir semelhanças, não somos provadores de vinho, não é, e diga-me doutor, diga-me o que se passa com o Francisco, enquanto que o médico, com a mão metida na vagina de Joana e munido de uma luz no cimo da testa, numa espeleologia de resgate, se contorce em silêncio, à procura, com a sonda dos dedos, de uma qualquer mensagem nalgum Braille pelo qual ainda se possa ler e escrever vida, e entretanto chega a máquina da eco, pela mão da enfermeira, que se encarrega de besuntar de gel Joana, cada vez mais confusa e assustada, e, em poucos minutos, o médico está empunhando aquela caneta pela qual faz mover os *cumulus nimbus* no monitor de quatro por quatro a vomitar cinzento, e o médico varre aquela zona

a casa do Francisco, o corpo do Francisco, o coração minúsculo do Francisco

à espera de vida débil, impassível de ser gravada pelo sismógrafo das contracções, e, finalmente, suado, cansado e desiludido, pára, e diz: o Francisco está morto, desculpe, não sei o seu nome, Joana, responde ela, o Francisco está morto, Joana, lamento, já estava morto quando chegou cá, e não há nada que possamos fazer, lamento, lamento muito, Joana, e agarra-lhe a mão, que Joana, involuntariamente, afasta do médico e guarda para si.

*

Como é que é possível, doutor, grita Joana, de pé, enquanto o médico olha para o chão em busca de um padrão pelo qual se possa distrair da conversa, deixando ligado só o

módulo de resposta automática, como é possível o meu bebé mexer-se, ainda há umas horas, antes de eu adormecer ele sapa-teava cá dentro, parecia que eram dois, e agora está morto? Quero uma segunda opinião, ouviu, quero uma segunda opinião, de um médico que tenha cortado o cabelo nos últimos dois meses, e Joana passa por ele, meneando-lhe sem cuidado o trunfo de caracóis, que lhe cai pelos olhos, de um médico com pelo menos trinta anos, que saiba a que correspondem as extremidades do estetoscópio, não de um garoto que, depois de enfardar uma sandes de presunto, me mete a mão para me dizer que o meu filho está morto, uma segunda opinião, percebe, quero uma segunda opinião agora, enquanto algo pode ser feito!

O médico sai da sala, a enfermeira fica, ladeando a maquinaria que trouxe e fingindo calcar nuns botões só para não ter de olhar para uma Joana ensimesmada numa tempestade tropical de dúvidas que lhe desabam sobre o corpo desnudo, o promontório da barriga a receber os calhaus de granizo, numa displicência estoica, respostas nenhuma, respostas, nenhuma, meses, anos de planificação milimétrica reduzidos assim, a ruínas, numa noite na qual Joana não consegue apontar especificamente culpas a quem quer que seja a não ser a si própria, porque em alguma coisa Joana deve ter errado, os bebés não morrem por dá cá aquela palha, há miúdos que sobrevivem dias a fio em lixeiras, de onde os retiram azuis de frio, e crescem saudáveis, ingerindo um leite a raiar o prazo de validade, cedido pela caridade local, um bebé é muito resistente e, se o meu não foi, a culpa é minha, fiz ou não fiz coisas que deveria ou não deveria ter feito, e Deus perdoa muita coisa, mas não os orgulhosos, e foi por aí que entrei na sua má graça, ele que

me estendeu o mais fino tapete para mo poder tirar quando estava prestes a meter as mãos no puxador da porta do palácio, e Joana, que quer absolutamente evitar o choro, que prometeu a si própria interdité-lo enquanto estivesse no hospital, fosse por bonança, fosse por isto, agora, acaba por deixar cair uma lágrima, que lhe percorre o braço até ao nódulo do indicador da mão direita, fechada, como se fosse bater em alguém, e cai. Quando também a enfermeira deixa a sala, Joana senta-se finalmente numa cadeira, a do médico, e, muito calmamente, com as mãos por cima da barriga, começa a falar com o Francisco, se estás bem, pergunta-lhe, que é uma pergunta parva, ela tem consciência disso, mas não consegue evitar fazê-la, porque não acredito na morte, diz, não sou tão estúpida que acredite na morte, sobretudo a daqueles que nem chegaram a viver, é uma contradição, percebes, meu filho, e as mãos dela circundam a barriga como se tivesse recolhido um cachorro atropelado, e a felicidade no mundo se calhar vive destas coisas, de contradições, de excepções, das percentagens mínimas pelas quais a maioria confirma uma e outra vez a doçura da normalidade, e não deveríamos eu e tu ser a excepção, porque as excepções são queimadas debaixo do foco solar do microscópio, enquanto têm uso, e de seguida são depositas em contentores com uns símbolos de perigo, à espera de serem duplamente incineradas (dois olhos a carambolarem um no outro, e um vê, de um lado, uma pá que recolhe o pó, e o outro vê um coronel que o recolhe numa nostalgia de berlinde) e logo somos uma palmadinha nas costas, pelo contributo científico, e um *paper* a falar da morfofisiologia do ducto mictório nas crianças de sexo masculino, um arroteo de coleccionismo académico para alguém conseguir mais meio ano de bolsa de *post-doc*, o que, numa altura

de vacas magras, é tudo menos o desemprego e a rua, onde, a cada dia, caem mais pessoas, inclusivamente à porta da casa de estranhos, os quais têm de as rebolar para fora da soleira para conseguirem entrar.

O médico mais novo entra com um médico mais velho, e antes mesmo de darem atenção a Joana, que se levanta abruptamente da cadeira, vão para junto do CTG e dos seus riscos insossos, e daí passam para o ultra-som, não sem antes trocarem umas impressões, em surdina, e, chegados ao instrumento, o médico mais novo começa por mostrar como o manejara em cima de Joana, e o que terá feito quando captou as imagens que deslizam pelo visor num *slideshow* meteorológico, e o médico mais velho vai fazendo uma pergunta aqui ou ali, sublinhadas por um sorriso quando o médico mais novo explica, aparentemente de modo adequado, o que o mais velho pretende ouvir, e, acabada a pequena procissão pelas máquinas, os dois trocam mais uma vez algumas impressões, e o mais velho, de bacalhau esticado, vem ter com Joana, que lhe recebe a mão numa estranheza de estrangeira.

O meu nome, cara jovem, é Reinaldo dos Santos, sou chefe da unidade de obstetrícia do hospital e queria trocar algumas palavras consigo e, se possível, examiná-la rapidamente.

O doutor Reinaldo, arvorado de um sorriso amigável em registo contínuo, conseguiu que Joana lhe desse a mão por uns breves segundos, nos quais ele se entreteve a baloiçá-la como se ela estivesse morta, sendo que, para a vontade de cumprir ritos sociais, de facto o estava, e logo retomou a conversa, enquanto a mão de Joana caía pesadamente de encontro ao corpo: posso, interroga o doutor Reinaldo, municiado do seu

próprio estetoscópio, e leva-o de encontro à barriga de Joana, que a esta parece cada vez mais um montinho de toupeira onde alguém calhe tropeçar por descuido, e, com o cone metálico do aparelho, previamente aquecido pelos seus humores quentes à porta da boca, o doutor Reinaldo dá voltas e voltas à barriga de Joana, religiosamente, até voltar a pousar na mesa o estetoscópio e, num tom solene: o seu filho está morto, não há nada que possamos fazer, mas temos de o tirar, e a minha obrigação é informá-la das alternativas de que dispõe, se quiser falar já sobre elas.

Joana, recolhendo a *t-shirt* sobre a barriga, o que aconteceu, doutor, como é que o meu filho morreu e porquê, se ainda ontem à noite o sentia mexer-se tão bem? A estas perguntas, replica o doutor, não lhe vou poder responder, há tantas e tão diversas explicações possíveis, como deve imaginar, a senhora até pode ter uma incompetência cervical, sabemos lá, e isso ter sido a causa do início de trabalho de parto prematuro, mas isto são conjecturas, peço-lhe para não as levar a sério, e considerar somente os resultados finais do que conseguirmos apurar pelos meios complementares de diagnóstico a que será submetida, e finalizando o intróito à explicação de coisa nenhuma, o doutor Reinaldo dos Santos deixa cair os olhos no linóleo e junta as mãos, rebolando os polegares, enquanto Joana olha para o médico, à procura de um ponto de seriedade que a impeça de rebentar num riso, e não consegue, explodindo como se estivesse a reter toda uma década de comédia, e agarra-se à bata do doutor Reinaldo dos Santos, Chefe da Unidade de Obstetrícia, e assoa-se a ela, rindo, rindo, e, quando consegue, por uma vez, parar de rir uns cinco segundos, pede desculpas ao médico, desculpe, doutor, não sei o que entrou em mim, e, assim que

acaba a frase, recomeça a rir, histérica, e o médico dá dois passos atrás, como se quisesse evitar a exposição ao contágio.

Ouçã, diz o médico por cima do riso de Joana, a senhora tem um problema aí, não me diga, interrompe Joana, e ri, a senhora tem de tirar esse bebé imediatamente, Francisco, chama-se Francisco, a senhora tem de tirar esse bebé, Francisco, PORRA, chama-se FRANCISCO, preciso de soletrar, e põe-se defronte do doutor Reinaldo, de braços abertos e barriga para a frente, apontando o pré-nado-morto como uma arma, a senhora, prossegue o médico com calma redobrada, entrecortando cada sílaba com uma generosa golfada de ar, de que se vê livre no final da sílaba seguinte, a senhora, até pela sua saúde, sobretudo pela sua saúde, tem de tirar o Francisco, para que possamos determinar as causas da morte, aferir do tempo que passou desde que morreu e evitar a possibilidade de a senhora contrair uma infecção, uma infecção?, sim, não é saudável carregar intra-uterinamente um feto morto, pois os tecidos têm tendência a degenerar e podem surgir focos infecciosos, quer dizer que o meu filho, dentro de mim, é como um rato morto na vagina, um bocado de carne à espera de ser dissolvido numa baba de bactérias, é uma imagem bonita, doutor Reinaldo, não é bem isso, intercala o médico, a senhora está a exagerar na metáfora, eu sei, responde Joana, mas só sei ser assim, de qualquer modo, resume o médico,

exagerada,

de qualquer modo, é necessário proceder a isso. Tem de assinar uns papéis e poderemos posteriormente proceder ao parto. Ao parto? Sim, evidentemente, isso não pode ficar aí, FRANCISCO, F-R-A-N-C-I-S-C-O, efectivamente, o, o, o Francisco, vê, vê como não custa, interrompe Joana, o Francisco, por tudo

quanto enunciei, não poderá ficar aí e, ademais, têm de se apurar as causas pelas quais tudo isto aconteceu.

A culpa é minha, atalha Joana, não é nada, menina, não é nada, replica o médico, enfasiado, a culpa pode ser de milhentos factores, só depois de uma correcta autópsia, é minha, continua Joana, ora, só depois da autópsia, o cervical incompetente, que desencadeou o parto, lembra-se, culpa minha, interrompe Joana, mas isso é uma teoria, uma explicação possível entre muitas outras, gesticula, exasperado, o doutor Reinaldo dos Santos, nem sabemos se de facto é assim e já estou arrependido de lhe ter atalhado essa possibilidade, a culpa é minha, murmura, mais para si própria do que para alimentar a conversa, seja, interrompe o médico, mas dê-nos uma oportunidade de provar que está enganada, combinado?

Os interlocutores, findos os argumentos, baixam os olhos e fixam o chão do hospital, e é isso que acontece quando as pessoas têm de estar juntas sem que lhes ocorra nada para dizer, é isso ou falar do tempo, mínimo múltiplo comum do diálogo, que não surge por manifesta desadequação para com a tragédia, que ainda é o monocarril pelo qual as conversas seguem, e Joana pergunta ao médico qual a melhor solução para o Francisco, o que ele aconselha, se estes casos são vulgares deve haver um procedimento-tipo, sugere, uma metodologia pela qual o sofrimento de todos seja minorado, e o médico, arqueando os sobrolhos, diz-lhe que sim, que o melhor, na óptica dele, seria provocar o parto, já que o corpo se preparava, mesmo desavisado, para isso mesmo, provocar o parto e levá-lo até ao fim, e depois far-se-iam os exames indispensáveis para apurar a causa de morte, e ver-se-ia se com Joana estava tudo em condições.

Doutor, murmura Joana, não quero que o meu marido saiba disto, não quero que ele assista a nada a não ser ao parto, compreende, quero mantê-lo à margem da morte até que não seja possível não o fazer, e isso, para mim, é imperativo, se alguém deve sofrer, que seja eu, entende, doutor?

Minha senhora, o que me está a pedir para fazer é mentir, sem que possa perceber porquê, afinal é o seu marido e, se gosta de si, há-de perceber muito rapidamente o que se passou e há-de querer ajudá-la, além de que não quero sujeitar a minha equipa a um teatro para que o seu marido não esteja consciente de qualquer coisa de que toda a gente está, até porque, eticamente, é deplorável, percebe, minha senhora?

Ouçã, doutor, e Joana começava a impacientar-se, andando de um lado para outro no gabinete, que se estava a tornar esconso para tanta tensão acumulada, eu sei que Jorge não tem estofo para ouvir uma notícia destas, e que de certeza que para além de um bebé morto no final de tudo vamos ter também um casal morto e que, ao invés de superarmos a tragédia e ficarmos mais unidos, vamos entrar no jogo das culpas, até um de nós lascar com a cara no precipício e desistir, deixando o outro entregue à sua sorte, e não é isso que eu quero do meu marido, ou do resto da minha vida, e tenho a certeza de que a minha quota-parte de sofrimento, por hoje, está inteiramente saldada: não concorda, dirigindo-se, áspera, ao médico, que mantém, pela postura, um distanciamento ético, e que, de mãos juntas encostadas às pernas, se distrai a rebolar os indicadores para entreter o tempo.

O médico manda sair a enfermeira e o colega mais jovem com um gesto de dedos, e vira-se para Joana: que não tem qualquer tipo de assunto com o casal, diz, que não quer saber se

se dão bem ou se se dão mal, ou se comem de costas voltadas, que aquilo – e aponta para o espaço circundante como um rancheiro a atalhar com os braços a contagem de cabeças de gado – é dele, e que não se vai curvar às premissas subjectivas de uma doente, por muito complexas que sejam, para satisfazê-la, envergonhando, no processo, um departamento de que ele levou tanto tempo a reabilitar a imagem: percebeu, minha menina, e não é qualquer pé-rapado dos subúrbios que me vai fazer sequer pensar o contrário, e finaliza o ultimato com um soco na mesa, através do qual Joana devia sentir o agulhão do pequeno poder a entortar-lhe a coluna para que ela se declinasse num sim japonês, mas Joana, sempre a olhar para o chão, calmamente, apenas diz: vou sair daqui, vou sair daqui e vou a outro hospital, onde conheço pessoas que não terão problemas em salvar uma de duas coisas, e quando sair vou certificar-me de que borro o batom, que meti à pressa, para, quando chegar ao hospital, dizer: estava tudo a correr bem, até o chefe de serviço mandar sair as pessoas que estavam na sala e me dizer ao ouvido – entre outras obscenidades irreproduzíveis – que não havia nada que lhe desse tanta tesão como foder a mãe de um feto morto, e quando eu lhe respondi, em primeiro lugar, que não, para logo depois lhe voltar a negar o gesto de cinco mil euros, que ele achava suficientes para fazer desabar o desagrado inicial, o desgraçado tentou beijar-me e só não aconteceram mais coisas porque eu fugi, e sou capaz de condimentar a história com umas nódoas negras de uma queda nas escadas, que os juízes tendem a adorar quando se trata de grávidas.

Você, e enquanto diz isto saca de um cigarro do bolso da bata, que acende com um isqueiro do Benfica, igual a um que Joana vira no sonho da noite anterior, a ser passado de mão

em mão na alçada de uma porta corrediça, você ainda se mete praí numa alhada com isso aí dentro sem sabermos

Francisco

sem sabermos há quanto tempo faleceu, e ainda apanha uma septicémia e deixa de precisar de inventar histórias macabras para conseguir desfazer gravidez e casamento de uma só vez, e eu estou quase a chegar à idade de me pirar daqui para fora, portanto, menina, e batia com o isqueiro na mesa de fórmica, soltava longos bafos, nuvens inteiras de cancro a galgarem as paredes, vamos fazer o seu marido de parvo e quando o miúdo nascer morto vocês ajeitam-se da maneira que quiserem, e se pensar, uma única vez, em desviar-se um milímetro que seja deste acordo, instruirei toda a minha equipa a negar tudo tão veementemente e de forma tão vincada que as vossas caras, a abrirem o telejornal da noite, terão a credibilidade de quem esteja a comentar a vinda de homenzinhos do espaço a Cabeceiras de Basto, percebeu, finalizando a sentença com um soco metálico, por causa do isqueiro que lhe excedia o contorno da mão.

Os dois deixaram-se estar, em silêncio anuíram, e o médico, passando por Joana, sussurra-lhe ao ouvido: é verdade que me dá uma certa pica foder gajas com fetos mortos dentro, e nem é pelo prazer vaginal, sabe, eu gosto mesmo é de lhes ir ao cu a pensar que a qualquer minuto aquela merda pode cair-lhes pernas abaixo, e você provavelmente atirou o alvo depois da seta, mas andou lá perto, espere aqui que já vêm tratar de si, e não se preocupe, que não faz o meu tipo.

Quando o médico saiu, e a despeito da promessa de não chorar no hospital, Joana deixou-se tombar em cima da mesa e chorou.

Joana deixou-se estar na secretária, entre as ruínas de um café e um micado de lápis, até que uma enfermeira entrou: dispa-se, disse-lhe secamente, dispa-se e vista o que lhe trago aqui, vamos pô-la bonitinha e confortável, e enquanto Joana se acostumava a ter os olhos abertos, a enfermeira ia dispondo por cima de uma cadeira uma bata e uns chinelos descartáveis, que ladeava como se tivesse medo de que fossem roubados, dispa-se e eu ajudo-a a vestir-se, vamos, e Joana, entorpecida do sono e da tristeza, recolhe o corpo até ficar sentada na mesa, alça os braços e boceja como se estivesse sozinha, não preciso de ajuda, diz Joana, assim que recupera o fôlego, eu posso vestir-me sozinha, continua, enquanto a enfermeira, peremptória, dispa-se, e Joana reclama que não tem um vestiário ou mesmo uma cortina onde poder enfiar-se, ao que a enfermeira riposta que está num hospital, e que nos hospitais não há lugar para esses pudores, os hospitais são o mais perto que se pode estar de se ter nascido, e não me parece, aventa ela como corolário da sua filosofia naturalista, que quando nasceu a sua primeira preocupação tenha sido a roupa: agora dispa-se, que não temos tempo a perder, ainda tenho de a rapar.

Joana tira a roupa, peça por peça, vai metendo tudo dentro de um saco de plástico de cem litros, mais próprio para lixo, até ficar exposta ao frio, a aliança também, pergunta, tudo, ouve como resposta seca, absolutamente tudo, e Joana lá vai enfiando a aliança num bolso das calças, os brincos noutro, uma bandetele vai ao acaso, com as mãos ainda procura cobrir os seios e o monte de Vénus, não vá aparecer um terceiro ano de medicina a deambular entre um parto com fórceps e uma

curetagem e vê-la assim, a musa do artista inexistente, a tiritar de frio e de vergonha, enquanto examina a bata que lhe faz chegar a enfermeira, uma roupa de peça única, que se enfia gola abaixo, e que se ata com uns cadilhos dependurados a seguir a linha da coluna, que por sua vez fica exposta, como uma grande cicatriz de carne a entalhar o azul morto da bata, que mais parece uma tenda unipessoal.

Os chinelos são pequenos e não fazem par com a bata ou com a altura de Joana, mas Joana não se importa de chinelar corredores abaixo, amparada num corrimão de madeira onde algumas lascas tenham resistido ao verniz domador que alguém pincelou ao acaso, e enquanto Joana sonha acordada com o que aí vem, a enfermeira, uma matrafona de braços larguíssimos, feitos para sossegar, pela pressão, qualquer criatura com tendência para a histeria em locais inapropriados, pouisa as mãos por cima de Joana, na zona púbica, destapando-a, enquanto Joana luta, com as mãos, para cobrir-se, e a enfermeira, ignorando as mãos de Joana como um apicultor concentrado no mel não faz caso das furiosas mas inofensivas abelhas, enxota-as com as pontas dos dedos, sossegue, diz, sossegue, que não levo muito tempo, e vai ficar com um penteado novo, e, com as luvas calçadas e a gilete entre mãos, apresta-se a reconfigurar a volumetria pilosa daquele delta invertido.

Agora está toda bonitinha, até parece que vai para a praia, não fora este tempo – já viu o frio que tem feito? – e a menina estava na moda das modas, e tudo graças a uma gilete, se soubesse quantas mulheres eu rapei enquanto cá sou enfermeira, tivesse eu um cêntimo por cada pêlo púbico que caiu às minhas mãos e já há muito que eu e o meu marido estávamos na terra, na quintinha que visitamos uma vez por mês – só não

vamos mais porque ainda não tem luz, a EDP cobra uma fortuna para levar lá o ramal – e não nesta Lisboa cheia de gente, e antipáticos que são, não acha, sempre à pressa, metidos nos carros com o dedo nos apitos, é barulho, é má-educação, é a gente a entrar nos autocarros e os condutores nem olham para o bom-dia que dizemos nos três primeiros meses que cá estamos, e aposto que não diz bom-dia nos autocarros, e Joana anui, não, não digo, basicamente não gosto de pessoas em geral, quero o mínimo contacto com elas, tenho fobia, mais por isso do que por má-educação, mas não digo, tem razão, o que quero, quando entro no autocarro, é que a viagem seja breve, de resto vou de costas para toda a gente, a ver Lisboa a desfilhar pelo vidro, e sorrio quando ouço a menina do gravador a anunciar a minha paragem, mas eu não conto, sabe, eu sou esquisita, toda a gente mo diz, e a enfermeira, de repente modulada numa generosa compaixão, agarra as mãos de Joana, com as luvas abastadas de pentelhos, e diz, toda a gente é esquisita, menina, toda a gente é esquisita, só que alguns não se matam e outros conseguem sorrir.

Agora a menina vai meter este clister, na casa de banho que fica por detrás daquela porta, e só sai dali quando não sentir mais vontade de fazer cocó, esteja lá o tempo que for necessário, isto costuma actuar ao fim de alguns minutos, mas não tenha pressas, porque não vai sair daqui tão cedo.

Joana, com um tubo de gel nas mãos e instruções para evacuar, dirige-se para a casa de banho, bem mandada, para descobrir do outro lado da porta uma sala gigantesca, e a primeira coisa que lhe passa pela cabeça é que poderia ter-se vestido ali, a segunda é que poderia ter sido rapada ali, mas já passou, pensa Joana, não vale a pena lamentar o pudor, sobretudo o

pudor, e Joana consegue escolher uma sanita na qual a fechadura, por dentro, funcione, mas sanita é um eufemismo, porque na verdade a sanita é um buraco no chão, e o cagar um jogo de acertar no buraco, e Joana, de cócoras, como algumas tribos da Eurásia, diria certamente um antropólogo que a avistasse naquela posição primitiva (uma memória geodésica transversal à nossa educação, poderia concluir), taceia com os dedos a ponta da cânula, leva-a primeiro à boca, humedecendo-a e lubrificando-a, e, logo a seguir, tenta encontrar, por debaixo da roupa, que lhe cai por cima num entulho de algodão azul, o ânus tímido, onde a custo consegue enfiar a cânula, devagar, porque lhe dói, e quando sente que está completamente dentro do ânus, espreme a bisnaga, o suficiente para verificar que a pressão força a cânula a sair, e que todo o gel fica no perímetro do ânus, o recipiente vazio e Joana, com os dedos, tenta empurrar o gel para dentro do orifício adequado, e o pouco que entra tem tendência a sair numa baba que traz os restos do esgoto que é o cólon, e Joana, cansada daquilo e suada, atenta às mãos, que saem de baixo da roupa, enoja-se, e a custo contém o vômito que lhe sobe, esófago acima, numa urgência de incêndio.

A menina já fez tudo, ouve-se do outro lado da porta, e Joana, com os dedos verdes do esparregado que comeu na noite anterior, contém o nojo e o choro e diz que sim, que está pronta, que se vai limpar, ela que a espere lá fora, que ela vai já, e desata a desbobinar o papel higiênico de folha simples, cujo contacto abrasivo com a pele acaba por ser menosprezado relativamente ao trabalho a fazer, e Joana, assim, de cócoras, limpa-se em redor do ânus, limpa as mãos, lentamente, com cuidado para não sujar a bata ou os cadilhos pelos quais se

segura, e aspira ao momento em que o papel, das raspagens a que submete o rabo e arredores, virá branco, e quando isso finalmente acontece, reúne com os pés um molho indefinido de papel higiénico sujo, mais ou menos no centro do buraco no chão, e com as mãos ainda razoavelmente sujas, puxa o autoclismo, que sorve aquela massa de celulose numa espiral de água até a digerir num gorgolejar interminável.

Joana não perde tempo em tirar o verdete orgânico dos dedos, lavando as mãos com um sabonete em pó cuja inépcia em fazer bolhas é compensada pelo efeito esfoliante que demonstra ter, transformando a pele de uma e de outra mão numa superfície abrasiva com a qual lava a carne e a porcaria que por debaixo dela se instala sob o efeito criogénico da água que sai dos canos, como se esta tivesse percorrido a camada inferior das calotas polares antes de vir desovar à boca da torneira, e Joana, que já não sente as mãos, olha para elas, alvas, e sente-se novamente limpa, mesmo que todo o pequeno cubículo que ela ocupa tresande a merda.

Temos de nos despachar, menina, que ainda vamos aqui passar muito tempo, ande já, para que a ponha a soro, e lembre-se de que quanto menos tempo estiver aqui menos tempo está a sofrer, e Joana, a tentar abrir a porta com os dedos insensibilizados pelo frio, a dizer que sim, que vai já, senhora enfermeira, que não carece de se preocupar, e que a única coisa que lhe pede é para ver o marido antes que venha a hora de ter o bebé, pois o coitado estará sozinho lá fora, não temos ninguém próximo em Lisboa que lhe acuda, e sofrer sozinho é mau mas sofrer sem notícias é horrível, deixe-me só dizer-lhe qualquer coisa, continua Joana, enquanto luta com a fechadura que lhe parece uma enguia barrada com azeite, deixe-me

só sossegá-lo e depois vou consigo para onde for necessário, está-me a ouvir, e, enquanto tenta que as palavras arranjem ânimo para galgar a porta que não chega à ombreira – um clássico da arquitectura de interiores em edifícios públicos – a fechadura acaba por ceder, e as duas mulheres encontram-se sob a luz incandescente de uma casa de banho pública, onde todas as palavras se tornam também públicas, pela repetição asséptica do eco.

A enfermeira olha para Joana: fez tudo, e Joana responde que sim, sem evitar o acto involuntário de olhar para o chão, como os meninos que têm medo de ser apanhados a mentir, e a enfermeira pega no saco da roupa de Joana e dá-lho para a mão, ao mesmo tempo que se vira e, no mesmo tom de quartel que adoptou desde que se encontraram pela primeira vez: siga-me, atira ela por cima do ombro, e a Joana só falta o cabelo rapado e o cheiro a carne queimada para se imaginar noutra história e noutra época.

Os corredores por onde é conduzida têm o chão arado de tanto chinelo, os corrimãos perderam a lisura do verniz e há papéis espalhados um pouco por todo o lado, reclames à Chicco (diz-se “quico” em italiano, e não “Chico”, pensa Joana) ou à Mustela, com bebés muito brancos a explodirem de sorrisos de felicitação para quem para ali deambula entre contracções e toques uterinos, panfletos de preservativos, a versão cínica do *devia ter pensado melhor*, mil e um trípticos alusivo a vitaminas, suplementos, papinhas e vacinas, com números, gráficos, percentagens e toda uma parafernália de termos técnicos, cuja única função é dar consistência ao bolo de *marketing* que se quer inevitavelmente devorado, se possível sem pensar, haja fé na ciência, que todos os dias arregimenta os dados mais frescos

e concretos sobre a melhor complementação à comida, e se nos oitenta era o *ginseng* e a vitamina C, nos noventa o complexo de vitaminas B e o aloé vera, e se, no princípio deste século, era a geleia real de abelha, que vai perdendo terreno para as bagas de *goji*, agora será um fruto exótico de laboratório, de onde se extraem os melhores antioxidantes do mundo, que para além da malta não querer morrer de cancro, pensa Joana, também não quer morrer feia.

A enfermeira abre uma cortina, estão cinco mulheres deitadas numa sala, na penumbra, e faz um gesto para que Joana entre e tome o lugar disponível numa das macas vazias, ao qual Joana acede, subindo para a maca, sem dificuldade, enquanto as outras mulheres, cada qual metida no seu inferno pessoal, rebolam sobre si próprias, de costas, ajeitando as magníficas barrigas, que Joana tanto cobiça, ou põem-se de joelhos sobre a maca, agarradas à parede, e, ao longe, no escuro, parecem trepadeiras inchadas a utilizar a parede para se soerguer no espaço, e outras ainda, sem posição definida, gemem, e dizem palavrões que rapidamente compensam com um *desculpa, querido, desculpa*, mesmo que desacompanhadas, um reflexo congénito pelo qual repõem a educação própria e o exemplo a dar à criança, porque é de pequenino, como já se sabe, que se torce o que já se sabe, e, como isto anda, com miúdos de doze anos a saírem à noite, sem borbulhas nem testosterona, movidos a quantidades apreciáveis de álcool desperdiçadas numa beijori-quice pegada, faz todo o sentido moralizá-los antes mesmo que metam a cabeça de fora, pensa uma Joana que não dá conta de uma agulha de soro a entrar-lhe pelas costas da mão direita, até que a enfermeira, fique quieta, o medicamento deve começar a fazer efeito e eu já volto, e Joana, mas que medicamento,

e a enfermeira, já de saída, para parir mais depressa, e Joana olha para dois sacos de soro, de onde pendem, gota a gota, líquidos aparentemente iguais, um para ela, pensa, e outro *para parir mais depressa*.

Joana encosta-se à parede, sentada na maca (perturbada por não se ter lembrado de ir falar com o marido antes de se submeter a uma espera que, segundo reza a mitologia urbana, costuma ser longa, e reprime-se por não ser o primeiro erro que comete desde que entrou no hospital e nem ser o maior), à espera de que os líquidos aos quais está acoplada tenham o efeito de a pôr a “parir mais depressa”, na asserção quase científica da enfermeira em debandada.

Pouco a pouco, Joana tem noção de que a barriga ganha movimentos involuntários, tais quais aqueles que teve quando decidiu acorrer de urgência à maternidade, empina-se durante alguns segundos, e Joana vê com algum prazer a barriguinha elevar-se, até a protuberância do umbigo ter ares de observatório onde se pudesse espetar o tripé de um telescópio e observar os corpos celestes que, neste momento, gravitam todos à volta desta criança por nascer, desta criança morta, são movimentos de traslação soturnos, as faces dos planetas inclinadas para baixo, reverenciais, e traçam rotações tristes pelas quais expellem, atmosfera fora, os despojos e as oferendas passíveis de atenuar o luto que há-de vir, são pontos de luz a pintalgar o céu, uma lua de bochechas muito redondas a propor empatia numa tristeza alva, um carrossel de estrelas a desfilar em sincronia com aqueles que hão-de carregar o minúsculo caixão de carvalho, onde o feto, que nunca terá tido outra posição senão o caracol, no qual mãos e pés se confundem, jaz, inerte, à espera de passar de um buraco para outro.

Jorge tem nas mãos o *Record* de há uns dias e tenta lê-lo para não se lembrar de que a sua mulher deambula sozinha pela maternidade, sem que ele tenha notícias dela há mais de uma hora, mas não consegue senão fixar uma dúzia de letras, onde se lê que um dos intransferíveis do Benfica está, afinal, na lista de transferências, ficando sem saber, porque não alcança concentrar-se a esse nível, quem e porquê, coisas de somenos na economia do hospital, mas imprescindíveis para a constituição da memória colectiva da bola indígena em geral, e da instituição Benfica em particular, havendo mesmo quem, por manifesto laxismo na estrutura de contenção de crença, não distinga uma da outra.

Numa televisão minúscula, encravada como uma borbulha no canto superior da sala de espera, passa uma espécie de noticiário em que se relatam as condições de vida dos cegos, as dificuldades que têm de esperar e superar, as escolas que frequentam, a forma como criam e mantêm amizades e namoradas e namorados, e até a maneira muito peculiar pela qual podem apreciar uma visita ao museu de arte Reina Sofía, em Madrid, e a explicação decorre por meio de um entusiasmado agente cultural, que realça as capacidades sensoriais ampliadas pela perda da visão, uma espécie de resgate dos outros sentidos, e sublinha a tirada como se houvesse parido literatura em directo, e continuando, no pico do entusiasmo, enumera as estranhas relações que se geram no tecido do mundo quando existe uma declinação nos canais de correspondência da sensibilidade, e Jorge, temporariamente absorto na estética dos cegos, começa a derivar, que isto da concentração tem muito que se lhe diga, é como

pretender estar quieto, de olhos fechados, em cima de um lago gelado e escorregadio, com patins de gelo calçados, e, num instante, a brisa, ou uma tremedeira, e zás, movimento, e Jorge de repente pensa no seu próprio filho, no seu filho por nascer, se será cego, ou pior, parvo, ou pior ainda, imóvel como um barco encalhado, que tenhamos de virar ciclicamente para lhe raspar as crostas da estagnação e tirar o cheiro a podre, um filho que nunca venha a dizer *olá pai, olá mãe, estou triste, tenho fome*, uma criatura perfurada de tubos por onde entram e saem, simultaneamente, fezes líquidas e uma versão aldrabada de cozido à portuguesa, um filho que é uma peça de madeira a secar ao sol, vira-se, trincha-se, seca mais um bocado, vira-se, trincha-se, e Jorge, imerso involuntariamente nesse poço, onde cada olhar corresponde a uma criatura mais grotesca, sua das palmas das mãos e leva os dedos à carótida, para medir a pulsação e aferir da necessidade de um Victan, nunca andar sem eles, pois Jorge, não infrequentemente, precisa de sair de perto das pessoas só para estar sozinho, numa casa de banho qualquer, a lidar com o desmoronamento do seu corpo em espasmos de taquicardia e surtos de adrenalina, e só um – ou dois, ou três – *victans* depois é que consegue sair da casa de banho, descomposto como se tivesse levado porrada, e com o olhar esgazeado de quem parece estar a fitar sempre a face interior das coisas, e voltando ao sítio onde estava, sorriso irrepreensível, pergunta: onde íamos, e as pessoas resumem-lhe as coisas pensando que talvez ele tenha uma tripa impaciente.

E depois há aqueles, pensa Jorge, que não são nem parvos nem estacas, mas que vivem noutra dimensão, e esses são os piores, porque parecem, fisicamente e em tudo, normais, mas escondem, sob a crosta de uma expressão indiferenciada, um mundo

interior absolutamente ocluso à intersubjectividade das palavras, como apraz dizer-se na academia e nas empresas, e diz ele que estes meninos, absolutamente indistinguíveis dos outros fora do ângulo de um olhar treinado, carregam mundos unipessoais incapazes de serem traduzidos em palavras ou em afecto, objectos esféricos que os habitam por dentro e que lhes tapam, aos poucos, a fala, o olhar e a vontade, coisas de que não se conseguem ver livres pelo testemunho partilhado das suas existências, e então, sem alternativas, enamoram-se dessas coisas que lhes devoram o interior, passam o tempo todo a pensar nelas e a olhar para elas, enquanto os pais, de joelhos, lhes pedem a misericórdia de uma mirada devolvida, e, no fim, quando partem deste mundo, fazem-no colapsando para dentro daquele que carregam, tornando-se pequenos deuses de um universo com a espessura crítica de uma bola de sabão.

Jorge sente que finalmente percebe o significado dos múltiplos provérbios de ascendência cristã, segundo os quais as mãos desocupadas são o recreio do diabo, e tenta sacudir os diversos demónios que se entreteve a engordar à frente da televisão, pela leitura de um jornal que lhe desperte um mínimo interesse, mesmo que vago, que tenha tensão suficiente para ser a corda pela qual ele consiga sair do poço para onde desceu vertiginosamente, verticalmente, como no poema de Cesariny, e, aos poucos, o preço do petróleo a subir e o violador de Telheiras ocupam o cérebro de Jorge, que logra distender assim o seu mundo para além do perímetro da interioridade, onde só existem dois órgãos activos: o coração e o poço onde o coração, por vezes, cai.

O resto da sala, mesmerizado no ponto de fuga que é a televisão e o seu registo de fósforo mágico, entra e sai em busca do

conforto da nicotina, e os homens recebem telefonemas, que atendem entre a apoteose da espera e o paroxismo do tédio, consoante o tempo que já passaram vergados naquelas cadeiras, a jogar Angry Birds Rio Free, sem coragem para gastarem noventa e nove cêntimos no desbloquear de quarenta níveis suplementares, como as coisas estão, um euro é um euro, e se o puto calha nascer no nível cinco ou seis, dei somente mau uso a um impulso adolescente, e quedam-se então indecisos, a mexerem em todos os ajustes do telemóvel para que um dia, sob extrema angústia, possam activar uma opção no menu escondido, que consiste em parar o tempo para salvar uma mulher em perigo, alimentado o bombeiro ou o polícia que há em cada um deles desde a infância, e são estas as fantasias que borbulham no caldeirão do inconsciente colectivo e que sustentam transversalmente todos os homens que estão ali para receber, por intermédio das mulheres que fecundaram, a dádiva da vida, embrulhada num algodão de qualidade média que arrecadarão nos braços, numa tensão de quem vá carregar nitroglicerina.

Onde está ela, e como estará, pensa Jorge, se eu pudesse dar-lhe a minha mão para que ela a mordesse entre contracções, como um colega fez, para exhibir, orgulhoso, uma sutura de cinco pontos e uma vacina antitetânica complementar, e não me importava de andar com uma ligadura na mão uns meses, desde que isso correspondesse à solidariedade conjugal de que tanto se fala sem que se veja exemplo algum, e é destas coisas que se alimenta a fornalha do amor, ou do respeito, ou porventura a idade vai-nos ensinando que um não se distingue do outro mais do que a cara da moeda da coroa, e, lançado nestes pensamentos, com o coração eriçado, fora do poço,

Jorge consegue alcançar alguma paz, e, nutrido dela, espera um bloco de tempo suplementar por notícias da mulher, e pelo sinal de que pode acorrer à sala de partos, para ser copiosamente mordiscado.

*

Joana já ouvira falar do toque, em termos pouco abonatórios, mas na verdade Joana já tinha ouvido falar de quase tudo quanto acontece numa sala de espera e de quase tudo quanto acontece numa sala de partos, e poucas foram as versões positivas a que teve acesso, portanto quando uma enfermeira, em passando por ela, lhe manda abrir as pernas, Joana sabe qual a finalidade da ordem, que não tem pressa em cumprir, e, devagar, arrastando-se pela maca como se lhe doessem as costas, vai-se ajeitando tão bem como pode, até que, não podendo procrastinar mais, se sujeita a que a enfermeira, impaciente, lhe perscrute o colo do útero com a ponta dos dedos, e assim que retira a mão, três dedos, uma ninharia, diz a enfermeira, enquanto Joana se recompõe, fechando as pernas, e a enfermeira afasta-se, despiando a luva de látex e atirando-a para um balde amarelo, que lhes serve de cemitério.

Enquanto Joana está lúcida e livre do espectro das dores, olha em redor (uma sala com duas entradas, na penumbra, com diversas macas rodadas, cada qual ocupada por uma grávida que busca incessantemente a melhor posição para que as dores lhe passem de raspão), e o espectáculo de conjunto, visto por quem está a co-participar passivamente, é uma espécie de *casting* para um último Fellini, onde cada participante tem carta branca e usa da máxima expressividade para conseguir o lugar

em aberto, e esforçam-se todos tanto, pensa Joana, esforçam-se todos tanto e eu aqui, pobrezinha, a vibrar aleatoriamente o abdómen num registo de telemóvel, sem dores, sem desconforto, uma privilegiada a quem cumpre passar pela maternidade como se fosse um primeiro ensaio, e Joana não pode deixar de invejar aquelas mulheres que se debatem entre palavras, que insultam o marido na sua ausência, que dizem, a plenos pulmões para quem queira ouvir, matem-me ou tirem-me esta merda daqui, e isso é a vida, pensa Joana, isso é que é o pico da curva ascendente de ser-se mulher, onde o limite da equação em que $f(x) = x^2$ é por fim achado, e obviamente que acontecem as coisas mais espantosas, a matéria ganha regras próprias, as relações escavacam-se sob o peso do ressentimento, e as pessoas têm de ser acorrentadas às marquesas para não arrancarem os tubos de soro que as mantêm hidratadas e para não morderem os médicos ou as enfermeiras, que calçam as luvas para fazerem, mais uma vez, o toque, e Joana não chega aí, nunca chegará, pensa ela, e desta tropa só colherá a fantasia de ter passado pelo sofrimento alheio, e é nesse momento que decide, sem pensar muito, ao contrário do que lhe é próprio, que vai segurar na mão da mulher mais aflita que vir naquela sala, porque será a sua forma de chegar ao sofrimento que procura, ou de minorar o de outrem.

Joana pega no saco preto e enfia-o por debaixo da maca elevada, levanta-se e, pegando na trela dos soros intravenosos, aproxima-se da maca mais próxima, e por um lado da sala entram pessoas e, por outro, saem, e deste tumulto resultam avaliações, toques, perguntas bruscas, às quais cada dor oferece o capital possível de respostas, e ao lado de Joana, uma mulher da idade dela, mais coisa menos coisa, a debater-se em

cima da maca, respirando profundamente, a quem por vezes ocorre uma paz transitória que lhe desaperta os músculos da cara, numa distensão de *botox*, para logo de seguida lhe acontecer uma contracção, o corpo todo retesado sob a alçada de um fôlego entrecortado, que por vezes decai num gemido ou numa frase mastigada, que não chega a sair da boca, e Joana dá-lhe a mão, a mulher aceita-a simplesmente e agarra-se a ela com todas as suas forças, até que aquela contracção passa, e assim que isso acontece ajoelha-se, e Joana, com a própria mão desnuda, limpa-lhe o suor da testa, e a mulher, que não conhece Joana nem parece interessada em conhecê-la para lá da mão generosa que leva de encontro ao peito, sorri, apenas e moderadamente, porque tem de guardar forças, para que dali a quatro minutos possa suportar aquela explosão interior, e Joana deixa-se ficar, sentindo com as costas da mão o batimento cardíaco da mulher, pelo qual se pode antecipar, dentro em pouco, outra contracção. Joana aproveita a calma para com um canto da bata limpar a testa da mulher, e esta agradece com um sorriso, nenhuma palavra é trocada entre elas, apenas a compreensão implícita de que dois corações podem lancetar o véu que, regra geral, impede dois corpos de terem a noção da presença alheia e recíproca, porque os corpos, assim como as cabeças, são centros-de-mundo, cegos para a existência, aliás, pouco natural, de outros centros, e só os corações, tocados desde cedo pela solidão, que há-de ter cavado, em cada um deles, uma cárie que tentam preencher vida fora, conseguem convencer o que de animal há nas pessoas a lambar a mão alheia ou a partilhar a gamela da comida.

A mulher, estirada por uma contracção a não querer passar, agarra-se à mão de Joana com tanta força quanta possui, e,

das faces rosadas pelo afluxo de sangue, vão caindo lágrimas, pelas quais ela pede, silenciosamente, o fim do suplício: já não aguento mais, atreve-se a dizer, virada para a parede, para logo de seguida meter os dedos na boca e os morder furiosamente, e Joana olha para ela, e com os olhos pede-lhe para desfazer a força pela qual ela segura a mão, e a mulher, assustada, acede, aos poucos, sem saber exactamente porque esta estranha veio e porque se vai embora, apenas acede, e, mal Joana tem os dedos livres, avança pela sala e, saindo, no corredor, encontra uma enfermeira: desculpe, senhora enfermeira, há ali uma senhora que está quase a ter o bebé, está cheia de dores, siga-me para a poderem levar, e a enfermeira, que a custo se digna olhar para ela, absolutamente surpreendida pela heterodoxia da abordagem, ó menina, onde está a senhora, em que maca, vamos para lá antes que toda a gente a ignore e que ela tenha o bebé no corredor, a protegê-lo dos passos de quem precisa de andar por cá, ande, vamos, e, pegando-lhe no braço, vai levando Joana para dentro da sala, o que Joana naturalmente agradece, porque, malgrado a intenção ou o meio, o fim será igual, pensa, mas assim que entra dá conta de que a mulher já lá não está, e não lhe resta outra solução senão subir para a maca, a mando da enfermeira, que não se contém em precisar a evolução do parto de Joana através de outro toque, e quando sabe que Joana já lá está há uma hora, diz que vai ter com o médico para aumentar a dose de ocitocina, porque, nas contas da enfermeira: você não pode estar cá o dia todo, diz, e além disso onde vamos arranjar macas para tanta gente se anda tudo a parir ao ritmo dos trópicos, há que despachar, minha gente, assim que se vira de costas para a maca de Joana, como se distribuísse um incentivo geral, há que despachar, não querem ir para casa, deixa no ar,

e, calçando um par extra de luvas, aproveita para afundar as gadanhas em todas as vaginas que encontra, à procura de um colo de útero lasso o suficiente para dar início a mais uma sessão de gritos no bloco de partos.

Enquanto Joana está sentada na maca, à espera de que as tímidas contracções que sente se transformem em vagas pelas quais poderá vir a terra o pré-nado-morto que não esquece carregar (sou um navio-fantasma, um vaso de guerra impreparado, levo em mim a peste e aportarei a minha batalha às cidades do mundo onde a cautela e os antibióticos não tenham ainda imperado, onde a codícia alimente a imaginação de pepitas e ouro, mormente onde os olhos veicularem apenas o retrato de um barco sem tripulação, abandonado à sua sorte, mas ovado de um perigo incalculável, que os tolos teimam em tomar por tesouro), entram e saem enfermeiras, que se ocupam das cinco mulheres em contracções assíncronas, uma manda pôr mais isto, outra diz que vai fazer uma maldade e enfia os dedos pela vagina de uma mulher muito lívida até chegar à bolsa de águas, que rompe com um beliscão, e a mulher, surpreendida, rebenta num jacto de água, que atinge as calças do médico e que, no perder da força, acaba por se acumular no chão e na maca, e não falta uma auxiliar acoplada de um balde a enxaguar o chão e a reprovar, com a cabeça, o bordel em que a sala de espera se transforma quando começam a surgir fluidos de todas as partes, e o médico continua especado a olhar para as calças: viram o que ela me fez, diz para a enfermeira, que contém a custo o riso, travado pelo órgão da hierarquia, viram, diz ele, enfasiado, e o mal que isto cheira, a maresia, diz a enfermeira, se ao menos se soubessem comportar ou fossem ter os filhos para casa, remata o médico, e sai porta fora com

um *kleenex*, a tentar enxaguar as calças, enquanto a auxiliar acede em emprestar um pano sujo à grávida que ficou com a maca molhada, não sem lhe dizer, muito séria da sua função, que o trapo tem um v de volta.

Joana começa a sentir alguma dor mais contundente quando um dos sacos de soro se apresta a chegar ao fim e também ela começa a pensar, imediata e irreflectidamente, que tem de procurar uma posição na qual esteja mais confortável quando chegar o momento, e um médico entra, acerca-se dela com uma enfermeira e pergunta: é esta a senhora, ao que a enfermeira anui com a cabeça, então vamos lá ver, diz o médico, e calça uma luva, ajeita as pernas de Joana, deite-se de costas, diz, e insere-lhe a mão na vagina, franzindo os sobrolhos, porque quando se procura qualquer coisa com os dedos, são normalmente os sobrolhos o sismógrafo pelo qual se afere a eficácia da busca, Joana contorce-se em cima da maca, uma reacção natural de desconfiança por ter um corpo estranho e vivo a percorrer-lhe, sem a permissão do gozo ou da natureza em acto, a vagina até ao colo do útero, esse pescoço de pato pelo qual se avalia o tempo que resta para o nascimento, esteja quietinha que ainda lhe dói mais, avisa o médico, e farto de escarafunchar sem encontrar aquilo que pretende, tira a mão, a luva, e diz, três dedos, já está assim há demasiado tempo, enfermeira, vira-se, aumente-se a ocitocina a ver se esta mulher se dispõe a ir para casa, e a enfermeira, sincronizada na avaliação, sai da sala com o médico, enquanto Joana procura de novo sentar-se, em cima da maca, e todas as restantes mulheres gemem ou se preparam para gemer.

Num dos cantos, Joana percebe a miúda que vira há pouco na sala de espera, antes de ser admitida, está virada para a

parede mas vê-se que é ela, pelas costas imaturas e indefesas, e Joana desce mais uma vez da maca com o cadilho do soro atrás e acerca-se dela, a miúda está aninhada em caracol em cima da maca, e chora, ininterruptamente, dentro e fora das contracções, e Joana pega-lhe na mão, como já lhe fez, a miúda vira ligeiramente a cabeça para acompanhar a expressão inaudita de afecto e, quando reconhece Joana, na penumbra, sorri, ousa sorrir, uma coisa oblíqua que nasce como uma trepadeira, procurando por luz entre a copa das lágrimas e o estremecimento do corpo, Joana aperta um pouco mais a mão, *estou aqui*, quer dizer, *estou aqui contigo, vai correr tudo bem, prometo-te*, e a miúda responde com um reforçar do aperto da mão, afinal lembra-se, pensa Joana, é ela e lembra-se: estás aqui há quanto tempo, pergunta Joana, sem que a miúda consiga responder, por mor das dores que vêm, uma vaga que quase a faz levantar da maca, não fora a âncora da mão de Joana, e assim que se acalma e que a respiração retoma o seu curso: não sei, responde, há muito tempo, tenho muitas dores, mas os médicos dizem que ainda falta, não me dão a epidural, dizem que sou muito nova, e de repente a cara contrai-se outra vez, e resta somente a sanfona asmática da respiração, um gemido a anunciar o final do sofrimento e o suor a querer desunir as mãos destas mulheres: acalma-te, diz Joana, eu vou ficar aqui contigo, não te vai acontecer nada, prometo, fazemos isto as duas, prometo, e a miúda, que nunca deixou de chorar, vira-se para Joana, aproveitando a lucidez que acompanha a acalmia das dores, e diz-lhe: fique com ele, eu sei que vai ser boa mãe, fique com ele que eu não posso, a minha mãe já me pôs fora de casa, e suspira, sentindo de novo a vaga a vir, ainda longe, fique com ele, tenha dois, não quer ter dois, pergunta, eu dou-lho, eu

nunca quis, o seu é menino ou menina, é menino, diz Joana, a medo, vê, que sorte, replica a miúda, eu tenho a menina, ahhh – as dores –, ficava já com o casalinho, não quer fazer o casalinho, e Joana não responde, começa a apartar a mão, mas a miúda não deixa, chega a contracção num bordejar inesperado, e aquele corpo franzino de adolescente vibra até que a energia se dissipa, e a miúda, novamente virada para Joana, fica, diga-me que fica com ela, a gente trata de tudo ainda aqui, gémeos falsos, acontece, não acontece, e Joana puxa a mão, de repente, e afasta-se da maca dela, recuando, sempre a fitá-la, e diz, mais para si do que para a miúda, que pressente outra investida pela qual terá de passar, contorcendo-se: eu já tenho o meu, repete Joana, eu já tenho o meu.

Joana não consegue deixar de olhar para a miúda, encaixada sobre ela própria, a virar o pescoço tanto quanto pode para segui-la com os olhos, e eles imploram-lhe a recepção daquele presente inesperado, e Joana recua, passo a passo, as mãos esticadas para trás a tentar alcançar a maca para sustentar a vertigem da sala, os chinelos, que não foram feitos para *moonwalking*, escorregam-lhe dos pés, o chão está frio, deslizante, e antes que possa acostar-se à maca para onde segue, de popa, acaba por cair no chão, as pernas levadas para cima quando os pés acabavam de calcar a zona que ficara molhada do rebentamento das águas de ainda há pouco, Joana cai de costas e fica-se por um minuto, nenhuma das mulheres parece ter assistido ou ligado, a miúda está virada para a parede, não me magoei muito, pensa Joana, enquanto tacteia o corpo, à procura de alguma dor escondida, e, aos poucos, levanta-se, tocando-se aqui e ali onde a memória do chão começa a vir à superfície, nada de grave, repete para si própria, somente um descuido, o chão molhado,

o raio da miúda com aquela conversa bizarra, e só quando olha para a mão esquerda se apercebe de que a agulha do soro saltou, e que longas golfadas de sangue pintalgam o chão, num motivo que Pollock ou Dexter não desdenhariam.

Finalmente sentada na maca, enrola um bocado de lençol à volta da mão esquerda e prepara-se para esperar que alguém dê por ela assim, não quer sobretudo ser um foco de atenção, ter de desmultiplicar-se infinitamente em desculpas pela ousadia de trilhar seis passos fora do desconforto daquela tábua almofadada, talvez isto sare depressa, pensa Joana, e daqui a pouco poderia lavar a mão, e diria que o soro tinha acabado, e que estava certa de que uma pessoa não pode ter uma linha de soro a correr ar, já vira isso em mais do que um filme, o ar entra para a corrente sanguínea e provoca uma embolia em qualquer parte, e lá se vai um pulmão ou metade do cérebro e o juízo, e, por precaução, treina Joana, tirei eu própria a agulha, mas sou capaz de ter sujado alguma coisa aqui e ali, dada a inexperiência e os nervos.

Enquanto Joana, deitada na maca, a mão enrolada num lençol a engordar de sangue, treina a desculpa para atirar quando o jogo das perguntas tiver início, uma enfermeira, vinda da porta que dá para os seus pés, caminha por cima do sangue de Joana e, sentindo as *crocs* a colarem-se ao chão, vira a sola dos pés para si de forma a perceber o que no chão se terá enamorado das suas alpargatas, descobrindo sem dificuldade tratar-se de sangue, pelo que chama de imediato uma daquelas mulheres, de balde e esfregona apeados, para que limpe aquilo, antes que alguém caia ou coisa pior, e, dando o assunto por tratado, começa por rondar as macas, à procura da tonta que terá arrancado a linha de soro enquanto maldizia o marido, e dá

somente com Joana, a parturiente mais calma, praticamente sem dores, e definitivamente sem a ligação aos dois sacos de soro que constam na ficha clínica.

Ai esta menina, paternaliza a enfermeira, não vê que precisa disto para não desmaiar à fome, do esforço que vai fazer? Como é que é? Quer ter o bebé a dormir? Joana, tratada assim, recolhe-se ainda mais em cima da marquesa: a culpa não foi minha, atira, baixinho, caí, então se caiu a culpa foi sua, não é, interroga a enfermeira, sem esperar, na verdade, por uma resposta, enquanto refaz as linhas de soro e procura no braço de Joana um ponto onde aplicar a agulha, não devia andar fora da maca, não é, mas foi sem querer, interpela Joana, eu estava a subir para a maca e caí, faltaram-me as forças, e é por isso que não deve sair da maca, insiste a enfermeira, naquele tom de voz de quem tem de repetir o óbvio por método, eu peço desculpa, não volta a acontecer, pois não volta, querida, olhe que interrompeu o tratamento, e agora o bebé leva mais tempo a nascer, e isso não é bom para ninguém, pois não, diz Joana, pois não, e o que faz o saco da roupa por baixo da sua maca, não tem ninguém a quem o deixar lá fora, pergunta a enfermeira, enquanto pega no saco do lixo onde jazem os pertences de Joana, tenho, tenho o meu marido, responde a atrapalhada Joana, mas há algum problema em estar isso aí, claro que há, querida, já viu se a roubam, e além disso não pode levá-lo para a sala de parto, e ainda lhe roubam tudo enquanto tem o gaiato, pois, se calhar tem razão, não pensei, pois não, querida, mas para isso estamos cá nós, finaliza a enfermeira, enquanto verifica o estado dos torniquetes, e se certifica da correcta intensidade do fluxo que desce dos sacos estendidos e, atirando um par de chinelos para o chão, calce isto, ordena, e venha comigo entregar o

saco de roupa ao seu maridinho, que até tem uma oportunidade de lhe dar um beijinho antes do parto propriamente dito, vai querer que ele assista, querida, sim, vou, responde Joana, enquanto calça os chinelos, levando o pé para perto da barriga, fazendo um grande ângulo aberto com o joelho, para não magoar o bebê, faz bem querida, prossegue a enfermeira, antes os calções só os vazavam, a mulher ia parir e eles andavam três dias bêbedos se fosse rapaz, de alegria, e outros três se fosse moça, de tristeza, faz bem querida, e a enfermeira estende-lhe a mão, para ajudá-la a descer, venha comigo que vamos ver o seu maridinho, e Joana arranca, sem demora, mas a enfermeira trava-a: o seu saquinho, querida, o seu saquinho, não quer que seja eu a carregá-lo, já tive três filhos e gravidez não é doença, vá lá buscar o saquinho, se faz favor, e Joana recua novamente, ameninada pelo tom da conversa, e quando sai de baixo da maca com o saco na mão, parece uma empregada de limpeza de um país ainda mais pobre do que o seu.

Joana, pelos corredores, tem de carregar o saco preto e arrastar pela trela os sacos de soro pendurados de cabeça para baixo nas hastes do tripé, e a custo vai conseguindo uma coisa e outra, porque não tem muitas dores, pensa, porque não tem muitas dores, porque em caso contrário atirava-me para o chão, pensa, decidida, e não saía daqui até que alguém me aliviasse as mãos, e a enfermeira, três ou quatro passos à frente, ande, menina, ande, despache-se que não temos o dia todo, ao que Joana faz orelhas moucas, ela que se despache, diz para consigo, ela que se apresse, não vou parir os bofes no corredor só porque a menina quer acabar o turno a horas, isto está apinhado de gente, e de macas e de máquinas, se cairmos aqui provocamos uma embolia, mandamos abaixo a máquina

de cuspir bebés, só porque uma enfermeira gorda fractura o fémur num corredor apertado, ou porque duas macas se encavalitam numa esquina, o que podia parar tudo, e era engraçado, pensa Joana, e a enfermeira à sua frente, chegada a uma bifurcação, estaca, esperando por Joana, que já leva seis passos de atraso, despache-se menina, e olha para o relógio, despache-se, ao que Joana apenas acena que sim, com a cabeça, e quando viram à esquerda Joana reconhece a porta por onde entrou e, do outro lado, quando a abre, o Jorge, sentado, agarrado ao telemóvel e a tremer da perna, como calha acontecer-lhe quando está nervoso.

Joana não quer entrar na sala de espera, veste uma bata que só a cobre parcialmente e está nua por baixo da bata, não quer aumentar o seu pecúlio de humilhações na maternidade, pelo que chama o marido, baixinho, à porta: Jorge, diz, Jorge, amor, anda cá, mas o gajo está pegado ao telemóvel, terá embicado na leitura de um blogue de esquerda e já ferve por dentro, não liga a mais nada, cabrões dos comunistas, ouço-o dizer, Jorge, insiste Joana, um pouco mais alto, e a enfermeira, a menina vai demorar muito, Jorge, anda cá, sou eu, mas o Jorge não tira os olhos do ecrã, e a enfermeira passa por Joana, arranca-lhe das mãos o saco preto, dê-me cá isso, e sai porta fora, ao encontro de Jorge, que recebe aquilo sem indicações, apenas uma enfermeira a estender-lhe um saco de lixo: guarde-o, é seu, é da sua mulher, e de repente Jorge desata a chorar, porque terá entendido, daquilo, que me aconteceu qualquer coisa, a enfermeira gesticula, assenta-lhe as manámulas nos ombros e faz que não com a cabeça, enquanto Jorge se desfaz numa catarata interminável, e eu não aguento, que se lixe a racha, não é nada que não se tenha visto exaustivamente, até ao perder do desejo ou

da graça, e entro por ali adentro, com o meu tripé de soros a fazer de ceptro imperial, eu, que vou parir, saúdo-vos, e, assim que me vê, Jorge salta da cadeira e abraça-me, estás viva, ouço-o balbuciar, estás viva, e cobre-me de beijos, enquanto eu lhe limpo os olhos, marejados de saudade.

Joana, tive tanto medo quando vi o saco preto, eu sei, querido, eu sei, mas conta-me tudo, interpõe Jorge, está tudo bem, não tenho dores, estão a induzir o parto, mas vai ficar tudo bem, interroga, claro que vai ficar tudo bem, fica sempre tudo bem, não te preocupes, e quando estiver quase eu mando-te chamar, claro, eu quero ajudar-te, claro, tudo a seu tempo, e os dois dizem estas coisas olhos nos olhos, o veículo pelo qual a verdade ou a mentira navegam mais depressa, e agarram nas mãos um do outro, olha, estás a soro, diz Jorge, pois estou, e deixam-se estar, num silêncio de namoro, apenas entrecortado por algumas observações à qualidade do tratamento que Joana tem obtido, e falam do ridículo da roupa, de como ainda estamos atrasados em tantas coisas, e de como nos pormenores isso é magnificado, até que a enfermeira, cansada de esperar: vá, dê-lhe um beijinho, é um até logo, daqui a bocado já são três, vá-se preparando, agora temos de ir, diz, agora temos de ir, e aparta-lhes as mãos para levar Joana de regresso, e quando se voltam é que Jorge percebe que a sua mulher está parcialmente nua e, não sabendo porquê, sente-se envergonhado, ao ponto de baixar os olhos, e já não apanha o último olhar que Joana lhe dedica, mesmo à porta, enquanto faz passar o ceptro dos soros.

Se Jorge tivesse atentado no último olhar de Joana, saberia que ela lhe mentia, que lhe escondia qualquer coisa, que não lhe dissera toda a verdade. Jorge conhece Joana assim como

conhece, geralmente, a natureza, que segue regras quase sempre coerentes e simples. Jorge, quando foi pela última vez ao médico, passou a consulta toda a dizer que estava quase tudo bem, uma dorzita nas costas, apenas, uma coisa de nada que surgia quando tossia, talvez os restos de um resfriado tenaz, uma coisa perfeitamente suportável, e o médico, depois de o auscultar e de lhe perguntar tudo sobre tudo e sobre nada, chegando mesmo a falar da sobrevivência do euro em tempos de crise, e dos seus activos de futuro incerto na moeda única, mandou-o levantar-se para finalizar a consulta, pois já haviam gastado cinquenta minutos sem conseguir ultrapassar a descrição de uma pequena pontada de desenlace provavelmente autónomo, e Jorge, quando se levantou, fê-lo muito devagar, e ao andar parecia estar a conter-se para não defecar, pelo que o médico lhe perguntou, olhe lá, mas dói-lhe alguma coisa, ao que Jorge respondeu, agora que o diz, e de pé, acho que tenho aqui uma dor no ânus que quase me impede de andar, e o médico fê-lo deitar numa maca, lancetou-lhe uma trombose hemorroidal e mandou-o, muito satisfeito, já nem das costas falava, à sua vida. Joana, quando olhou para Jorge, pela última vez, tendo falhado a reciprocidade do olhar, estava a dizer a mesma coisa, tenho aqui um hemorroidal, uma coisa que me impede de andar, uma dor, um segredo, mas Jorge, envergonhado de ser o marido a quem toda a gente vira o cu da mulher, ensimesmou no chão, e já não foi a tempo de saber o que a mulher lhe atirou do vão da porta.

Joana, na volta, segue a matrona que vai desbravando caminho, cumprimentando colegas, superiores e subordinados, parando às vezes para pôr a fofoca em dia: sabes que a Teresa, aquela do terceiro piso que tem metido atestados por causa do fémur,

pôs fotografias a esquiar, no Facebook, não acredito, é verdade, e aparece o marido também, a carregá-la para dentro do chalé e a dar uma piscadela de olhos manhosa, mas não era essa que dizia ser quase assexuada, que só provava daquilo em épocas festivas, de ano a ano, pois era, mas se calhar a neve é uma época festiva, e como é que as pessoas são tão tontas, não sei, mas a verdade é que são, e parece mesmo que querem ser apanhadas e punidas, pois parece, até logo, e logo encontrava outra enfermeira, com a qual falava sobre a falta de condições da sala de reunião do sindicato, que assim não podiam continuar a encontrar-se, que mais valia irem para a casa de uma delas, e começava logo a galhofa suburbana, e levamos umas cervejas e um vinho e vais ver que a acta sai muito mais, muito mais – como dizia a outra delegada sindical que nos esteve a pastorear um par de dias –, assertiva, isso, assertiva, a acta sai tão assertiva que somos todas despedidas no dia seguinte, isso é que era bom, pois era, até logo, beijinhos, e enquanto a enfermeira ia pondo a vida social em dia, Joana, de pé, agarrada ao varão dos soros, ia começando a sentir-se cada vez mais dorida, experimentando umas vagas que vinham de quinze em quinze minutos, um rebentar ainda suave, o suficiente para molhar os pés sem fugir, mas havia já uma força a querer actualizar-se, uma energia que dentro em pouco a obrigaria a passar pelo sofrimento no desconforto da procura infinita de uma posição pela qual a dor tenha a tendência a passar de esguelha, mas isso seriam contas de outro rosário, por enquanto, a enfermeira, que há bocado era o coelho branco da Alice a percorrer de cebola em punho os corredores do hospital, agora era o inverso, e não faltavam ocasiões para que cada passante fosse a oportunidade para um cavaquear que só de leve tocava nas

relações laborais, afundando-se longa e incisivamente na especialidade da enfermaria, na versão cusquice e maledicência, será assim em todos os sítios onde se trabalha, pensa Joana, já que o bem é, regra geral, mais desinteressante do que o mal, mesmo que este tenha de ser inventado.

Regressada à sala de espera, Joana olha em redor, as mulheres continuam no seu trabalho de espera, a enfermeira manda-a subir para a maca, Joana cumpre, devagar: deite-se de costas querida, diz a enfermeira, abra as pernas e olhe para o tecto, vou ver como é que isso está e ajeitar-lhe o soro, e Joana faz o que lhe dizem, olha para o tecto, e o tecto olha para ela: Joana, diz o tecto, que estás aqui a fazer, andaste anos a preparar-te para este momento, compraste pilhas de livros, fizeste os cursos para respirar, para ter gaiatos debaixo de água, para amamentar sem abrir gretas nos mamilos, e agora deixas que te empurrem corredor abaixo, corredor acima, fedes a novata, deixas que qualquer idiota de avental se sobreponha ao teu melhor juízo, quando tu devias estar no controlo da situação, ser dona do teu tempo, o filho é teu, por mais poder que esta gente detenha sobre a maneira de o teres, tu tens o poder da identidade e da maternidade, e pareces indefesa até ao tutano, até um tecto te dá lições de moral, Joana, um artifício cénico palmado a um Saramago qualquer que guardas num arquivo do subconsciente, reage Joana, faz-te à vidinha senão a vidinha faz-se a ti, e entre o mar e a rocha, Joana, já sabes o que acontece, não é minha querida, e a voz do tecto é subitamente a voz da enfermeira, está na mesma, querida, dizia, três dedos, não parece ter vontade de sair daqui, não é, mas *prontos*, assim como está, também não vai a lugar nenhum, não é, minha querida, e quando Joana se quis erguer da maca para olhar em

redor, não conseguiu, porque descobriu ter braçadeiras atadas aos pulsos que a impedem de se mexer.

Que vem a ser isto, enfermeira, porque é que me atou à maca, com que direito?

Minha querida, prossegue a enfermeira, eu tenho de zelar pela sua segurança e a das restantes parturientes,

Mas que segurança, eu sou alguma ameaça? Interpõe Joana, enquanto a enfermeira prossegue, sem inflexão de tom, e neste sentido não vou permitir que se magoe a si própria e ao bebé ou às outras parturientes, que arranque o soro,

Foi sem querer, enfermeira, caí,

exacto, que caia e que arranque o soro, e que ande por aqui como se isto fosse uma colónia infantil, pelo que a aconselho a respirar fundo e a acalmar-se, enquanto os remédios fazem efeito e a podemos levar para a sala de partos, e Joana, muito vermelha,

eu vou gritar até que me tirem daqui, está a ouvir, eu conheço os meus direitos, a enfermeira acerca-se da cara de Joana, autoritária, faça isso querida, faça isso que eu meto-a a dormir com uma dose tão forte que, quando acordar, o gaiato nem há-de conhecê-la como mãe,

não era capaz, diz Joana, esticada sobre a maca, sem se mexer, sem convicção,

então tente-me, minha querida, e não vai ter a oportunidade de assistir ao parto mais calmo que se faz neste hospital, de cesariana, com a mãe a dormir, é um sossego tão grande para o pessoal todo que às vezes rezamos para que a mãe tenha um avecê a fazer força, e, completando a frase com a boca muito perto do ouvido de Joana, sussurrando, a enfermeira

endireita-se, devagar, doseia o soro e anota qualquer coisa na ficha clínica de Joana, virando costas, para desaparecer pela porta.

Deitada e apeada, Joana não tem ninguém, excepto o tecto, com quem falar, e o tecto parece querer descer-lhe rente à cara, como a cara bojuda da enfermeira, para lhe sussurrar ao ouvido: Joana, minha tonta, como te deixaste enrolar pelas falas mansas da enfermeira, minha querida para aqui, minha querida para acolá, e tu, lorpa, enforcada pelos braços aqui na maca, agora à espera de que te venham soltar, ou que vás parir aqui mesmo, sem o Jorge a dar-te a mão, esticada como um bacalhau pronto a desovar, és uma ingénua, Joaninha, achavas mesmo que alguém te ia dar importância aqui dentro por teres engolido a Wikipedia da gravidez, Joana, aqui é o mundo prático, minha querida, ninguém liga ao que as grávidas sabem, porque não é suposto saberem nada, Joana, é suposto cumprirem à risca o que lhes manda o médico ou a enfermeira, ou mesmo a auxiliar, e quando apanham uma empertigada como tu, cheia de vontade de opinar, dá-lhes uma azia tão grande, Joana, que só sossegam quando conseguem enfaixá-la num esparadrapo que a envolva de tal modo que a criatura não se consiga mexer ou falar, Joana, assim um pouco como tu, percebes, e Joana, enfaziada pela conversa, fecha os olhos e abre a boca: cala-te, grita, cala-te de uma vez, e, não podendo gritar para que a tirem dali, porque tem medo de parir a dormir, Joana grita por duas vezes apenas, e cala-se.

Joana deixa-se ficar algum tempo, de olhos fechados, com medo de que o tecto ou a enfermeira estejam lá, ao abri-los, para azucriná-la com reprimendas morais ou demonstrações de poder, e, estando os olhos fechados, ampliam-se os outros sentidos,

até que Joana colhe, com o pavilhão da orelha, o pingue-pingue dos seus sacos de soro, dessincronizados, e, um pouco mais para a esquerda, a lamúria ininterrupta da miúda, que ainda não saiu para parir, os passos no corredor, anestesiados pela borracha das sandálias, a multiplicidade de vozes, de expressões, e, pouco a pouco, Joana vai-se permitindo abrir os olhos, é como acordar, pensa, sem o reconforto da cama onde se dormiram muitas noites, sem a cova, que Jorge deixa, como símbolo da sua presença, e a primeira coisa que Joana vê, do outro lado da sala, para onde tem a cabeça virada, é o sismógrafo do CTG da miúda, a rebentar numa profusão de pontas, em perfeita sincronia com aquele corpo minúsculo, inchado de duas vezes o seu tamanho, encolhido, de lado sobre a maca como um acepipe, a miúda provavelmente ainda chora, debaixo do esguicho de *bips* cuspidos pelas máquinas que lhe perscrutam, por extensão táctil, o interior convulso a que ela se abraça, e Joana, mesmerizada pela máquina de bordar montanhas, vai deixando cair uma e outra lágrima e fecha completamente os olhos.

Assim que Joana abre os olhos, marejados das lágrimas que não consegue suster, vê novamente o CTG da miúda em plena actividade, a desenhar sobre o papel quadriculado picos e sulcos enormes, que vão sendo cada vez mais pequenos, até serem quase planos, para, logo de seguida, retomarem o seu crescimento demorado até atingirem o nível máximo, e, nesse momento, a miúda, a par e passo dos tempos da máquina, encolhe-se, distende-se, chega a bater na marquesa com o punho, e só quando o traçado começa a murchar ela se acalma, e, debaixo daquele desenho febril, subsiste, mais pequeno e ritmado, um compasso estável, que se mantém em amplitude, a despeito das arritmias

que lhe sucedem por cima, e Joana, naquele momento, alagada em lágrimas, quer sair daquela marquesa, quer ir à casa de banho, quer talvez que o Jorge venha ter com ela, para que não precise mais de fechar os olhos e de ter um macaco felpudo a comer-lhe as crianças, pelo que tenta chamar a miúda enroscada à barriga: olha, diz, pequena, repete, vira-te para cá, por favor, anda desatar-me, eu agarro-te a mão, mas a miúda, por entre o batimento cardíaco das máquinas, a sofreguidão eléctrica dos monitores, o pingar contínuo das sondas, não a ouve, e Joana tem medo de gritar, porque não quer que a adormeçam e que a ponham, a ela e ao seu filho, à mercê dos pesadelos, que, no sono, ganham força e tragédia, e cala-se.

Tecto, avança Joana, baixinho, tecto, faz-me um favor, mas o tecto não parece disposto a responder-lhe, ele que estava tão próximo dela ainda há pouco, é agora apenas o pano de fundo no qual podia surgir, ao longe, a lua, no seu acordar mortiço: tecto, diz Joana mais alto, ajuda-me, tecto, por favor, sejas o que fores, ajuda-me, e o tecto, finalmente, acede em responder-lhe, que queres Joaninha, que queres tu de mim, que ainda há pouco me mandavas calar, interroga, e vai descendo sobre o quarto num contorcionismo de placa, e, quando está mesmo por cima dela, Joana diz-lhe: ajuda-me, como, pergunta o tecto, diz àquela miúda que preciso dela, que preciso que ela me desamarre, porque me querem levar o bebé quando me puserem a dormir, ou pior, que me querem matar, diz-lhe o que for necessário, minto-lhe, pergunta o tecto, só se for necessário, sim, mente-lhe, mas fá-la vir até aqui desamarrar-me, para que eu possa ter a certeza de estar acordada quando for a hora, e que ganho eu com isso, replica o tecto, não sei, que podes tu querer de mim, volta Joana, ora, nem eu sei, então não queres

nada, não disse isso, corta o tecto, apenas sei que não sei o que quero, agora, mas não tenhas dúvidas, querida Joana, que to cobrarei, e quando acaba de dizer isso, a voz do tecto não se distingue da voz da enfermeira que, ainda há pouco, lhe atou as mãos e lhe prometeu metê-la a dormir para lhe arrancar o filho da barriga.

Não grite, por favor, não grite, diz a miúda, as faces dela talhadas de lágrimas, não grite ou ainda me castigam, o que quer de mim, diga-me o que quer de mim, mas pare de gritar, que toda a gente nos olha, e a miúda ladeia a maca de Joana, arrastando os seus sacos de soro, no estendal metálico que traz por uma mão, e o CTG, que traz pela trela que a outra segura: oh, querida, vieste, sussurra Joana, ajuda-me, tira-me daqui, como posso fazê-lo, replica a miúda, enquanto o sismógrafo portátil vai anunciando outra contracção, e a miúda flecte a espinha para se agarrar à barriga, que parece ganhar vida própria, e Joana cala-se, enquanto a enxurrada da contracção leva as lágrimas e os gemidos pelo ralo da sala: ajuda-me querida, ataram-me aqui pelos braços, e querem fazer-me mal, desata-me querida, desata-me, é só o que te peço, e a miúda, rápida a olhar para as braçadeiras que imobilizam Joana, eu ajudo-a, mas tem de me ajudar também, claro, filha, claro, como o poderei fazer, diz-me, somos pobres, mas algo se há-de arranjar, não é isso, diz a miúda, prometa somente que me ajuda, e logo vem outra vaga e a conversa é interrompida, a miúda, a custo, sustém um grito, a máquina escala mínimos olímpicos no tracejar, e Joana receia que a miúda não aguentasse sem gritar ou cair, mas nada disso acontece, a miúda é forte, pensa Joana: eu vou desapertá-la, diz a miúda, enquanto tenho forças e não me levam, mas não se esqueça do que me prometeu,

não me esqueço, querida, e a miúda tira-lhe ambas as correias, com dificuldade, porque aquilo que uma mão grossa e rude aperta não logra ser desfeito por duas mãos finas, mesmo que esforçadas, e quando acaba de desapertar Joana, esta levanta os braços e leva-lhe as mãos à cara: querida que posso fazer por ti, diz-me, e a miúda, ganhando subitamente vinte anos no lombo, fique com ela, prometa-me que fica com ela e que não tenho de levá-la para casa, que não tenho de vê-la mais, e que amanhã posso voltar a ir para a escola, como se nunca tivesse feito esta asneira na vida, faça o casalinho, diz, sem sobressaltos na voz, quando me vierem buscar, acompanhe-me e fique com ela, e como poderia eu fazer isso, querida, mesmo que o quisesse, NÃO SEI, interrompe furiosamente a miúda, desenrasque-se, prometeu, minta, faça como toda a gente, suborne um médico, eu não quero saber, mas eu ajudei-a e agora vai ajudar-me, não vai, interroga, e Joana, sem reflexos, de mãos tombadas em cima da marquesa, como se ainda estivessem atadas, eu ajudo-te, querida, eu prometo que te ajudo.

A miúda suspende as lágrimas por um instante, o tempo de indagar, pelo olhar, as intenções de Joana, detém-se nela clinicamente, como se auscultasse a frescura de uma alface, e logo roda sobre si própria, passando as linhas de soro e os cabos do CTG por cima dela, para não se enrolarem, e começa a andar, em direcção à sua maca, ela e a enorme e invejável barriga, que lhe caberia dentro de um carrinho de mão, e já anda arqueada, pensa Joana, deve estar prestes a ter o bebé, arrasta-se naquelas barcaças de chinelos pela sala, a puxar os soros e as máquinas, e, quando a miúda chega à maca, mesmo antes de conseguir alçar a perna para franquear o corpo sobre o simulacro de colchão que a recebe, tem uma violenta contracção

e deixa-se cair de joelhos, as mãos no chão e a respiração ofegante, e quando Joana se apresta a levantar-se da sua maca para a ajudar, a miúda faz que não com um gesto, manda-a parar, dirime a hiperventilação e ergue-se, até alcançar novamente a maca, e com um pulo inesperadamente ágil, sobe para ela e volta tudo ao mesmo, dobrada, posição fetal, uma cornucópia curvada sobre a maca, à espera de que a deliberação do parto a endireite.

Joana não tem mais nada que fazer senão esperar, esperar enquanto as bolsas de soro e a ocitocina que contêm apressem as contracções e, desde logo, o nascimento, e, sentada na maca, Joana fecha os olhos, mais uma vez, para se imaginar fora da sala de espera, numa praia onde o rebentar das ondas substitua o chilrear electrónico das máquinas, e o sol resplandeça glorioso, destituindo de função os halogéneos de bafo frio, de onde emerge uma manta de luz difusa debaixo da qual toda a gente se move mais devagar, e Joana passeia nesse beira-mar fictício, pés dentro de água tépida até à canela, o Jorge a encher os bolsos de conchas para decorar o berço, talvez escrever o nome dele na geologia das marés, um Francisco de conchas, e mais tarde trazê-lo cá, e dizer-lhe: foi aqui que começaste a nascer, eu estava em cima de uma maca, queixando-me de que as dores nunca mais vinham e comecei a pensar neste lugar, porque esperar é um entrave à vida, a própria consciência se ressentindo disso, e, como um cão fechado há horas num carro abandonado, tem necessidade de esticar as patas e de ladrar aos passantes, eu estirava-me um pouco por aqui, com o teu pai a ouvir a pulsação do mar, por intermédio de uma grande concha de búzio colocada sobre a orelha, eu senti a primeira contracção a sério, uma pontada entre o útero e a barriga, uma

facada que espalha os seus efeitos pelo resto da barriga, e, não tendo sido uma dor impossível de aguentar, a verdade é que foi o suficiente para eu não conseguir manter o paraíso artificial onde te encontro, a ti e ao teu pai, à cata de conchas, e onde mergulho os pés numa água tão morna que não sinto a diferença entre ser água e ter corpo.

É isto uma contracção a sério, pensa Joana, é isto que acabei de ter, e, num CTG, corresponderia àqueles traçados em forma de faca garatujados por um epiléptico, tenho uma contracção a sério, pensa Joana, já devo estar mais perto de ter o meu bebé, se calhar até é altura de chamar o Jorge, para que ele me acompanhe como sempre quis, já deve ter comentado todas as actualidades, e deve estar mortinho por me ver, sobretudo por ver o Francisco, é uma contracção, não tenho dúvidas, há bocado era somente a descoordenação geral de um grupo de músculos destreinados para a maternidade, agora sim, é uma dor, uma dor que passa por mim e manda o resto do corpo fazer o que à dor der na gana, atira um braço para trás e dobra a coluna, e não tendo o poder do ceptro tem o do machado, e agora só preciso de me concentrar na respiração, como tenho vindo a treinar há que tempos, pensa Joana, para poder passar por isto como uma verdadeira mulher, numa variação de amplitude entre o estóico e o histérico.

As mulheres em redor de Joana já não são provavelmente as mesmas, excepção feita à miúda a quem ela prestou atenção incessante, e, na verdade, pensa Joana, pouco importa, porque o que passa por aqui não são propriamente mulheres, mas gemidos, contracções, e um sofrimento em crescendo, que se inicia assim que se entra pela porta, e que termina numa sala, depois de um corredor, que a mulher deve percorrer deitada,

se houver maca, ou a andar, com o bebê preso por um suster de respiração que dura os passos que distam de uma sala a outra, se não houver.

Na sala entra um grupo de estudantes, uns seis marmanjos armados de blocos de apontamentos e estetoscópios, encimados por um taciturno professor, que vai passando pelas mulheres, com o olhar posto nas fichas onde vêm inscritos as horas e os dedos de dilatação correspondentes, esse indicador universal do tempo que resta, e o homem, um alemão de homem, alto, vai cofiando o bigode aloirado enquanto lê e mostra aos estudantes alguns gatafunhos que os pessoal médico rabiscou, parando diante de uma parturiente sentada de cócoras, em cima da maca, para lhe dizer que se deite, e manda avançar com os olhos um dos moços de bata branca, que tem idade para, no mínimo, ser filho dela, um rapaz a quem caberá, porventura, o primeiro *fisting* de que guardará memória para bolçar em eventuais consultas de psicanálise, e o moço calça uma das luvas e besunta-se de gel, manda a mulher deitar-se de costas, uma, duas vezes, mas esta já está tão envolvida no mundo próprio que as dores conseguem tecer que nem o vê, nem mesmo quando ele lhe grita perto do ouvido para que ela se deite, a mando do professor, que lhe exige rigor e assertividade, e logo este perde a paciência e a obriga a estender-se de costas na maca, enquanto a agarra pelos pulsos e ela se debate, atirando as pernas para a frente e mandando todos para a puta que os pariu ou algo do gênero, e o médico, arvorado em comandante de esquadrão, instrui dois dos seus pupilos a atarem-lhe as pernas, com cuidado para não as partir: senão isto é uma chatice, ainda fica com mais dores e damos trabalho a dois departamentos, assim não fazemos amigos, estão a ver, e

os miúdos, cada um com as mãos a tentarem sossegar o vai-vém assíncrono das pernas, um agarra numa perna enquanto o outro pega na correia, para apertá-la antes que ela se escape, o que acontece inevitavelmente, sendo que o resto dos garotos, ladeando a cena, faz apostas sobre qual dos dois maçaricos levará primeiro um pontapé no olho, e tudo recomeça, o professor à frente, a pedir disciplina e concentração, os dois lá atrás, fixados no moinho de músculos, esperando por uma espécie de ponto morto para lhe calcarem a pressão dos braços, e, quando a perna direita começa a afrouxar o ritmo, um dos marmanjos atira-se a ela, de dentes de fora e tudo, assertivo, como quer o *barão von richthofen*, que sorri perante a iniciativa do seu pupilo, o tempo suficiente para o ver levar um pontapé monumental na boca, que já se sabe que o corpo tem olhos por todo o lado, já que não precisamos de ver onde está a mão para levá-la onde queremos, e nem o pé, para o caso, e um dos pés, aquele que não estava apeado, dado que o colega encarregado de o fazer, desabituaado de trabalhar em equipa ou por pura maldade, o largara, faz um moinho tecnicamente irrepreensível em direcção à cara do estudante, e este cai, ele, o orgulho e a assertividade, o que faz o professor cerrar os olhos e indicar, para o lugar daqueles dois semi-idiotas, outros dois que tenham aprendido com o desenrolar ao vivo deste primeiro capítulo.

Em pouco mais de dez minutos conseguem amarrar a parturiente, e o estudante, já de pé, cumpre o ritual de dizer que não é nada a quem quer que pergunte pelo inchaço, sobretudo ao professor, que continua a fazer força nos braços da mulher para que esta, já com pouca convicção, oscilando entre o *cães de merda* e o *aldrabões*, deixe arquear as pernas sobre os apoios

laterais, e desista. O estudante, a calçar novas luvas de látex sem o pormenor do gel, aproveita a brecha da vontade para meter, com dificuldade, a mão pela vagina até chegar ao colo do útero: nove dedos, exclama, esta senhora está pronta para ir para a sala de partos, é o que diz o CTG, pergunta o professor, que começa a afrouxar a pressão, contracções de dois em dois minutos, dilatação de nove dedos, possível ruptura da membrana, sim, sim, isso tudo, poupe-nos o palavreado e atente sobretudo no que dizem as máquinas, porque se assim o fizesse e tivesse olhado para o papel à sua frente, nem tinha tido necessidade de meter os dedos aí, muito menos de levar uma rotativa nos queixos, e a descontração com que o professor diz tamanha impropriedade clínica leva a que todos os estudantes, excepção feita ao visado, se riam, sem diferirem, na forma, de como se ririam das tropelias que faziam numa terceira classe. Quando chegam perto de Joana, o professor leva as mãos à ficha clínica e abana a cabeça, nota-se-lhe uma consternação expressa pelo arquear do sobrolho, uma tristeza irreparável, que ocorre, a espaços, quando as pessoas obtêm raras vistas privilegiadas sobre os abismos dos outros, e da modalidade homem, recém-adquirida, o professor volta rapidamente para a modalidade germanico-doutoral, e, alçando do estetoscópio, deite-se de barriga para cima, pede a Joana, e esta obedece prontamente, fresca da cena de ainda há pouco e lembrada das suas próprias amarras recém-desfeitas, e o professor dobra-se sobre Joana e vai pondo a boca do estetoscópio sobre a barriga dela, franzindo os sobrolhos, e chama um dos assistentes com a ponta dos dedos: ausculte lá esta parturiente, diz, veja lá o que consegue concluir, e afasta-se, o rapaz lá anda de volta de Joana, a meter o círculo nos sítios onde o professor desbravou

caminho, e vai ficando pálido, e de repente tira o estetoscópio e, muito hirto, prepara-se para comunicar as suas conclusões a *herr barron*, que, com o dedo indicador sobre os lábios, lhe indica que se cale, e, basicamente, lhe faz ver que quer que seja um assunto tratado fora do âmbito e contexto da doente, da própria Joana, que, perturbada pelo secretismo do procedimento, se vira para o professor: mas está tudo bem, agarrando-o pela manga do braço, numa persistência suficientemente dócil para não convidar à punição, e o médico responde que sim, que está, que quer fazer perguntas a outros alunos sobre coisas triviais e que, por isso, não pode arriscar que as respostas sejam dadas antes de tempo, percebe, temos de estar sempre a avaliá-los, porque são eles, um dia mais tarde, quem vai estar aqui a conduzir bandos de homens e mulheres obtusos e peneiros, que pensam que a ciência e a medicina são as mnemónicas pelas quais se decoram ramais inteiros de veias ou nervos, e não quero que descubram, sem assistência adequada, que tudo o que sabem, fora do âmbito dos livros coloridos pelos quais enfardam noites a fio a patologia ou a anatomia, não serve de nada no contraste com a natureza de facto, no contraste com aquele que partiu o fémur de facto e que não deixa, de facto, que lhe chegue ao pé a anestesia, porque, de facto, tem medo de agulhas, percebe, e enquanto o médico se vai afastando, no consolo de haver pastoreado um rebanho a que muito raramente dá prelecções, Joana volta a insistir, já com ele de costas: mas está tudo bem, não está, e ele responde que sim, levanta o polegar para sublinhar a firmeza da frase e só o estudante, de cara pesarosa, parece tentado a contrastar com aquela harmonia. Entram pela porta umas enfermeiras e auxiliares, vêm buscar a que está mais perto de ter um bebé, uma que ainda se debate,

com as correias atadas às pernas, numa posição já bastante aceitável para entregar o filho aos cuidados de uma parteira, no particular, e do mundo, em geral, que afinal é o berçário apropriado para a criançada em cujas papilas gustativas pulse a fome muito particular de conhecer tudo, e Joana vê a mulher deitada, um tufo desordenado de cabelo, uma protuberância, duas asas partidas e sem préstimo a penderem lateralmente, porta fora, um par de enfermeiras a cuidar dos soros e a rir-se, uma outra a verificar o correio no Iphone, tudo feito como se o nascimento fosse tão dessacralizado como comprar leite na mercearia.

A sala fica vazia de intermitências, só as grávidas ocupam, agora em menor número, os pontos cardeais, uma em cada parede, quatro ao todo, um *feng shui* de barrigas numa sincronia de contracções, e Joana também já faz parte do clube, as dores vêm de quinze em quinze minutos, como já há bastante tempo, com a diferença de serem dores a sério, e, de cada vez que Joana as tem, agarra-se à estrutura tubular da maca e ofega, até ficar à beira de perder a consciência, sendo que, no limite, lhe vem sempre à cabeça a imagem de ter um filho a dormir, o miúdo arrancado, anonimamente, do interior de umas entranhas incapazes de o receberem de volta e de o chamar pelo nome desde o primeiro instante, todas as sevícias têm um propósito, pensa Joana, esta dor corre pelo rio do meu corpo para desaguar no mar milagroso, onde recebo, ainda molhado, o meu filho nos braços, e saberei quem ele é porque o chamei pelo nome, e ele abrir-me-á os olhos, faminto de calor e de leite, e, assim que o acercar do meu mamilo, tê-lo-ei condenado a procurar, doravante e para sempre, uma substituição, que raras vezes se provera adequada, mas a vida é assim, somos

tudo no nascimento e é-nos dado tudo, e o futuro, no seu conjunto, é a soma dos momentos passados a tentar replicar aquilo de que nos esquecemos, em conteúdo, mas não em forma.

Enquanto pensa, porque nada mais há a fazer na sala de espera, salvo ler um livro ou passear pelos corredores, não fora o medo e a alergia que ganhou à liberdade e ao atrevimento, Joana sente cada contracção a vir, e assim que vem e que passa por ela num estremecimento de chicote, Joana sobressalta-se, contorce-se e geme, como todas as mulheres, mas o seu espírito, demasiado inquieto, não alcança sossegar-se com a cegueira da sua condição e, logo, assim que se certifica de que não há ninguém de bata na sala ou à porta, vai buscar uma luva de látex, que tira de onde viu retirar já dúzias, lambuza-se de lubrificante, usando da mão esquerda para o vazar sobre a mão direita, já encapuzada, e certa de que não está ninguém a vê-la senão uma grávida qualquer que calhe virar o pescoço, e com essas não se preocupa Joana, porque é como se estivesse noutra país, dos que compõem a macroscopia de um continente de alucinados, sobe a bata azul e desce um lençol para se cobrir e mete a mão na vagina, devagar, afinal não é assim tão difícil, pensa Joana, é andar com ela o suficiente até calhar num pórtico que se meça em dedos, e vai enfiando a mão, cada vez com mais dificuldade, porque é a mão do soro, e tem medo de dobrar ou partir a agulha, não encontrando nada senão o interior da vagina ainda, as suas múltiplas dobras que lhe aconchegam a vizinhança da pele, por debaixo do látex, eu já estive aqui, pensa Joana, até o Jorge já esteve, os meus ginecologistas e ex-namorados, já vi desenhos e ilustrações do colo do útero, não será tão difícil lá chegar, não será tão longe, mas não consegue, por mais que tente, com o cuidado de não partir

a agulha ou de enfiá-la também, acercar-se do colo do útero, tudo o que os seus dedos alcançam, sempre que conquista um ou dois centímetros mais, é mais espaço vazio, mais vagina por transitar, e, quando está prestes a conceder meter também o penso e a agulha, assusta-se, volta para trás, tem medo de poder ferir-se ou ferir o bebé, e tira da vagina a mão untada de lubrificante, retira a luva, enojada, e acaba por a meter num caixote de resíduos hospitalares, onde está pintado um símbolo cuja leitura é reservada a iniciados, mas que, para Joana, serve perfeitamente, até porque toda a gente que fez o que ela fez acabou por recorrer ao mesmo balde.

Justo tempo, o que a Joana tomou para se auto-analisar, pois entra outro grupo de enfermeiras, que se dirige directamente para a miúda, imersa ainda no seu delírio interno, a contorcer-se de cada vez que aquele polígrafo se eriça como se apanhasse uma mentira, e, junto da miúda, as enfermeiras conversam ainda entre si, acabam uma anedota, ou uma historieta sobre qualquer coisa que aconteceu no hospital, versa alguém a fugir corredor fora com um extintor, um agarrado qualquer, que não conseguindo roubar um portátil ou uma impressora levou o que tinha à mão, esquecendo-se depois do sítio por onde entrara, e foram encontrá-lo, dois seguranças, à beira de um prolapso da aorta, agachado atrás de uma maca, e só conseguiram levá-lo com a promessa de não lhe tirarem o extintor, e o mais engraçado, diz uma das enfermeiras, é que não sei se a polícia, passadas duas semanas, já devolveu o extintor ou se o considerou solidariedade hospitalar, vejam bem, exclama, para risada geral, e voltam-se então para a miúda, encarquilhada sobre a maca, vão-na desenrolando como se alisassem um trapo encharcado, e os membros deixam-se ir, até que vem

mais uma contracção e a tendência natural para recolherem ao ponto de segurança, e elas voltam a fazer o mesmo, calmamente, fazem-no todos os dias, pensa Joana, pobre miúda, parece nem estar aqui enquanto elas se ocupam dela, e as enfermeiras, à medida que vêem que estão a puxar sísifos, começam a aplicar mais força, e a suster os membros por via das correias que toda a gente já conhece, e, aos poucos, o *puzzle* da menina está resolvido, os braços e as pernas atados, sem estrilhos ou impropérios, apenas os gemidos e as contorções de quem não pode evitar estar sujeito a uma força que não controla, uma das enfermeiras calça a luva e insere-a na vagina da miúda, sem que ela reaja, está bom, diz, vamos levá-la, e assim que ela diz isso a miúda acorda, ou parece acordar, se parecia dormir, e grita, grita tanto quanto pode, o tempo que pode, porque uma contracção acaba por calá-la, e as auxiliares aproveitam para pôr a maca a mexer-se, sob o olhar infeliz de Joana, que a vê partir, e quando a miúda está a chegar à porta, volta a ter forças para gritar outra vez, que não me levem, que não quero tê-lo, urra, que me prometeste, que não te esqueças, é o casalinho, grita a miúda, é o casalinho, é esta a última frase que se ouve antes de a porta se cerrar, no acordar de uma contracção que a cala. Como cumprir a promessa que se fez, sobretudo quando se promete sem convicção, pensa Joana, como salvar aquela miúda do destino de uma maternidade que, para existir, acaba por amputar uma larga porção de futuro da mãe, doravante interdita de ser menos do que isso, e que, acaso o acabe sendo, se verá perseguida pela consciência, de acordar tardio e muita fome, que lhe mordiscará o cachaco até ela nem conseguir sustentar a cabeça, da culpa e da vergonha, como evitá-lo sem o poder sobre-humano de apartar águas ou de multiplicar pães, sem a

força divina de repetir, exaustivamente, a verdade, num registo de mantra, até ser sacrificado, sem que as últimas palavras proferidas sejam diferentes das primeiras, quem tem essa força e onde posso consegui-la, meu deus, pensa Joana, dai-me resolução e firmeza e agora mesmo me ponho a caminho da sala de partos, para anunciar que aquele também é meu filho, transviado de barriga e de ecossistema, mas igualmente meu, e que todos reconheçam a verdade do que digo, porque falo a língua das promessas, imutável e arcana, nascida nas ribeiras do éden, antes mesmo de o primeiro homem e a primeira mulher se levantarem, sujos e bons, do chão, e poderem, um dia mais tarde, prometendo na mesma língua que agora falo, pecar contra deus, no desconhecimento de que o futuro é apenas a infinidade que dura.

No fim sobramos três, a conta que deus fez, sorri Joana, eu e estas duas camaradas de armas que recusam abandonar o posto, mercê de um colo de útero pouco cooperante ou de uma inusitada resistência à medicação, ficam-se por aqui a decorar a sala enquanto as enfermeiras vão entrando e saindo, gastando luvas e lubrificante, papel e caneta, para concluírem

ainda falta, ainda falta,

ao que elas respondem com um grunhido e com um soco na maca, alagadas de suor por estarem no mesmo sítio a fazer força há horas, os músculos doridos, cheias de fome, de vez em quando pedem um copo de água a quem passa, na esperança de que alguém desconheça a regra pela qual são proibidas de comer ou de beber, mas o que elas querem, na verdade, é parir, aqui e agora, se for preciso, são as dores, as câibras nos músculos esgotados de magnésio, a força a abandoná-las por mor da espera e da sede, a vontade de um copo de água tranquilo,

nem precisava de ser água mineral ou fresca, apenas um copo imperturbado pela convulsão do sofrimento.

Joana levanta-se e, com cuidado, andando pelo quarto até chegar ao lavatório, procura dois copos que possa encher e levar às mulheres que se contorcem, não encontrando nenhum, e pensando que talvez não seja o sítio adequado para copos, que é uma coisa absolutamente doméstica e de uso comum, mormente interdita naquele sítio, que, todo ele, fede a bactericida hospitalar, pelo que os copos não estarem ali não é uma surpresa, antes uma confirmação da evidência do contexto, e Joana, não desarmando de solucionar o problema, lembra-se de ter passado por um dispensador de água, num dos corredores próximos da sala onde está, e resolve arriscar sair porta fora, afinal o dispensador de água deve estar muito perto, pensa, e a enfermeira que ela mais teme estará longe, se tudo correr bem nem calho a vê-la, e continua a passar pela porta, fazendo o ar mais natural deste mundo, o de uma grávida que, no paroxismo do tédio, decide andar para desmoer o feto.

Agarrada à barriga e ao soro, Joana percorre os corredores em busca do dispensador de água, certa de o ter visto, de alguns copos de plástico a que consiga deitar mão, fazendo-se de distraída, gerindo uma antipatia típica de quem espera contrariada, os olhos postos no solo, excepto quando está a ter uma contracção, pela qual se dobra ligeiramente, ficando imóvel apenas o tempo necessário para se recompor, semierguendo-se do seu torpor assim que pode para caminhar um pouco mais, afinal nem deve ser tão inédito o que faço, já milhares de pés semelhantes aos meus devem ter pisado este chão, à procura do consolo itinerante, um tripé a fazer de soro e uns chinelos a fazerem de sandálias, se calhar a propensão para

suportar a dor acresce nas caminhadas, sobretudo as que se empreendem com espírito missionário, seja curar doentes na orla do mar Morto, seja conseguir água para saciar a boca de duas mulheres, atadas pelas dores ao sítio onde vão desabando, sobre elas próprias, em réplicas de angústia, e Joana, de tanto andar a olhar para o chão, não sabe de repente onde se encontra, estou perdida, pensa, estou perdida numa encruzilhada, sem placas, onde mora apenas um vaso de onde se ergue, sem vontade aparente, um tronco oblíquo, encimado por umas duas ou três folhas mortijas, e um extintor, engraçado, pensa Joana, os extintores são realmente fáceis de fanar, se eu quisesse um bastava levar este, e ri-se, sozinha num cruzamento, sem saber que caminho tomar, e imaginando a forma mais expedita de sair com um extintor do hospital, para posteriormente se enamorar dele.

A menina ri-se de quê?

Uma mulher, uma auxiliar de limpeza com os seus onnipresentes balde de água e esfregona, a menina ri-se de quê, e a mulher apoia o queixo no cabo da esfregona enquanto espera pela resposta: de nada, diz Joana, de nada, apenas acho que estou perdida, é isso, vim andar um pouco para ver se adiantava este parto mas esqueci-me do caminho por onde vim, e queria água, queria água para as minhas colegas de quarto, coitadas, nem conseguem sair da cama, ai, que vem aí outra, e Joana semi-flecte-se como aprendeu a fazer durante a caminhada, a contracção vem e passa, sacudindo-a de gemidos, e a mulher da limpeza diz-lhe, ande, vamos, eu levo-a até à sala de pré-parto onde estava, é só seguir-me, mas a menina deve saber que está proibida de beber e comer até ter a criança, pelo que o máximo que lhe posso oferecer é uma boleia, e a mulher ri-se da própria

piada, e tem um riso afectado, agudo, e Joana, apesar de achar graça à piada, não consegue rir-se dela.

Venha daí, insiste, e Joana retoma o passo atrás da mulher, que vai dobrando esquinas e cumprimentando pessoas, as auxiliares que fazem ou desfazem uma cama, ou que calham vazar um balde do lixo para dentro de um daqueles sacos pretos, cuja função também passa por recolher os pertences das grávidas em internamento, e a mulher mexe-se com o à-vontade dos obreiros menores, a quem pertence cuidar da limpeza da criação alheia, vai empurrando o seu balde como Joana puxa pela trela do soro, e, caminhando juntas, não parecem fazê-lo, pois não falam, não são da mesma casta, dentro do sistema hierárquico do hospital, e Joana limita-se a seguir a mulher e a mulher limita-se a ser seguida, e em chegando ao dispensador de água de que Joana se lembrava, a mulher enche um copo e dá-o a Joana, sorrindo um sorriso cúmplice, certificando-se pelos cantos dos olhos de que não estão a ser vistas, e seguem pelo corredor até Joana conseguir avistar, ao fundo, a porta que dá para a sala de pré-parto, e outra que se abre, à esquerda e um pouco mais à frente, de onde vem saindo uma maca, provavelmente habitada por duas criaturas no rescaldo do esforço, e Joana, mesmo com a maca ainda longe, consegue perceber pela cabeleira que é a miúda, valente, pensa, conseguiu ter o gaiato, apesar da resistência em tê-lo e assumi-lo, e talvez agora, com ele nos braços, a sua perspectiva relativamente à maternidade sofra de tamanha inflexão que não se lembre das coisas que disse na sala, ainda há pouco, e Joana puxa pela manga da camisa da mulher para que ela pare um pouco, finge-se cansada, dorida, estamos quase lá, replica a mulher, depois pode estender-se

à vontade, mas Joana indica que está a ter uma contracção, uma forte, gesticula, e que não consegue mexer-se, pelo que a mulher encosta a esfregona à parede e fica-se, e, quando a miúda está prestes a passar por elas, Joana encontra refúgio atrás da mulher, para que a miúda não a veja, e ela passa, terrivelmente igual, choramingando como entrou, e uma das enfermeiras, que leva o bebé ao colo: esta idiota, já viste, mal lho pusemos nos braços, queria atirá-lo ao chão, não fossem os reflexos do doutor Pedro e o miúdo podia ter quinado, já me viste isto, com tanta gente a querer gaiatos, e esta parece que lhe nasceu o inferno, e a outra enfermeira, é muito novita, dá-lhe uns meses e vais ver que vem de pupila arregalada contar tudo o que o catraio tem feito, para as consultas de rotina, é daqueles bairros, sabes, temos de ter paciência, pois, replica a outra, mas quem paga são os miúdos, pois é, concordam ambas, e Joana, subitamente culpabilizando-se pela situação de uma miúda de que não sabe sequer o nome, muito metida atrás da mulher das limpezas, como se o que passasse no corredor, em cima da maca, fosse material radioactivo, ruboriza de alto a baixo, e empurra a mulher, que se mantém expectante, para que entrem, tão depressa quanto possível, na antecâmara do parto, e jura ouvir ou ter ouvido, entretanto, o casalinho, o casalinho, prometeste.

Quando Joana entra na sala, ainda vermelha de uma vergonha que não consegue inteiramente justificar, atenta rapidamente no facto de o sítio estar vazio, ninguém à espera senão ela, e chegando a mulher da limpeza: oh, lá lá, exclama, terá estado emigrada por França, pensa Joana, que este chão está imundo, diz, que terei aqui trabalho para pelo menos uma hora, e é normal, adianta, é aqui que desagua tudo quanto

não acaba por chegar ao ralo principal, e aponta com um dedo para o centro da sala, para que Joana siga o gesto, às vezes passo horas a criar calos, de descascar, do chão, uma nódoa imensa de sangue, que já secou o suficiente para passar por um bocado grande de linóleo, outras vezes são aquelas manchas invisíveis de águas, aquelas que cheiram a maresia, não sei se lhe aconteceu, sim, replica Joana, mas cheira a esperma, não a maresia mas a esperma, sabe que cheiram ao mesmo e que podem confundir um nariz menos perspicaz, diz Joana, esperma, mas esperma de quantos dias, pergunta a mulher, curiosa, esperma, só esperma, responde Joana, tentando finalizar a conversa, na qual só se imiscuiu por preciosismo científico, mas a mulher: é que o esperma, é o que ouço dizer, tem cheiros diferentes consoante o que a pessoa come, o que bebe, o tempo que passou desde que saiu, sabe, o esperma não é um cheiro muito definido, e não acho que se possa juntar as duas coisas como se cheirassem ao mesmo, porque, na verdade, nem hão-de cheirar, a não ser, sei lá... em partes muito específicas, e talvez haja um esperma, de um dia ou dois, que cheire ao mar, a maresia, já a maresia cheira mesmo às águas, percebe, e Joana, farta, furiosa, maresia, riposta, maresia seja, e enquanto espera que lhe passe uma contracção para subir para a maca, a mulher pega na esfregona e começa a esfregar, e enche a boca de um palavreado, em francês, que há-de ter sido a única sobrevivência a cortar fronteira na *valise de carton, ben di don, sacré bleu*, e Joana lembra-se do capitão Haddock, e do seu inesgotável vernáculo, e passando a contracção que a impedia de saltar para cima da maca, Joana alça a perna e senta-se, apreciando a banda sonora do quarto, e, fechando os olhos, ri.

A nossa Joana está deitada de lado e, como um rebento vegetal sem água, vai encaracolando sobre si própria, à laia do que viu acontecer com a miúda e como acontecerá com todas, julga, excepto aquelas que estranhamente se sentem melhor de cócoras em cima da maca, a esfregarem a barriga em movimentos circulares, como se acreditassem conseguir desenroscá-la para de lá sair, numa surpresa *kinder*, a criança incólume, ficando a vagina intocada, tal qual abrir um presente de Natal, e se calhar é uma fantasia que dura até que o topo da cabeça do bebé tem pela primeira vez contacto com o ar do mundo, e então essas mulheres já não têm tempo de se recolherem na concha na qual se guardam as forças para o que há-de vir, vão assim para a sala, exaustas de dissipação, e, na dupla surpresa de se acharem enganadas, acabam por parir como as outras, a gemer e a rasgar, porque a limpeza de um parto à *matrioska* há-de ter estado guardada unicamente para Eva, e somente enquanto não se deu o infeliz incidente com a maçã.

Para Joana é tudo muito claro e tudo muito positivo, é pela dor que há-de chegar a redenção, está-lhe escrito no código genético, na secção fé & convicções, é uma linhagem antiga que tem resistido estoicamente ao verniz das conquistas técnicas, mesmo que à superfície tudo pareça indicar o contrário, e que a fé, aparentemente, se tenha vindo a alinhar, no decurso dos milénios, com o aparelho ditatorial da razão, mas isso são apenas as escamas da criatura, porque toda ela, por debaixo, é um coração imenso, um coração e um poço à beira do qual, por vezes, o coração pende, a tábua da razão serve unicamente para ser exposta em público ou para ser inscrita num currículo,

e há mesmo quem lhe dê tão pouca importância que a utilize somente para cortar os vegetais da sopa, escovando-a, no final, só para não ser apodada de lavajona pela vizinha do lado, de cujo corpo só resistem os olhos e a língua áspera.

Está com muitas dores, menina, pergunta a mulher, e Joana, entre contracções, não, por ora não, só quando elas vêm e aí sim, aí é que são elas, mas faz parte, estou preparada, faz parte, e a mulher, olhe que isso parece uma eternidade, enquanto aqui estão mas, depois, quando o for a ter, é num instante, até vai sentir pena de não ter estado mais concentrada para ver tudo ao pormenor, porque é maravilhoso, menina, não tenha dúvidas, eu própria assisti ao filha e não me arrependo nadinha, até porque o companheiro dela à altura – agora já ninguém – era um banana e um incapaz da pior espécie, vai-se lá saber o que a rapariga terá visto no moço, um daqueles que andam sempre de boné, até em casa, e as sapatos, não me parece que a mãe dele tenha dado muito sentido à sua educação, não acha, menina, e Joana, a rodar sobre si própria, para estar de frente para a sua interlocutora casual, pois não, não parece, e a mulher, logo, foi o que pensei, e disse à minha filha, tu não vens ter a gaiata com este imbecil a reboque, que ainda te desmaia na sala de partos sem ninguém para o não penses que não é possível, já vi acontecer mais de uma vez, filha, e o seu marido, menina, também vem ver, sim, replica Joana, assim que o mandar chamar porque nesta altura aqui, percebe, pois claro, replica a mulher e Joana, de súbito, percebe que não ouviu o que ela própria disse, houve como que um corte, um botão *mute*, accionado durante algum do tempo em que ela falou, e lembra-se de ter dito: porque nesta altura não faz falta aqui, percebe, mas só

saiu o princípio e o fim da frase, ou tendo saído tudo só as pontas tiveram direito à sonoridade que normalmente se empresta, sem restrições, à voz, desde que esta esteja em condições de articular sons, e Joana pensa que talvez tenha perdido mais coisas entretanto, e concentra-se na mulher que tem defronte dela, a desfiar-lhe da bainha a história do amor suburbano com rodapé de concepção, e, olhando para a mulher: diga lá, que não percebi bem, e a mulher, disponível, eu estava a dizer que o miúdo, mal veio do hospital, foi casa, arranjei um quartinho para os dois, porque disso, e ele ficava horas a jogar consola, a noite toda, e quando a criança, acordava mandava calar o bebé perdia, já viu isto, menina, onde , diga lá, e Joana, dobrada para a frente, dando a orelha esquerda ou a direita, como se estivesse subitamente mouca, não consegue ouvir parte do monólogo que a velha vai recitando, e para o qual vai pedindo apoio ocasional, com interjeições clínicas, a que Joana responde, acaso tenha ouvido, ou a que não responde, acaso tenha perdido essa parte da conversa, sem que a mulher dê demasiada importância ao caso, porque isto já se sabe que as grávidas nem sempre estão com atenção ou paciência para a conversa, pensa a mulher, às vezes, e pela minha experiência, o melhor é falar-lhes, mesmo que pareça aborrecê-las, só para que elas tenham uma banda sonora à qual voltar, quando vêm esgazeadas das dores, o olhar enfiado num ponto interior, de onde não conseguem sair, e quando lhes dizemos qualquer coisa que seja, elas despertam, e até podem dizer umas caralhadas, como as que saem da anestesia, mas mesmo assim é melhor, porque não se deixam ficar ali, alagadas pelo pescoço num poço escuro onde as mãos nunca chegam a alcançar as margens, não é, minha

querida, esta já está meio assim, assarapantada, veja-se só, aposto que importância, é falar com a querida até à super mesmo não importe, e a Joana, realmente assarapantada, nas palavras da mulher, vai tentando esforçar-se por perceber de onde vem o problema enquanto a velha fala, e fala como se anunciasse o fim das coisas amanhã sem falta, e Joana percebe que não é somente a voz dela, ou a voz da mulher, que sofrem de silêncios aleatórios e inexplicáveis, mas também o ruído das coisas, os passos no corredor, interrompidos no início para serem retomados no fim, e, no meio, o que houve, terão saltado, pensa Joana, enquanto decide meter um dedo no ouvido, calhando é uma bola de cera, ou duas bolas de cera ou algum sintoma neurológico, por causa da gravidez ou da força que se faz durante a gravidez, no fundo é como se o silêncio absoluto viesse e fosse aleatoriamente, e Joana, com ambos os indicadores nos ouvidos, não encontra rasto de sujidade, excepto as naturais excreções que o corpo não se aborrece de produzir em contínuo, uma camada mínima, e porventura protectora, de uma cera que Joana se apresta a remover com afinco, até a mulher lhe dizer, ainda se aleija menina, é melhor ir-lhe buscar uns cotonetes, que isso não se faz assim, com tímpano primo dói que nem sabe, e Joana, sim, tragame, e, no aperceber-se do silêncio, calha rir-se, afinal é de certo modo engraçado aquela súbita vontade própria do som ou do ouvido, e, como ainda não está pronta para deses- perar sem conhecer as facetas todas ao fenómeno, ri-se, mas só lhe sai a primeira tranche do riso, ah, ah, o resto fica ou não se ouve, ou ela não ouve, ou qualquer coisa semelhante que, desta vez, lhe espicaça o sentido de normalidade, já de

si inquieto, mas respeitando a fila única para as preocupações no cérebro, e Joana pergunta à mulher, que olha para ela de uma forma diferente desde o episódio do riso: a senhora está a ouvir bem, não está porque a mim agora mesmo, percebe, e a mulher, franzindo o v das sobrancelhas, eu mas testes, graças a deus, , não é, menina, e a Joana, continuando, eu não a ouço, é , num túnel, e serei só eu, ao que a mulher fica espedada, de que está falando, menina, médico, se quiser, não, replica, Joana, não, deixe-se comigo, , está bem, e a mulher, sim menina, quer e ambas deixam-se estar, uma de frente para outra, em silêncio, durante algum tempo, e Joana, durante este momento, morde o lábio para evitar chorar.

Joana põe as mãos em cima dos joelhos e fica a olhar para o chão e, de vez em quando, vem-lhe uma contracção, que a sacode, e, nesse momento, contrai as unhas nas pernas, cerra os lábios e geme, e às vezes ouve o gemido todo, mas, na maior parte das vezes, só ouve uma parte dele e supõe a restante, porque deverá haver equivalência entre dor e grito, pensa, e não necessariamente entre grito e ouvido, e nesta fenomenologia de acamada, vai acabando por contrair as unhas de encontro à perna, mesmo quando está livre da dor, e não fora a mulher de limpeza, a tomar-lhe por vezes as mãos para que Joana as aperte ao invés das pernas, e as coxas de Joana já estariam criadas de feridas semicirculares, especialmente porque Joana acha mais tolerável o sofrimento do que os caprichos do silêncio, e passa bem quando vem uma contracção, mesmo que não ouça o seu próprio gemido ou as palavras de força da mulher

de limpeza, a dor desfoca-me do problema da arritmia sonora, pensa, e já deseja que as contracções venham e que durem muito e muito tempo, para se poder marimbar para o que a realidade lhe quer oferecer aos bochechos, e também por isso crava as mãos nas pernas, para obter o limiar de sofrimento, pelo qual fica vedado, a algumas preocupações, o acesso à cabina de comando, mas a mulher, de boa que é, tira-lhe as mãos de cima das pernas, e diz algumas coisas das quais Joana percebe o fim ou o princípio, ou um literal mas inconsequente meio, e recolhe-as nas suas mãos, e Joana aperta na mesma, porque logo abaixo do sofrimento, na escala despreocupacional, está o esforço, e Joana não se importa de que o seu esforço corresponda ao sofrimento da velha, que vai fazendo umas caretas e ajeitando as mãos, de cada vez que Joana resolve fazer dos dedos tenazes.

Se isto continua assim, pensa, daqui a pouco, quando o Francisco nascer, terei direito talvez a meio choro inaugural, ou farei figura de mouca, na marquesa de parto, faça força, faça , , e nada, hei-de estar a ter as minhas primeiras aulas de leitura labial ao mesmo tempo que vou parir, e se isto não é de certa forma radical, não sei o que será, pensa Joana, e as coisas do quarto, as máquinas que fazem *bip* em contínuo, o zumbido fosforescente das lâmpadas de tecto que não se cansam de pulsar em estertores de epiléptico, a velha que continua no seu relato infundável, no qual procura meter três ou quatro vidas inteiras, num resumo passível de ser consumido entre contracções, as barças dos chinelos a rasparem o linóleo do chão, as unhas contra os apoios da cama, num tinir de sino de templo, o próprio respirar, o coração a latejar no pescoço, o deglutir sonoro da saliva, tudo lhe vem aos cortes, numa

interferência insusceptível de ser parada ou prevista, e Joana sente-se progressivamente desorientada, o silêncio é um primário de irrealidade, lambuzado a trincha grossa sobre todas as coisas, e o facto de isto, que nome dar-lhe, pensa Joana, surdez intermitente, o facto de esta surdez não arrear estendais nem se eclipsar num vigoroso abanar de cabeça ainda é pior, gosto das coisas certas, mesmo que más, certas, e haver um sentido que me falhe em regime de aleatoriedade é horrível, logo hoje, pensa, justo agora que as contracções são mais brutas e persistentes e que o meu corpo se prepara, todo ele, para apresentar o Francisco à casa do mundo, onde ele fará as suas inúmeras fortalezas de beira-mar, justo quando mais preciso, deus põe-me à prova, como se da imensidão de pessoas no mundo, alguns milhares de milhões certamente mais culpados do que eu, não houvesse gente mais adequada para os múltiplos testes que o senhor entende fazer passar às suas criaturas, antes de lhes indicar a rampa pela qual se sobe ou se desce rumo na terra, tudo muito bem e cristãmente, mas eu e, na verdade, céus, interrompe Joana, estou a perder com o próprio pensamento, as coisas que penso tudo aos cortes, estou maluca, só pode ser isso, daqui a bocado ver, de cheirar, , , do toque e metem-me e arrancam-me da barriga aquela enfermeira. Vou morrer.

Joana empalidece, subitamente, e a mulher de limpeza, mesmo à frente dela, desvia-se a tempo de não receber na bata um jacto de água suja, que é o único lastro de que Joana dispõe para oferecer ao corpo a possibilidade de uma leveza temporária, e a mulher, no acto condicionado de agarrar na esfregona, para logo a largar: ó menina, que se passa, está branca, este vómito,

sente-se bem, e Joana, mesmo sem perceber inteiramente o que a mulher diz, ou o que ela própria pensa, abana a cabeça que não, e faz com o dedo um rodopio no ar, que está tudo a rodar, insinua, como quando a gente bebe e as coisas perdem os pontos de fuga habituais, e a mulher, deite-se, tentando empurrar Joana para que ela se deite, no fundo fazendo qualquer coisa para que qualquer coisa mude, mas Joana resiste, quer, aparentemente, estar sentada a assistir à derrocada da realidade, a mulher respeita, vai para agarrar o cabo da esfregona para limpar o vômito antes que chegue alguém e pergunte: porque é que isto está sujo, quando duas mãos desocupadas podem empunhar a esfregona, acto pelo qual ganham o sal do dia, mas Joana retém-lhe o movimento e agarra-lhe na mão direita, para a levar de encontro ao peito dela, como se dissesse, sintá, o meu coração galopa na noite escura só para não estar no mesmo sítio, e não se sabe para onde corre e poderá morrer, como os cavalos que preferem desistir da vida a desistir do horizonte, veja como este coração quer sair do corpo, até mais depressa do que o Francisco, para o qual a hora ainda não chegou, e não me deixe, e a mulher, não reunindo toda aquela versão própria de desespero, inteiriça e transparente, sabe, no entanto, que, às vezes, as mãos ocupam o espaço do silêncio e tornam o respirar possível, pelo que fica ali, junto de Joana, a agarrar-lhe nas mãos e a inquietar-se, simultaneamente, por haver um chão, sujo, a menos de dois metros dela.

Joana, por dentro, acontece pirilamparmente. O ouvir, o pensar, o ver, e, até, o cheirar, vêm aos cortes. Joana está em fase com a realidade, fase sim, fase não, entra e sai de cena, fica-lhe só a casca a ocupar o lugar para onde ela volta, às vezes com som, imagem e toque, outras vezes incapacitada, por lhe faltar

a vista e ter o ouvido, aos trambolhões, a dar-lhe uma versão compacta e amputada da realidade, uma coisa que ela já não sabe como integrar ou digerir, e quando a mulher insiste, mais uma vez, que Joana descolora vitorianamente, não está a exagerar ou a tentar fazer-se notar, é mesmo um gradual fenecimento cromático, quem a visse agora, de fora, uma transparência nua dentro da sua bata azul-fome, diria que Joana já não está cá, ou que já cá esteve e que já voltou, e, na verdade, para Joana, é isso que acontece.

Como será , conseguir entrar s , pensa Joana, que treme cada vez mais das mãos, dando-as à mulher, que ora as segura, ora lhe limpa umas gotas de suor, que, seguindo o padrão, acontecem e desacontecem na testa de Joana, cujo contacto com a consciência interior, aos solavancos, a deixa sem um ponto onde ancorar a realidade, se isto deus, não s é confuso morrer, morrer, morrer se será e só a palavra morrer parece sobreviver ao contacto espúrio com a realidade, e Joana repete, morrer, morrer, morrer, interior e exteriormente, e enquanto o pensa e diz, as coisas permanecem num estranho capricho, e a mulher: não diga isso menina, não vai nada, eu vou chamar um médico, está muito nervosa, mas quando a mulher se apresta a levantar-se, Joana aperta-lhe as mãos sem a deixar sair dali, e foca-se no morrer, morrer, morrer, o salvo-conduto pelo qual a realidade não lhe foge por inteiro, e começa a formar uma imagem na cabeça, um recém-nascido a cair, de muito alto, e repete o mantra pelo qual as coisas não fogem, enquanto o recém-nascido cai, cai não se sabe de onde para não se sabe onde, morrer, morrer, morrer, até as palavras começarem a perder

o sentido, como acontece com qualquer palavra à qual o uso continuado gaste o propósito, é só um amontoado de sons vocálicos e consonânticos pelo qual se traduz uma sequência fónica, que não diz nada para além do seu aspecto fonético, e o morrer, ao perder sentido, faz que se vá instalando novamente o estroboscópio, pelo qual a realidade vai e vem, com mais força ainda, pisca de tal modo que até a mulher à frente dela aparece e desaparece, as palavras ruem na ausência da inteligibilidade, as cores entram e saem das coisas a bel-prazer, e os sons decidem articular-se, ou não, com as bocas que os emitem, tudo rui perpetuamente, até o reboque de discurso pelo qual a nossa Joana alcança a consistência e a voz, afinal , , , membrana , , , a figura do bebé que cai tem consistência, só aquela imagem permite ser vista ou ser contada, o bebé que cai para o chão numa verticalidade trágica, Joana tira as mãos das mãos da mulher, que chora à frente dela, por se lhe terem esgotado todas as alternativas de fazer bem de outro modo, o bebé cai e cai, e Joana, com os braços esticados, deixa-o passar rente, e quando o bebé passa por ela, vê-se a si própria, um lampejo apenas, a zona do púbis coberta de sangue, o bebé tombado no chão, o coração de Joana a querer fugir do peito, um cavalo hipnotizado pelo galope furioso, Joana treme como se fosse ter um espasmo convulsivo, o bebé está no chão, uma poça de sangue, os olhos dele muito abertos, a fitarem-na inexpressivamente, e Joana a pôr as mãos sobre o ventre, e sobre as pernas ensanguentadas, e a perguntar como, como, como, e de repente a imagem some-se, a noite volta a ocupar os olhos de Joana, e tudo pára.

Faça-me um favor, diz Joana, sobrepondo-se ao choro da mulher de limpeza por detrás das pálpebras fechadas, vá ter com o meu marido e peça-lhe o *nécessaire* que está no fundo do saco, lá dentro encontra-se um terço que está na minha família há décadas e que tem acompanhado os partos de todas as mulheres lá de casa, da minha bisavó à minha mãe, para que deus olhe por elas, traga-mo, se faz favor, que vou precisar dele, e a mulher, que ia lentamente saindo do choro: mas o que se passou consigo ainda agora, menina, que desmaiou ou sei lá o quê, tremia como varas verdes à minha frente e dizia coisas horrorosas, assustou-me tanto, tanto, que estive para correr daqui para fora, juro-lhe, eu, que não sou cobarde, ia pirlar-me daqui, parece que estava possuída, e para essas coisas não tenho feição, e chamar o médico não serve de nada, sabe, e Joana, abrindo finalmente os olhos para obter uma versão ininterrupta do quarto e da mulher, que continua a agarrar-lhe nas mãos como se fosse a sua âncora: não se passou nada, querida, diz uma Joana inesperadamente calma, apenas os nervos, estou perto, sinto-o, e tive medo, sabe como é, a gente vem para aqui pensando que já sabe tudo, e, de repente, o corpo começa a dar sinais que nunca dera, vêm as dores e o pavor de que as coisas não corram bem, e Joana aos poucos vai largando as mãos da mulher de limpeza para ela as levar, tremelicando, ao encontro da cara, limpando o que resta das lágrimas com os nós dos dedos, e um sorriso principia a alumiar-se-lhe, e Joana continua: já passou, já está tudo bem, faça-me só este favor, para eu me sentir segura, e o seu marido, interpõe a mulher, ele que fique lá até ser hora, responde Joana, não precisa de vir

para aqui esperar comigo inutilmente, não sei, menina, como o reconhecerei, e porque haveria ele de me dar as suas coisas, não será difícil, diz Joana, entre na sala e pergunte pelo marido de Joana, ele está com um casaco de cabedal castanho e umas calças de ganga, tem o cabelo preto penteado para trás e uns olhos muito meigos e, assim que souber ao que vai, ficará descansado, e dar-lhe-á o que pede, conclui Joana, acha menina, e se ele não estiver lá, o Jorge vai lá estar, fique descansada, o Jorge vai lá estar, e Joana conclui a frase a tempo de uma contracção acontecer.

A mulher vai compondo o sorriso, ajeitando o cabelo, terei de me pôr apresentável, mesmo nesta bata que deslava qualquer beleza, pensa, e fazer o favor a esta miúda temente a Deus, apesar de não ser da minha conta, sempre componho mais o mundo do que esfregando porcaria o dia todo, e no estado em que ela está não a posso deixar, ainda lhe vêm os nervos outra vez, a caminho da sala de partos, e os médicos têm pouca pachorra para histéricas, especialmente os homens, que de parir só sabem o lado de fora, e, enquanto a mulher acaba de se ajeitar e de reunir as armas com que trava a sua batalha diária, um balde velho cujas rodas chamam como gatinhos e uma esfregona descabelada que vive afogada no balde, Joana, sentada na maca, conta oito minutos desde a última contracção e, entretanto, chega-lhe outra, os músculos da barriga ganham vida própria e apertam-na num abraço expulsivo, e ela respira como viu respirar em vídeos, pelo nariz, pela boca, pelo nariz, pela boca, e a mulher de limpeza, antes de sair pela porta, faz-lhe sinal se está tudo bem, ao que Joana responde que sim, torcendo tanto quanto pode a boca para fazer um sorriso, a mulher desaparece e Joana só tem de esperar, sentada,

que ela volte, mordendo os lábios, de onde acabou de desfazer o sorriso.

Na sala de espera estão poucos homens, todos eles dissipando a ansiedade de algum modo, e facilmente a mulher de limpeza reconhece Jorge, que corresponde tal qual à descrição da Joana, e chama-o: senhor Jorge, diz, baixinho, senhor Jorge, sem levantar os olhos do chão, talvez não esteja habituado a ser tratado por senhor, pensa a mulher, especialmente nesta idade, mas não sei se tenho coragem de o chamar pelo nome, como se o conhecesse, devia ter perguntado o apelido à miúda, em má hora me esqueço do que é importante, e é por isso que não passo desta cepa torta, e quando a mulher está prestes a deixar-se dividir entre aquilo que prometeu fazer e o caixão de dúvidas no qual arrasta a vida, como o balde, alguém se acerca dela: chamou-me, é o Jorge, pensa a mulher, afinal ouviu-me, sim, diz, chamei-o, estou aqui por causa da sua mulher, a Joana, mas passa-se alguma coisa, replica de imediato um subitamente preocupado Jorge, não, não se passa nada, filho, ela é que me pediu para lhe levar uma coisa, uma bolsa que tem dentro da mala, com as coisas dela, das pinturas, e um terço, disse que se sentia melhor com o terço, e não mandou chamar por mim, pergunta Jorge, ainda não filho, mas está quase, há-de vir alguém chamá-lo quando for hora, ela acha, e eu acho que com razão, que nesta altura não faz lá falta, coitado, para enervar-se já basta um, não é preciso os dois estarem a sofrer sem ser capazes de se ajudar, e Jorge, já com as mãos na mala, espere, dou-lhe já a bolsa, se me conseguir ajudar a saber o que é, quer vir até aqui, pergunta, sim, é uma bolsa pequena, certamente, deve estar no fundo da mala, pelo que disse a sua mulher, e Jorge vai levantando as roupas

de bebê, de diversos tamanhos e cores, clinicamente passadas a ferro, os chinelinhos, os livros, os pijamas, o robe de cama, as escovas de cabelo e os comprimidos em sacos herméticos, uma parafernália de coisas, tão arrumadas como os móveis do Ikea, até que, no fundo, encontra a bolsa, cor-de-rosa, e entre sorrisos a entrega à mulher, que se desfaz em obrigados, que vai tudo correr bem, diz, que seja uma horinha pequena, e Jorge: quando me vêm buscar, daqui a nada, replica a mulher, daqui a nada que ela estará quase, e até espero chegar lá e ela ainda lá estar, tenho de me despachar, apressa a mulher, e Jorge, dobrado sobre a mala e sobre as coisas, que nunca conseguirá reinserir de forma a que caiba tudo, obrigado, minha senhora, obrigado, e sorri, enquanto a mulher leva pela trela o balde chião e desaparece pela porta, não sem antes esboçar um sorriso, sentindo-se, de repente, cúmplice de qualquer coisa que, felizmente, a transcende.

Conseguí a sua bolsinha, Joana, consegui-a, está aqui, diz a velha ao entrar para a sala de dilatação, já depois de confirmar que mais ninguém lá estaria, e Joana, sentada sobre a maca, suada do esforço dos apertões, sorri-lhe, que bom, diz, que bom, eu sabia, dê-ma cá, pede, e a mulher vai ter com ela, com a bolsa na mão, estendida, vitoriosa, não foi difícil encontrar o seu marido, e como está ele, interpõe Joana, está bem, coitado, tão bem quanto pode estar, apartado do grande mistério da espera do que se passa aqui, mas é assim a vida e a natureza, Deus fez homens e mulheres para coisas diferentes e muito do mal que tem vindo ao mundo há-de ser por uns e por outros quererem fazer por igual o que é diferente, não acha menina, não sei minha querida, não sou dessa época e não penso muito nisso, sorte a sua, se calhar, replica a mulher, se calhar, anui

Joana, passe-me então a bolsa, e Joana, já com a bolsa na mão, momentaneamente dobrada pelas dores, aguarde-se filha, não quer que eu chame alguém, uma enfermeira que a venha cá ver, não, ainda não estou preparada, diz Joana entredentes, mas isso a menina não sabe, só eles, só se eu chamar, filha, e lhe virem quantos dedos já tem, é que saberá se está preparada, e Joana interpõe, não chama ninguém, querida, que eu ainda não estou preparada, fique só comigo, ajude-me, e, quando for o momento, eu própria lhe direi para os chamar, mas o momento ainda não é este, e, abrindo a bolsa que a mulher lhe passa para as mãos, vaza o seu conteúdo em cima do colchão da maca, rímel, batom, sombras, leite para tirar a maquilhagem, *eyelash*, tesouras e limas, e um terço de madeira, que acaba por cair para cima daquilo tudo, ajude-me, pede Joana, abotoe-mo aqui atrás, estendendo o terço para a velha, que faz uma cara entre a dúvida e o espanto, mas isso não é muito grande menina, eu pensei que era um terço pequeno, de oiro ou coisa assim, nem sei se a vão deixar entrar com isso ao pescoço, já estou arrependida de o ter trazido, e Joana: ó querida, cada um tem o terço que pode ter, há quem os tenha em ouro e platina e há quem os tenha em madeira, nem estão mais perto de Deus pelo brilho nem pelo tamanho, agora ajude-me aqui, se me fizer esse favor, e a mulher, a contragosto, fecha-lhe o ferrolho do terço atrás das costas e Joana mete-o para dentro da bata, não sem antes lhe dar um beijo, e senta-se, tão verticalmente quanto possível, agora segure-me aqui, se faz favor, e entrega um espelho de bolso à mulher de limpeza, que se queda de braços caídos, sem saber o que fazer à ordem que ouviu dirigir-se-lhe.

Mas, menina, para que é que precisa do espelho, diga-me lá, não pense que se vai pintar, não há festa nenhuma

para onde ir empinocada, acredite nisso, mas Joana, decidida, ajude-me só a segurar o espelho, não é nada de mais, eu tenho de me preparar, não vou assim para que o meu filho, o meu marido, os médicos e as enfermeiras me vejam nestes preparos, mas menina, interpõe a mulher, toda a gente vai assim para pôr as crianças no mundo, e nem estas saem já vestidas e a tocar piano, aqui não há preparos nem vaidade, é preciso é parir: não, responde furiosamente Joana, e a mulher dá um passo para trás, enquanto Joana se dobra, na chegada de mais uma contracção, não, porra, cada um vá como queira, diz Joana, com dificuldade, agarrada aos rins como se pretendesse tapar com as mãos os poros por onde a dor entra, cada um vá como que porra queira, mas eu vou preparada, está a perceber, eu vou preparada porque eu preparo sempre tudo, passei a minha vida a preparar tudo, para chegar aqui preparada, e não é agora que vou fazer o contrário para integrar um qualquer rebanho, está a perceber, e vai-me ajudar a segurar na merda do espelho, porque não vou falhar este momento à custa de uma lavadeira com medo de se desviar do caminho e de fazer a coisa certa, percebe, e uma dor mais forte corta-lhe o falar, e a mulher de limpeza, com uma lágrima, de vergonha ou de compaixão, a nascer-lhe no regaço da pálpebra: ó filha, eu não sou capaz de fazer isso, desculpa-me mas eu acho que estás a passar das marcas e que precisas de ajuda, eu vou chamar um médico, sim, e vai recuando com o balde, vou chamar um médico, ou uma enfermeira, e eles tomam conta de ti, porque eu já fiz o que pude, querida, desculpa se não soube fazer mais, mas cada um é para o que nasce e para isto eu não tenho feição, sabes, e a velha, mesmo à porta da sala, preparando-se para sair e para deixar Joana travada pela dor, ouve

Joana recompôr-se o suficiente para lhe dizer: pára, volta cá, diz, preciso de ti, desculpa gritar-te, mas são as dores, não sou eu, sabes como é, não sabes, eu sei, querida, mas há aí mais do que dores, até eu consigo ver isso, e tenho de chamar alguém, não tens nada, e Joana tenta sair da maca, a custo, uma perna de cada vez, ainda te vais magoar, filha, só se não me ajudares, mulher, não posso, replica a outra, preparando-se para dar a volta à maçaneta descolorada, volta para trás, diabos, e ajuda-me que eu não digo nada de teres estado aqui, diz Joana, determinada, fora da maca, e a puxar o soro como quem arrasta um barco, não digo nada de me teres tentado roubar, indo ter com o meu marido a pedir-lhe a minha carteira, felizmente, o Jorge é um moço com tino, e deu-te uma pochete sem nada que pudesses aproveitar, e tu, furiosa, despejaste o conteúdo para cima de mim, com tesouras dentro, podias ter-me magoado, mulher, e a cara da velha encarquilha-se de terror, de que fala esta doida, pensa, que conversa tão disparatada lhe sopra o diabo ao ouvido, estou fodida, pensa, estou completamente fodida com esta mulher do demónio, e Joana continua, mesmo que não me acreditem totalmente e que tu chores muito ao pé da tua supervisora, nada te livrará de te mandarem para a rua, e que dirás tu ao teu marido ou às tuas vizinhas, que virão a saber que até às grávidas queres roubar uns tustos, não se adivinha bem para quê, vai ser uma desonra, vais para a rua, mas até vergonha terás de sair de casa e procurar emprego, porque levarás esta nódoa contigo para onde fores, e nem aqueles que oferecem cinco euros à hora, para varreres umas escadas de um prédio semana sim semana não, te darão trabalho, porque as pessoas só suportam os pobres enquanto estes não os roubam, sabes, e para ti só

terão um olhar perpétuo de censura, ao qual não estarás imune nem de óculos escuros, por isso anda ajudar-me, mulher, conclui Joana, no tom de voz que a mulher conhece da menina que sofre, à espera do filho e temente a Deus.

Eu não sei o que tu queres querida, e as lágrimas correm-lhe soltas pela cara, mas isto tudo há-de voltar a ti, e enquanto fala a mulher vai largando a maçaneta, e caminha de volta para Joana, que está a meio da sala, e chega a tempo de apoiá-la no decurso de uma contracção que lhe torce a espinha, agarra-se a ela, para a sustentar, e ambas ficam ali até que aquele estertor passe: porque fazes isto, filha, porque não me deixas escolher, e Joana faz sinal, com o dedo, de que quer voltar para a maca e a mulher passa-lhe o braço por trás da cintura e reboca-a de volta ao porto de abrigo, e Joana agarra-se com toda a força ao apoio da maca, e, num movimento contínuo, esgueira-se para cima dela, com a ajuda da mulher que a empurra pelas nádegas, como um saco de trigo para cima de uma carroça.

Agora pega nisto, que já não temos muito tempo, e ajuda-me, e Joana estende-lhe um espelho, que a mulher agarra tremelizando, ainda me vais fazer perder o trabalho, diz, entre lágrimas, se o perderes não será por roubares, e logo arranja outro, replica Joana, que preferes tu, e a mulher levanta o espelho à altura da cara de Joana, que diz, remexendo nas coisas espalhadas um pouco ao acaso em cima da maca, ainda bem, ainda bem, vais ver que me ajudas a ficar bonita, e já te passa a tristeza, não é para isto que me pagam, não preciso disto na minha vida, e Joana, pois não, pagam-te para passeares uma esfregona pelo chão e para não arranjares problemas, mas não fazes muito bem a primeira e já é tarde para evitares a segunda, portanto segura no espelho direito enquanto eu

pego no batom, não consigo fazer isto com as duas mãos por causa do soro e das contracções, senão rapidamente te aliviava desse fardo, mas porquê, choraminga a mulher, porque é o meu dia, percebes, é o meu dia e já é suficiente ter de ir ensacada deste modo para parir e ainda ter de fazê-lo como Deus me pôs ao mundo, que há-de ter sido muito bem e suficiente, há trinta e cinco anos, mas que deixou de o ser desde que apareceram as primeiras rugas e desde que descobri, como toda a gente, a maquilhagem, agora se não te importas, e Joana ajeita o braço da mulher para que o espelho fique num ângulo pelo qual consiga ver a cara, e desembainha o batom, tremendo dos dedos, e, com ambas as mãos, começa a dar uma camada nos lábios, que, ainda há pouco, eram indiscerníveis, pela cor, do resto da cara.

Joana não chega a meio da metade do lábio superior quando lhe dá uma contracção, e o batom acaba por fugir da seara do lábio para se despistar na cara, uma generosa quantidade de vermelho que se distende desde o lábio até ao nariz, e Joana, torcida sobre si própria e ofegante, faz um gesto à mulher para que espere, a contracção há-de vir e ir, pensa, e a mulher, sentada num banco, chora, o que faço eu aqui, pensa, repousa o espelho sobre a maca e fecha os olhos, sorve algumas lágrimas que, no rizoma da cara, calha chegarem aos cantos da boca, e Joana, recuperada quanto baste da contracção: outra vez, e ajeita o braço da mulher, para se poder ver naquele simulacro de retrovisor, outra vez, repete, sustém esse braço, não me digas que não tens força depois de tantos anos a tirar a pele ao chão, interpela Joana, sorrindo, e continua onde o traço grosso do batom se ficou, condu-lo de novo para o lábio e deste para o outro lábio, saltando aqui e ali os contornos da boca, fazendo-a

maior pelo halo de vermelho que lhe carrega, e logo, esfregando um no outro, impacienta-se e atira o batom para cima da maca, buscando com os dedos o lápis para os olhos: temos pouco tempo, sinto-o, diz, e não estás a ajudar nada, e a mulher responde, entre as convulsões do choro, mas que queres que faça, e Joana grita-lhe, pára de chorar, pára, já disse, larga essa merda, e tira-lhe o espelho da mão, atirando-o para longe, pára e diz-me só como está a ficar, quando to pedir, porque eu faço isto todos os dias, e não é hoje que vou precisar de que segures essa porcaria como se estivesse bêbeda, ajuda-me antes a procurar o lápis para os olhos, temos pouco tempo que vem aí outra, e a mulher, a medo, agarra no lápis, que estava prestes a cair da maca, e dá-lho, tremendo, e Joana tira-lho das mãos e começa apressadamente a esborratar as pálpebras, mais fora do que dentro dos contornos normais, e enquanto o faz, pausa um instante, e virando-se para a mulher, diz-lhe: sabes qual é a tua sorte, sorrindo, é que não sou de exagerar na maquilhagem.

Estás molhada, diz a mulher, a medo, aí mesmo na bata, por baixo da barriga, céus, tens sangue, aponta, e Joana puxa despudoradamente o trapilho para constatar que sangra, e fica a olhar para a mancha de sangue algum tempo, até dizer, está tudo bem, não te preocupes, é quase hora, é só isso, e a mulher leva as mãos à boca, que Deus nos perdoe, diz, que Deus nos perdoe a todos, e Joana, irritada, abana o rímel e abre-o de seguida, passando o pincel pelas pestanas, não temos tempo, repete, não temos tempo, e enquanto puxa pelas pestanas, com o rolo do rímel: achas que devo pôr um bocadinho de cor, por causa da palidez, continua, e a outra, entrevada pelos dedos que não consegue retirar da boca: não sei, não sei para que serves, responde Joana, pensei que as mulheres, mesmo

sempre desentendidas por causa dos homens, soubessem fazer tréguas enquanto se pintam para a batalha, mas tu não, preferes choramingar aí, como se um nascimento fosse a mesma coisa que uma morte, ajuda-me mulher, atira Joana, ajuda-me, e com dois batons diferentes nas mãos, de dois vermelhos distintos, ponho este ou este, diz, só para dar uma cor, e a mulher, tirando a custo uma mão da boca, aponta para o da esquerda, mais claro, e Joana assente com a cabeça, vês, diz, não é assim tão difícil.

Como é que estou, pergunta Joana à mulher, que faz o possível para não chorar, mesmo que, involuntariamente, lhe nasçam e caiam as lágrimas pela cara abaixo, estás linda, responde a mulher, estás muito linda, pareces uma noiva, e na verdade Joana está tudo menos linda, o suor acaba por esborratar o que, por si, carecia de uma aplicação firme e cuidada, coisa impossível de fazer entre e durante contracções, sem um espelho e sem a firmeza de mãos necessária, e Joana parece um rabisco de criança hiperactiva pintado numa folha, mas a mulher não pode senão mentir, porque embarcada numa ilusão alheia, não lhe leva o leme, estás linda, repete, e Joana, sorrindo: penteia-me, diz-lhe, entregando-lhe uma grossa escova de cabelo, para trás, como eu gosto, para que se veja bem a cara, puxa à vontade e não tenhas medo de me magoar, e a mulher, levantando-se, devagar, do banco, eu não sou muito boa a pentear, diz, vê o meu próprio cabelo, é só puxar para trás, intercala Joana, não me parece que seja muito diferente de manejar a esfregona, e a mulher pega no cabelo de Joana, empapado de suor, e, com a escova, esforça-se por o alisar, desfazendo-lhe os nós do esforço, e Joana, fechando os olhos, entre contracções, sente-se quase como se estivesse em casa, há trinta anos,

e a mãe a penteasse a seguir ao banho, e nem se apercebe de que as mãos da mulher da limpeza tremem tanto que lhe arrancam grandes quantidades de cabelo a cada passagem de escova, de que ela se desfaz atirando-as para o chão.

Ahhhhhh, grita Joana, e a mulher deixa cair a escova, o que foi, pergunta, magoei-te, não, não, sussurra Joana, é uma dor, uma dor aqui, nos rins, veio antes da contracção, ahhhh, continua, esta é mais forte, é agora, o meu corpo está preparado, e dobra-se sobre si própria, a mulher recua dois passos, meu Deus, diz baixinho, e Joana ergue-se de novo, içada pela coluna, e grita, ahhhhhhhh, meu Deus, que dor, grita, e vira-se para a mulher: vai buscá-los, inútil, vai buscá-los que é hora, e aí de ti que não te dêem importância, ahhhhhh, despacha-te, e Joana desdobra-se em cima da cama num contorcionismo de peixe fora de água, enquanto a mulher, aterrorizada pelo que vê ou pelo que viu, desaparece porta fora, deixando pela primeira vez para trás o balde e a esfregona, e, no corredor, já longe da sala de dilatação, os gritos de Joana ainda a perseguem.

*

Senhora enfermeira, senhora enfermeira, ouve-se, meio a medo, e a enfermeira volta-se para onde a chamam, desculpe incomodá-la, diz a mulher da limpeza, a tremelicar e afogada em lágrimas, transida por uma desgraça qualquer, está ali uma mulher, na sala de dilatação, ainda está lá uma, pergunta a enfermeira, sim, responde a mulher, mas o que se passa consigo, senhora, credo, aconteceu-lhe alguma coisa, nada, nada, responde a outra, é a mulher que está na sala, eu acho que ela não é boa, diz, acha que não é boa, como assim, interpõe a

enfermeira, não regula, enfermeira, e está ali prestes a ter o bebê, aos gritos, está bem, deixe-se estar, sente-se e beba um copo de água que eu vou lá ver, obrigada, responde a mulher da limpeza, obrigada, não ouve os gritos daqui, enfermeira, ouço, agora ouço, mas a gente não vai lá de cada vez que soa um grito, senão ficávamos lá o dia todo e dávamos em doidas, e a enfermeira pisca o olho à mulher da limpeza antes de se virar para sair.

Mas que inferno se passa aqui, exclama a enfermeira, ao entrar na sala de dilatação, onde Joana se contorce em cima da maca, que coisas são estas, dirigindo-se a Joana, você não tem noção de que não pode trazer nada para aqui, muito menos porcarias de maquilhagem, e Joana não responde, está vergada sobre si própria, quando muito grita, e a enfermeira, numa fúria, varre com a mão a maca e deita tudo para o chão, que porcaria, exclama, que porcaria que fez a si própria, está orgulhosa, atira, e Joana, vindo à superfície de uma contracção, não estou bonita, senhora enfermeira, e sorri, e, a enfermeira, virando-se, calça uma luva: oiça lá, você andou a beber ou droga-se, e quando regressa a Joana apercebe-se da mancha de sangue na bata, em cima da maca, um pequeno lagar rubro, a cristalizar numa textura de caramelo, e a enfermeira leva a mão ao peito, esta gaja já fez uma asneira, pensa, valha-me nossa Senhora: olhe lá, exclama, olhe para mim, foi você que fez isto, e agarra no braço de Joana com firmeza, como se falasse com uma criança, e repete: foi você que fez isto, mete alguma coisa cá dentro, você droga-se, você bebeu, e Joana não responde, apenas geme, apenas abana a cabeça que não, esta gaja não é boa, pensa a enfermeira, deite-se, ordena-lhe, deite-se, e quando Joana acaba de se estender, de costas, sem as

conseguir apoiar completamente por causa das dores, a maca já se movimenta, estamos a caminho, pensa Joana, já falta pouco, e fecha os olhos, enquanto as luzes do tecto se repetem no seu brilhar anorético.

A enfermeira acerca-se do médico de turno: doutor, doutor, o médico tem a cabeça apoiada na mão, os olhos postos num ecrã, no qual alterna a introdução de exames com a procura de casa, diga lá, enfermeira, sem desviar os olhos do monitor, é uma parturiente, trouxe-a até aqui doutor, sim, já percebi, replica o médico, pois, os gritos, confirma a enfermeira, e que se passa, está em trabalho de parto, doutor, e não estão todas, ironiza o médico, isto não é uma maternidade, sim doutor, mas esta apresenta uma hemorragia, além de dar indícios de não estar bem mentalmente, aí sim, porque não disse logo, e, levantando-se, ajeita o estetoscópio, vamos lá ver isso, e sai do gabinete, com a enfermeira a dar-lhe a primazia da porta.

Então, que se passa, lança o médico em jeito de bom-dia, para logo fechar a expressão do sorriso quando vê Joana, esborratada das tintas e do suor: enfermeira, lança, quem a deixou fazer isto, não sei, responde a enfermeira meio a medo, já a encontrei assim, não sei se terá bebido ou se se droga, pela aparência, não tem ares disso, e o médico entretanto calça umas luvas: em antropologia cultural, uma cadeira que fiz por opção, principia o médico, estava aborrecido de ter de marrar tanta coisa sem poder acrescentar um parágrafo que fosse de uma opinião minha, afaste as pernas, por favor, para Joana, e ela tenta fazê-lo mas fica travada das dores, ajude-me enfermeira, e esta acerca-se de Joana para lhe agarrar uma das pernas e dobrá-la, o suficiente para que o médico possa fazer a sua

espeleologia exploratória, nalgumas tribos da Oceânia, continua a elocução, as mulheres sabem que estão preparadas para o parto quando lhes aparecem alguns sinais na cara, uma espécie de *rash* à volta dos olhos e da boca, que, no fundo, mais não é do que uma versão primitiva desta, que se borrou toda para vir para aqui parir, ou mesmo o contrário, esta é uma versão, deite-se só mais de lado, interrompe o médico, corrigindo a posição de Joana, uma versão pós-moderna dessa cultura antiga, na volta ainda lhe corre algum sangue tribal nas veias, e isto há-de ter sido a forma ritualística de ela se preparar, e aqui em baixo há sangue, sim senhora, mas é do ânus, um hemorroidal feiote que rebentou, de qualquer modo ela está a ter contracções muito seguidas: de quanto em quanto tempo está você a ter contracções, vira-se para Joana, depois de lhe sair do meio das pernas, de dois em dois minutos, responde ela, arquejando, então já é tempo, vamos ver essa dilatação, e introduzindo-lhe a mão na vagina, retira-a, para exclamar, oito dedos, vamos lá entrar, vamos apressar isto um pouco, e dali pega ele próprio na maca, perto da cabeça de Joana, enquanto a enfermeira a agarra de lado, mas você pintou-se para quê, está bem do juízo, para ficar bonita para o meu filho, e a caravana segue em silêncio.

Dentro da sala de partos, o médico comanda as operações, chama a parteira, que se acerca de Joana, ó querida, para que se foi pôr dessa maneira, nem sei o que parece, e o médico, é um ritual antigo da sua tribo, e ri, e Joana, queria estar bonita para o Francisco, a menina já é bonita o suficiente, não precisa disso tudo na cara, ainda por cima assim, assim como, pergunta Joana, nada, responde a parteira, assim está bem, e Joana tenta sorrir por cima das dores, mas já não o consegue,

e então chora um par de lágrimas, que às vezes, quando não se consegue sorrir, é o que de mais parecido há com um sorriso.

Onde anda esse CTG, vamos ligar isso depressa, que eu não sinto o batimento cardíaco do bebé, reclama o médico, as máquinas estão do outro lado e esta não está muito boa, objecta a enfermeira, não está boa como, pergunta o médico, tem estado a falhar a manhã toda, não é verdade, virando-se para a parteira em busca de assentimento, de facto, lamenta a parteira, às vezes apanha sinal, às vezes não, devem ser os cabos que ligam o aparelho aos sensores, algum mau contacto, bem, não havendo outra, sentencia o médico, esta terá de servir, não é, e a enfermeira começa a embrulhar Joana na cinta do CTG, e no rolo de papel surgem as primeiras curvas, a máquina debita o seu veredicto, em grafismos inquietos, pelos quais são representadas as contracções, e, do coração do bebé, nada, queixa-se o médico, mas esta gaita está avariada ou selectivamente avariada, continua, funciona tudo menos o ECG do feto, que porra de máquina, quem trabalhou com isto há bocado que me explique o que se passa, e a parteira acode à máquina, dá-lhe umas sapatadas com a mão na zona do encaixe da sonda, tudo igual, é assim, diz, isto está a funcionar, as curvas das contracções aparecem, e se não está a apanhar o coração do bebé, é porque este não está a bater, se calhar, e o médico, munido de novo do estetoscópio, avança para a barriga, que porra, diz, não está a bater, que diz a ficha, alguém que me leia a ficha, doutor, interrompe Joana, podem mandar chamar o meu marido, o Jorge, ele está na sala de espera, sim, responde o médico, alguém já o vai buscar, agora não, que preciso de todas as mãos e cabeças aqui, isto está a complicar-se, vamos ter de abrir para ter a certeza, ela fez epidural, o que diz a ficha, alguém me leia a merda

da ficha, e a enfermeira, não doutor, não diz nada, nem que tenha feito epidural nem que tenha indicação de fazer, então temos de chamar o anestesista que há que pôr esta mulher a dormir, para lhe tirar o bebé, e nisto a Joana estica-se, violentamente, tirando uma das pernas de cima dos apoios, a dormir não, grita, entre gemidos, a dormir não, que me ficam com ele, é o que aquela puta quer, e aponta para a enfermeira, metam-me a dormir e eu mato-os a todos, e tenta sair de cima da maca, e só não o consegue porque a parteira se deita, literalmente, em cima dela, enfermeira, berra, ajude-me aqui com as cintas, e a enfermeira acorre para prender os braços e as pernas de Joana, o médico dá uma mão, e, em pouco tempo, Joana está de costas, e completamente presa à maca, sacrificialmente, dir-se-ia, se o contexto não fosse uma maternidade.

Quem for buscar o anestesista que traga também o marido dela, até nos pode ser de alguma ajuda para a gente perceber com o que estamos a lidar, ouviram, eu vou, diz a parteira, agora não faço falta, e Joana continua a repetir que não, que a dormir não, porque lhe arrancam a criança, aquela puta, insiste, aquela puta já me tinha avisado, vocês são todos da mesma corja, o meu bebé é para aquela puta estéril, tragam-me o Jorge que ele trata de vocês, e o médico: mas porque continua ela a apontar para si, enfermeira, não faço ideia, doutor, só espero que o marido não seja outro que tal, intervém o médico, isso era muito azar, diz a enfermeira, mas normalmente não se estragam duas casas, não ouviu dizer, ouvi, de facto, mas era muito azar, o azar é só o que acontece à sorte quando não a temos, quem disse isso, doutor, disse eu, há muitos anos, é bonito, pois é, e é verdade, e ficam os dois em silêncio sob a chuva de gritos que Joana não pára de causar.

Entrando o anestesista, o médico dirige-se a ele, e falam por cima de Joana, apontando para ela, para a máquina que continua a cuspir a sua colecção de desfiladeiros, e ambos concluem com um sim, insonoro, que se traduz por um abanar de cabeça, e tem de ser rápido, diz o médico, não sei há quanto tempo perdemos o pulso e é prematuro, já tinha cortado mas a gaja não pára quieta e ia fazer merda, pelo que decidi que tinha de esperar mais um minuto, vamos lá ver se não foi demais, eh pá, fizeste bem, replica o anestesista, não te ias arriscar a dar cabo de tudo por causa de um jeito com o corpo que a gaja desse, ainda te punham um processo, lembrás-te do Lourenço e dos gémeos – o gajo, bem intencionado –, e enquanto fala vai ligando tubos e apertando e desapertando válvulas, para fazer sair o segundo, que o feto estava em esforço, a epidural já tinha passado, vai fazer um corte, a gaja mexe-se e desata a gritar, o gajo lacerou-lhe a barriga toda, sem conseguir chegar ao útero, pá, foi uma desgraça, e o médico, mas o gajo também é teimoso, podia ter parado quando viu que a primeira incisão tinha sido uma merda, escusava de andar a retalhá-la, pois é pá, mas quando um gajo está no calor do momento, sim isso é verdade, falta muito, não, está quase, e Joana continua a gritar: tirem-me daqui, seus filhos da puta, esta gaja quer levar-me o miúdo, e o médico, ó enfermeira, ponha-se por trás dela a ver se ela deixa de gritar, faça-me lá esse favor, que já ultrapassei largamente a dose de ibuprofeno que posso tomar num dia, e a gaja não se cala, a enfermeira faz que sim, vai-se desviando, desviando, Joana seguindo-a com os olhos, insultando-a, e, quando não a consegue ver, Joana explode, se explodir é o termo adequado, porque Joana vem explodindo já há tempos, é agora, miseráveis, pulhas, é agora, esta puta esconde-se

para mo tirar assim que me puserem a dormir, eu quero-a fora daqui, seus filhos da puta, quero-a fora daqui, e o médico: falta muito, não, está quase, replica o anestesista, se calhar, vira-se o médico, se calhar a enfermeira saía, só um bocadinho, até que a gente acabe isto, sim, e pisca-lhe o olho como que dizendo, não saias, mas finge que saís, a ver se a gaja se cala, e a enfermeira, sim doutor, volto depois então, e silencia-se, longe da vista de Joana, e esta, que não tem nada de parva, vão-me pôr a dormir, e a gaja volta para me tirar o meu filho, pensam que não sei, ninguém me põe a dormir, sai daqui, para o anestesista, assassinos, saiam, e não estivesse Joana atada varreria tudo com a sua fúria, que chega a suplantar a dor das contracções, esta gaja está avariada de todo, murmura o médico, pronto, diz o anestesista, e apresta-se a pôr sobre Joana uma máscara que ela tenta a todo o custo rejeitar, e a enfermeira, vinda de trás, segura-lhe a cabeça, só mais um bocadinho, não custa nada, e quando Joana está prestes a desistir da apneia que contraiu quando avistou a máscara a desabar sobre si, ouve-se uma voz pela primeira vez, um grito: parem lá com isso, tire-lhe a máscara, e, em silêncio, o anestesista vai levantando a máscara, o suficiente para que Joana tenha coragem de retomar o fôlego, mesmo sentindo ainda o cheiro dos gases, que não lhe passam longe do nariz.

Não vale a pena, diz um médico que entra pela sala, não vale a pena, mas o feto, não vê o CTG, interrompe o segundo, perplexo, sim, mas esse CTG já está assim há muito tempo, não vale a pena, mas a máquina está boa agora, responde a enfermeira, a leitura é real, sim, não me refiro a isso, o CTG dessa mulher é que está assim há muito tempo, porque o feto está morto desde que entrou aqui, já sem bolsa de águas e em início

de trabalho de parto, que cacete, continua, vocês não lêem as fichas, e o médico: eu mandei que me lessem a ficha, e não ouvi em lado nenhum essa menção, doutor, então veja lá, e o médico recém-chegado pega no molho de papéis, assentes numa cama de metal: aqui, e aponta, vê esta referência, tem uma nota de rodapé, que remete para o estado em que ela chegou, fez o primeiro CTG e até uma eco, vê, aqui mesmo, e ambos os médicos ficam a olhar para a ficha, até que o primeiro: olhe, vai-me desculpar, colega, mas isso não está de todo perceptível, isto é um rabisco que remete para uma seta, e esta aponta para aqui, e os valores nem estão identificados, como é que posso saber que isto são as pulsações, é zero, interpõe o outro, mas zero quê, zero pulsações, mas não tem o símbolo nem nada escrito, e vem na parte de trás da folha e eu, continua, indignado, se me aparecesse isto no rastreio, e com um gesto largo aponta para a maca, punha tudo muito bem explicadinho na primeira folha, ouviu, na primeira folha, para que um colega, depois, não se metesse em procedimentos de emergência para recuperar um feto que já está morto há muito tempo, mas isso sou eu, que sou um colega porreiro, e, se calhar, é por isso que não me gramam e que toda a gente parece subir por aqui menos eu, ó doutor, vira-se o recém-chegado, eu até lhe venho dar a notícia pessoalmente, o colega há-de desculpar-me, mas nem fui eu que escrevi esses dados na ficha, foi o director de serviço, ele também viu esta senhora, percebe, há-de estar aí metade letra minha e metade letra dele, está a ver, e aponta para a folha, eu sou canhoto, entende, aqui inclino a caneta, e ele vê-se que não, percebe, e os dois olham para as diferenças entre páginas, entre caligrafia, entre diagnósticos até que o primeiro, não totalmente satisfeito: ó colega, para o anestesista, o colega consegue

perceber isto, e mete-lhe a prancha debaixo dos olhos, eu não me meto nisso, colega, eu por aqui já estou acabado, vou mudar a água às azeitonas, que ter quinze ou vinte minutos é de oiro, e se não precisam mais de mim, estou no ir, mas o médico trava-o com o braço, colega, continua, dê-nos só a sua opinião para desempatar, acha que aqui se percebe, nalguma parte, que o feto está morto, ou sou só eu a implicar e a ser mau colega, eu já disse, interrompe o anestesista, que não me meto nessas merdas, ainda por cima do director, não seja parvo e não se meta também, replica, não pusemos a gaja a dormir e evitámos uma cesariana, agora é só deixar a natureza seguir o seu curso, não deve tardar, o mais que podia fazer era dar-lhe uma epidural mas como não está pedida, chapéu, vou fumar um cigarro e tenho trezentos *mails* para responder, que no Canadá andam à míngua de anestesistas e pagam bem, portanto, entretenham-se lá vocês com as caligrafias e essas porras que eu vou andando, e o anestesista passa por ambos os médicos, um homem de quase dois metros, e vai rumo à porta, indiferente aos gritos de Joana.

Que raio de dia, desabafa o primeiro médico, há dias assim, concorda o recém-chegado, mas o colega que veio fazer, ao voltar para trás, interpõe o primeiro, para lhe dizer a verdade, já saí de turno, mas como nunca tinha visto um parto destes, e porque há possibilidade de fazer uma fetotomia se ela não fizer a dilatação completa, pensei que, você veio ver-me retalhar o feto às postas dentro do útero, interrompe o primeiro, não, quer dizer, sim e não, estava com a esperança de que o colega me deixasse praticar o procedimento, é a primeira vez, nunca o fiz, pensei que poderia ter a gentileza de mo deixar fazer, afinal a gente só progride pela experiência, não é verdade, colega, e o recém-chegado dá uma palmadinha

no médico de turno, ao que este responde, não me parece que vá ser possível, a dilatação já é suficiente, e está com contracções que cheguem para terminar o trabalho de parto, pelo que a sua aprendizagem, e di-lo com desdém, vai ter de esperar: oh, que pena, replica o segundo, mas o colega não há-de importar-se de que fique a assistir, pode ser que a oportunidade se dê, e, de qualquer modo, também é a primeira vez que assisto ao parto de um nado-morto, conclui, o que é que você já fez, interpõe o outro, com alguma dureza, para a gente ter a certeza de que também não é o seu primeiro parto, ora colega, partos normais já fiz às dúzias, com cordões ao pescoço, cesarianas, de apresentações de todo o tipo e feitio, não vá por aí, eu tenho espírito científico, é só isso, e termina de falar a sorrir.

Vou ter de lhe tirar isto, diz a enfermeira para Joana, e chega as mãos junto do pescoço desta, que geme, arfando, para lhe retirar o terço, mas Joana morde-lhe a mão, agarra-se-lhe com toda a força que tem nos maxilares, até a boca lhe saber só a sangue, e larga-a porque um dos médicos acorre à maca e consegue, com os dedos, afastar as mandíbulas de Joana: esta puta, grita a enfermeira, esta puta tentou matar-me, vou ter de levar pontos, isto ainda infecta, esta puta despassarada, eu vou-me embora, isto está tudo doido, enfermeira, diz o médico de turno, deixe-me ver isso, e Joana ri-se, ri-se tão alto quanto pode, até que uma nova contracção a quebra, dobra-lhe a espinha e o sentido, e tapa-lhe a boca com a membrana da dor, isto está feio, continua o médico, a gaja tem bons dentes, a enfermeira tem de ir às urgências mandar coser isso, e a enfermeira, choramingando, aquela vaca, só lhe queria tirar o terço para que não se magoasse, esqueça, replica o médico, esqueça, e faz um gesto pelo qual quer dizer que ela é maluca,

e a enfermeira faz que sim com a cabeça, e dói tanto, diz, imagino, replica, envolva com esta compressa e despache-se, veja se encontra alguém para a substituir aqui, que isto é capaz de não ficar mais fácil, está bem, doutor, desculpe, não tem nada que pedir desculpa, aquela puta, e vira as costas a Joana, mão enfaixada, cabeça baixa, do peso das lágrimas, ou da vergonha, passo incerto corredor fora.

Quantos dedos de dilatação tem, inquire o recém-chegado, oito, responde o médico de turno, e acha que chega, colega, para um prematuro, seis chegavam, assenta, definitivo, e se não chegar, se não chegar puxamos, mas estou certo de que nem será preciso, e até a parteira, se desse com ela – onde andarás ela, diz de si mesmo para si mesmo –, fazia isto, mas não temos mais ninguém, de onde que o colega vai ter de me ajudar aqui nisto, que estou sem braços, como pode ver, assenta: claro, responde efusivamente o segundo, diga-me só onde quer que me ponha, olhe, se puder, ajude a barriga a expulsar o feto, use o cotovelo, como fazem as enfermeiras, e não se preocupe com o feto, que não há problema em que este venha com um ou dois ossos partidos, quando mais tempo passar aí dentro, pior, ó colega, nessa linha de raciocínio, até podia seguir a minha recomendação, não, colega, por ora não, que pena, pois é, que pena, e acercam-se de Joana.

Deixe-me ver como isto está, e baixa a cabeça para ter um melhor acesso visual à vagina de Joana, parece-me tudo bem encaminhado, como se sente, querida, ele tem de sair, geme Joana, pois tem, replica o médico, pois tem, e vai sair não tarda, tem de me ajudar agora, e, quando eu disser, faça força, está-me a ouvir, sim, e quando eu disser para não fazer, não faça, percebeu, sim, então faça agora, e Joana toda ela se

contorce, atada de pés e mãos, dir-se-ia que a estavam a ligar à corrente, ahhhh, grita Joana, está bom, diz o médico, está bom, não precisa de fazer mais força, vamos relaxar agora, e Joana deixa-se tombar, esgotada, os olhos vermelhos do rímel que lhe entra pelos ductos lacrimais, os lábios secos: tenho sede, vira-se, agora é tarde, remata um dos médicos, já está quase, diz o outro, vou tentar puxá-lo na próxima, e o colega pode ajudar aí em cima com o cotovelo, esteja à vontade, quando ela começar a fazer força, *ok*, e chega a contracção por que todos anseiam: faça força, ordena o médico, faça força, e Joana contrai-se tanto quanto pode, sustém a respiração e parece que até os tímpanos lhe vão sair dos ouvidos, o médico ajudante apoia-se com o cotovelo sobre a barriga de Joana, joga-se-lhe para cima com todo o peso e Joana é apenas o buraco na parede onde dois homens escarafunchassem um saco de dinheiro, estou a ver-lhe a cabeça, diz aquele que ficou com o posto da cabina de comando, faça mais força, e Joana, extenuada, ainda tenta sustentar a respiração por mais meio minuto, faça mais força, ouve, mas não tem capacidade para responder, deixa cair as costas, esteve quase, diz o médico, esteve quase, para aquele que tira o cotovelo de cima da barriga de Joana, não me refreei, diz, deilhe com toda a força, vamos ver agora na próxima, responde o outro, vamos, isto parece uma manobra de *wrestling*, já viu, colega, assim com o cotovelo, fazendo o gesto no ar, não sei, responde o médico de turno, não vejo isso.

A parteira entra com Jorge, vêm a correr: vê, ainda não acabou, diz a parteira, como está o bebé, virando-se para o médico, o bebé está morto, responde, já está morto há muito tempo, aparentemente desde que entrou na maternidade, pelo que diz o colega, e aponta para o médico que ladeia a maca, morto,

deixa cair Jorge, morto como, incrédulo, para que vim a correr, pensa, eu até tenho asma, e se me tem feito mal, e ao pensar, dá-se conta do que pensa, e como se os pensamentos fossem crianças pequenas prega-lhes um ralhete, manda-os para a cama sem jantar, estes putos envergonham-me, pensa, eu próprio me envergonho, porque são o que eu sou, e termina, dizendo, morto?

Como é que o marido não sabe, pergunta o médico de turno ao outro, como é que não sabe, não sei, responde o outro, afinal não sou mulher dele, e se alguém tinha de lhe dizer era ela e não eu, pois era, mas não o fez, morto, continua Jorge, a mão da parteira na mão dele, têm outro, são novos, têm outro, morto, e o médico de turno, agora o colega, se calhar, pode dar-me uma ajuda a explicar isto ao senhor, dado que foi o colega que recebeu a esposa dele em primeiro lugar, não acha, pois, responde o outro, mas, como sabe, nestes casos, não há muito para dizer, talvez depois da autópsia, os colegas da patologia: agora, interrompe o primeiro, agora mesmo, venha comigo dizer-lhe o que quer que seja, que é o que sabe, e que é o que este homem tem de saber, nem mais, nem menos, e o médico de turno levanta-se, e arrasta o outro médico pelo braço, ó colega, eu vou, queixa-se o outro, autópsia, repete Jorge, têm outro, são novos, têm outro, autópsia, ande lá explicar ao senhor o que se passou e como e porquê que é que ele está ali dentro há tanto tempo sem saber de nada, são novos, têm outro, são novos, e ambos os médicos deixam Joana, aos gritos, aos gemidos, ali, esticada, à sua sorte, explique lá o que se passou, insiste o primeiro, não há muito para explicar, autópsia, repete Jorge, pois, autópsia, reforça o segundo médico, antes disso, interrompe o primeiro, o que aconteceu

antes disso, a senhora entrou, antes disso a senhora entrou, eu meti-lhe CTG, o CTG, ecoa interrogativamente Jorge, sim o CTG, é aquela máquina para ver as contracções e o bater do coração do feto, eu meti-lhe o CTG, continua, e não havendo o sinal do coração, como agora, e aponta para a máquina que continua a bolçar furiosamente o seu cardápio interminável de curvas, auscultei-a e fiz-lhe uma eco, e nada, o feto está morto, pensei, e disse-lhe, o seu bebé está morto, acho que foi assim, o bebé está morto, ecoa Jorge, e depois veio o director e confirmou, e está tudo escrito, como pode ver, e apressa-se a ir buscar a folha clínica para mostrá-la a Jorge, e aquilo, aquelas letras do alfabeto e aqueles números querem dizer que o bebé está morto, pensa Jorge, é isso que querem dizer, interroga-se, não querem dizer que se pode descer um rio tempestuoso mesmo sem experiência, não são a receita para pastéis de bacalhau, querem dizer *está morto*, é isso que querem dizer, *autópsia* também, se calhar, talvez o 38, para onde ele aponta, queira dizer autópsia, e o 3 cc queira dizer está morto, porque o *feto está morto* não encontro em qualquer lugar, se calhar as pessoas, nós, nas fichas, somos um número, e vão fazendo contas connosco até terem um resultado, e cada exame, cada intervenção, cada cirurgia concorre para a equação e, no fim, consoante o resultado, nove fora nada, está morto, repete Jorge, e o médico confirma, serenamente, está morto.

O médico de turno põe a mão por cima do ombro de Jorge, lamento, diz, o outro segue-lhe o gesto, lamento, e Jorge, lamento, e ficam os três homens assim, até que a parteira, vinda do outro lado da sala: Jorge, posso chamá-lo Jorge, interroga, sim, responde mecanicamente Jorge, a sua mulher, o senhor, são religiosos, a minha mulher mais do que eu, mas

sim, somos, quer então que baptize o bebé, que bebé, interrompe Jorge, o seu, responde a parteira, e o da sua mulher, mas está morto, sim, está, mas temos uma pia baptismal aqui e posso baptizá-lo, para quê, interpõe Jorge, realmente não faz sentido, resolve intercalar o médico que assistiu Joana pela primeira vez, fazendo ou não sentido, compete aos pais decidirem, interrompe a parteira, assertiva, não sei, acaba por dizer Jorge, desistido: pergunte à Joana, eu já perguntei, e o que disse ela, não está em condições de responder, como assim, pergunta o médico de turno, não está em condições de responder, volta a parteira, não se adequou à realidade, acha que o filho está vivo, que lhe vim dar um banho ou tirar-lhe as mucosas, tem de ser vista: eu vou falar com ela, decide o outro médico, faça isso, diz a parteira enquanto se vira para Jorge, preciso da sua decisão, não sei o que dizer, o que acha que ela diria, acho que diria que sim, então vou fazê-lo, e segue para junto de uma pia, colocada a altura do peito, e Jorge vê finalmente a criança quando a enfermeira a descobre do pano onde a guardava, é minúscula, pensa, mas podem ter outro, são novos, e o médico de turno não lhe tira a mão de cima do ombro, e Jorge é todo ele peso, autópsia, e o médico, do outro lado: está morto, entende, já estava quando eu o vi, lembra-se, já está morto há uma porrada de tempo, mesmo na cara da Joana, que aparentemente o ignora – são novos, podem ter outro –, está morto, minha senhora, está-me a ouvir, e abana-a, eu acho que a gaja está em choque, pá, ande cá ver isto, chamando o médico de turno, mas este faz-lhe sinal que não, com os dedos, que está ali para amparar a dor do marido, cada qual com a sua âncora, eu te baptizo, a parteira, junto da pia baptismal, a água a descer-lhe, cristalina, dos dedos, podem ter outro: o seu filho

morreu, percebe, m-o-r-r-e-u, você não teve a culpa, culpa não é de ninguém, mas ele está morto, já não volta dos braços da parteira, é melhor aceitar isso agora do que andar encharcada em antidepressivos o resto da vida, ou coisa pior, sem dormir, sem comer, acorde, mulher, e abana-a novamente, às vezes desfaz-se um choque com outro, voltando-se para o colega, que agora abraça Jorge, deite tudo cá para fora, são novos, podem ter outro, e Jorge não sabe onde pôr os braços, que bom que lhos cortassem agora rente, e assim teria uma desculpa para continuar a não fazer nada que é o que se sente melhor a fazer, em nome do pai, deite tudo cá para fora, um abraço forte de pai a exigir cumplicidade impassível de ser reciprocada, são novos, a senhora acorde, acorde, estou aqui estou a dar-lhe uma injeção de adrenalina, a ver se ela vai ao sítio, isto bateu-lhe forte, deite tudo cá para fora, senhor, pensa Jorge, faz com que me caiam os braços, está morto, e do espírito santo.

Quer vê-lo antes de eu o levar, pergunta a parteira a Jorge, ele que se vai desencaracolando dos braços do médico e escorregando para cima de uma cadeira, as forças a abandoná-lo, para quê, balbucia cabisbaixo, porque é seu filho, deu-lhe um nome, querera porventura vê-lo ainda hoje, antes hoje que no funeral, onde já estará bastante mais morto, pelo menos de aspecto, e Jorge deixa escapar, funeral, sim, responde a parteira, funeral, afinal ele nasceu, e, mesmo morto, com esta idade gestacionária, já tem direito a funeral, e, apontando para o médico convertido em âncora afectiva, corrija-me se estiver errada, doutor, mas parece-me que é assim que funciona, e o médico, acho que sim, tivemos um caso semelhante há umas semanas, morto, pensa Jorge, funeral, e o médico resume, tem de ser registado também, não se esqueça disso,

às vezes as pessoas esquecem-se e dá chatice, porque os ficheiros da maternidade e do registo não coincidem, não me recordava desse aspecto, interpõe a parteira: veja-o, olhe para ele, e põe-lhe o bebé à frente, o Francisco, uma miniatura da miniatura de gente que os recém-nascidos já são, não muito maior do que um telemóvel, opina Jorge interiormente, morto, há que fazer-lhe um registo e um funeral, podemos ter outro, somos novos, é um bebé bonito, para prematuro, vaticina a parteira, e Jorge esforça-se por apreciar, no modo estético, a pequena figura potencial de gente que jaz inerte entre dois panos anónimos, lívido da vida dissipada, já o vi, diz Jorge, e a parteira afasta-se, com o Francisco nos braços, vou levá-lo para a anatomia patológica, diz, e o médico de turno anui com a cabeça, funeral, são novos, e agora, pergunta Jorge, agora eles vão abri-lo, para perceber porque morreu, há-de ter uma causa e isso ajudar-nos-á, no futuro, a prevenir em vez de remediar, como fizemos hoje, não, intercala Jorge, não é isso, o que fazemos agora, eu e a Joana, ah, isso, desculpe, pensei que queria saber dos procedimentos a que o seu filho ia ser sujeito, o meu filho está morto, replica Jorge, mãos na cabeça, sentado como se pensasse ou como se chorasse, sendo que, na verdade, ambas as coisas se confundem, na forma e no fundo, mas continua a ser o seu filho até ser enterrado, justifica o médico, e isso que interessa, a si deveria interessar, a mim, agora, interessa-me a Joana, a Joana não está muito bem, adianta o médico, a Joana não está muito bem.

Veja só isto, ouve-se, veja só isto, é o médico que ficara perto da Joana, com as luvas calçadas, a contemplar um bocado grande daquilo que parece ser uma goma de sangue, que bela placenta, exclama, que belíssima placenta, não concorda,

doutor, mostrando-a ao outro, num orgulho de pescador, e o médico de turno anui, é sim senhor, é uma bela placenta, não deverá ter sido por aí que o pequeno morreu, é enorme e irrigada como um campo de arroz, não lhe parece, interpõe o outro, parece um belíssimo exemplar, devíamos pesá-la, avança, lá na anatomia hão-de fazê-lo, replica o médico de turno, não quer pesá-la já, só para termos uma ideia, da anatomia a gente não vai saber nada depois, ora, é só consultar posteriormente o processo *online*, de certeza que esses dados vão lá estar, e quem se lembra depois disto para procurar, responde, desiludido, o médico, com a placenta pendurada pelo pescoço do cordão, o mesmo que alimenta essa curiosidade agora, sentencia o médico de turno, as minhas curiosidades são muito volúveis, isso é um problema de constância, intercala o médico de turno, pois é, é um pouco como dizia o Santo Agostinho, dai-me castidade e constância, mas hoje não, responde o outro, é o problema da juventude, ou a sua natural vantagem competitiva, concordamos em não concordar, propõe o médico de turno, concordamos, pois.

Ó Joana, deixaste-te quilhar bem por estes batas brancas, não foi, agora estás aí deitada, imóvel, sem criança e sem liberdade de movimentos, à mercê de qualquer merdas que te empurre pela maca para onde quer que calhe, és tu, tecto, pensa Joana, quem haveria de ser nesta altura de aflição, pergunta o tecto, mas não te tinhas esgotado na tua figura de estilo há apenas umas horas, ó Joaninha, julgava-te mais inteligente, achas tu que a repetição esventra o meu acontecimento como o faz com as metáforas, sim, pensava isso, pois desengana-te, Joana, que a minha força não está no facto de eu aparecer, mas naquilo que digo, e nisso comporto tamanha variedade que não

foi ainda feito um levantamento literário que seja capaz de me esgotar, percebes, Joaninha, é o fundo, não a forma, é o fundo, assenta Joana, e que fundo é esse, continua, é estar aqui para ti nesta hora imprópria, e podes ajudar-me, posso, de que forma, posso soltar as tuas amarras, como já o fiz, e depois, e depois fazes o que quiseres, da liberdade já não cuido eu, e que preço terei de pagar, quem te fez tão desconfiada, Joana, suponho que a vida, mas tu terás dado uma ajuda considerável, lembra-te de me dizeres que nada era gratuito, e não é, interpõe o tecto, cínico, mas tu já pagaste o que tinhas a pagar, e estamos satisfeitos, quem está satisfeito, pergunta Joana, porque falas no plural, ora Joana, um tecto é apenas um chão escondido, pensa tu que por cima de mim hão-de estar aqueles com quem falo com a mesma reverência que me deverias, não fosse a tua repulsa natural pela autoridade e a tua inabilidade para dar conta do misticismo das coisas, então, intercala Joana, está toda a gente feliz, todos não, replica o tecto, essa é uma impossibilidade que decorre do fabrico original do mundo, mas aqueles que importam estão-no, e o que importa são esses, e quem são esses, pergunta Joana, aqueles que andam às minhas cavalitas, e são muitos, são os suficientes, vou voltar a ver-te, eu vou estar sempre por cima de ti, podes é voltar a ouvir-me, tu percebes, sim, e então, não sei.

Deixe a placenta aqui mesmo, indica o médico de turno, apontando para um receptáculo metálico ao lado da marquesa de Joana, deixe aqui que logo virá alguém da anatomia patológica recolhê-la, e não a pesamos, por mim não, mas é uma bela placenta, é só mais uma, mas esta é das mais bonitas que terei visto, não é nada má, de facto, mas insuficiente para me levar a ficar por aqui mais dez minutos, a sujar coisas, para satisfazer

uma curiosidade volúvel, como ainda há pouco lhe chamou, percebe, o colega parece ter um problema com a impetuosidade da juventude, retorque o médico mais jovem, de todo, colega, de todo, apenas se me acabou o turno, nesta tragédia, e gostava de ainda sair a tempo de ver a luz do dia, coisa que para si poderá ser de somenos, porque a dá como garantida todos os dias dessa eternidade a prazo, mas eu sou da velha guarda, como deve calcular, e acabo por dar valor a coisas pequenas e transitórias, e o que para mim é o sal da vida deve ser para si inosso, pelo que só temos de reconciliar as nossas vontades e sair daqui, e deixar estas pessoas em paz, para que tenham oportunidade de digerir isto como casal, e a mulher, colega, a mulher terá de ser avaliada pela psiquiatria, tanto poderá ter queimado um fusível como apenas estar em choque, e o que acha o colega, eu não sou psiquiatra, ainda assim, insiste o mais novo, acho que quando se cruzam algumas pontes não se consegue voltar para trás, porque elas desabam à nossa passagem, mas já me enganei em tudo e em muito, pelo que a minha opinião vale o que vale.

Os dois médicos afastam-se, e Jorge está sentado, na cadeira que o amparou na tragédia, mãos sobre o rosto, pensa e chora, pensa ou chora, muda somente a modulação do acto, sem mudar a disposição do corpo, somos novos, temos outro, e este há-de sair daqui num caixãozinho branco, imaculado do baptismo, sem nunca ter visto o mundo que mais não é do que a sarjeta cada vez mais funda da alma, vamos ao registo para a semana, é o Francisco, há muito tempo que o queríamos, morreu no parto: coitados, há-de dizer uma badocha qualquer, a quem proviremos a morada e o estado civil, e em menos de dez minutos teremos comunicado ao Estado, pela pessoa dos

conservadores, que falhámos miseravelmente na concepção das coisas, que o bolo se queimou no forno por desatenção ou ignorância, que não fomos capazes de crescer e multiplicar-nos, que apenas engordámos, meses a fio, para finalmente deglutir a morte num arroto inconveniente, e eles, que andaram anos a injectar-nos coisas para que nos dividíssemos numa profusão de bolor, hão-de doravante olhar-nos como os falhados que somos, toda a gente tem filhos, até os mais estúpidos e os mais pobres, esses ainda mais, e a nós só nos calhou carregá-lo da barriga para a cova, sem o interregno abençoado de uma fricção pelas coisas do mundo, falhámos, pensa Jorge, e chora, falhámos ou fomos castigados, o que, no fundo, em silêncio, admite para si próprio, é exactamente a mesma coisa.

A Jorge faltam as forças para se levantar, e sob aquele zumbido eléctrico de chuva luminosa, virar-se e encarar Joana, deitada de costas e amarrada – para sua própria segurança, garantiram, já mordeu uma enfermeira, complementaram – e dizer-lhe: Joana, meu amor, somos novos, podemos ter outro, e pôr na boca as palavras alheias, como se não tivesse próprias ou todas essas tivessem levado um sumiço tão definitivo que, doravante, Jorge só conseguisse falar pela boca dos outros, Joana, não é nada, afinal ele foi baptizado, como tu querias, terá ido para o céu, de forma tão directa como irreservada, senta-se ao lado Dele agora, junto ao Pai de todos os pais, a raiz de toda a maternidade realizável, pensa que lhe calhou o melhor possível, somos novos, podemos ter outro, que consigamos estragar pelo espartilho do afecto irrestrito, falhámos, foi a primeira tentativa, é natural, deixa-me desapertar-te as mãos, amor, e os pés, e vamos procurar a tua roupa, e depois vamos ver o Francisco, onde quer que ele esteja, se quiseres, claro, se quiseres, hão-de

o ter aberto e suturado, para lhe descobrir o defeito de fabrico, talvez o tenham enchido de trapos, como as bonecas do antigamente, e afinal mandamos enterrar só uma pele, uma pele absolutamente homogênea, que nunca rasgou, pelos olhos, para deixar o mundo salpicar-lhe os gomos do desejo, e se calhar é melhor assim, que somos novos, podemos ter outro, outros, gémeos, quem sabe, os tratamentos são cada vez melhores, cada vez mais capacitantes, qualquer dia estamos fartos da gaiatada a correr pela casa, as crianças num zurzir de moscardos anões, a carambolar um frenesim incontrolável que termina aproximadamente na linha da cintura, tu muito mãe, a chamá-los para comer ou para tomar banho e eu, muito pai, a repreender-lhes a lassidão em fazer uma coisa ou outra, e vamos envelhecer assim, juntos, como prometemos quando descobrimos que seria inevitável envelhecer, percebes Joana, encara isto como um primeiro ensaio, onde corre tudo tão mal quanto possível e que prenuncia uma maravilhosa estreia, como sempre acontecia nos teus tempos de faculdade e de teatro, somos novos, vamos ter outros, vamos envelhecer assim juntos, e Jorge, a custo, trôpego de uma fraqueza que lhe começa na cabeça e se alastra pelo corpo todo, levanta-se, devagar, apoiando-se nos joelhos para encimar a coluna, apoiando-se nos rins para desfazer o nó na bacia, vira-se devagar e lá está Joana, muito sorridente, solta de mãos, Jorge esfrega os olhos para desfazer equívocos visuais, é ela, sim, a acenar-lhe, a pôr o indicador sobre a boca para que ele faça silêncio, e, ao aproximar-se, Jorge vê que Joana abraça e tem sobre si a placenta que ficara para alguém da anatomia recolher, levantou a bata à altura do peito e leva a placenta à mama como se a placenta fosse uma criança, soltam-se pequenos bocados do órgão, que ela sacode como migalhas, está feliz,

faz o gesto para que Jorge se aproxime, quererá partilhar a felicidade, tem o seio direito e a barriga cheios de sangue, é a placenta espremida a liquefazer-se, daqui a pouco nada sobrá daquele órgão arvorado em criatura senão uma grande mancha de sangue, e Jorge leva as mãos à cabeça, tenta sorrir, afinal a morte não tem de ser um acontecimento simultâneo, e Joana segura com firmeza a placenta, que, no término da sua função, vai deixando de encontrar argumentos para manter a coesão interna, e daqui a bocado é só sangue, pensa Jorge, é só sangue, e no que vai ela pegar quando já nada daquilo sobrar, pensa, e, ao chegar perto de Joana, deixa-se cair de joelhos e sente a mão dela sobre a sua cabeça, a afagar-lhe os cabelos, já somos uma família, ouve, já somos uma família.

*Na palavra abysmo, é a forma do y
que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,
é transformá-lo numa superfície banal.*

Teixeira de Pascoaes

Edição #16

Lisboa, Julho 2013

Ilustrações e logótipo convidado Alex Gozblau

Revisão Raul Henriques

Composto em caracteres Sabon sobre Munken pure creme 100 g.

Caderno das ilustrações em Couché mate 150 g.

Capa em Cartolina chromocard 260 g.

Tiragem 1000 exemplares

Composição Undo

Impressão e acabamento Europress

Depósito Legal ???

ISBN 978-989-98019-8-1

abysmo

Rua da Horta Seca, 40, r/c

1200-221 Lisboa

www.abysmo.pt